POR AMOR À GEOGRAFIA: ENTREVISTA COM ROGÉRIO HAESBAERT

Igor Dalla Vecchia[1]

Lucas Manassi Panitz[2]

ROGÉRIO HAESBAERT E SEU AMOR À GEOGRAFIA

A entrevista que as leitoras/es poderão conferir a seguir foi construída a partir de muitos encontros, conversas, edições e diálogos. Nossa intenção não era a velocidade da conclusão, mas um trabalho maturado, que oportunizasse oferecer uma leitura sensível e um retrato autêntico da vida do nosso caro entrevistado, o Prof. Rogério Haesbaert.

A proposta da entrevista surgiu em conversas informais, nos encontros pelos cafés do Rio de Janeiro e em caminhadas pela cidade. Logo entendemos que, para além do entusiasmo com a entrevista, teríamos muito trabalho pela frente. Afinal, trata-se de um dos maiores geógrafos em atividade no Brasil e na América Latina. Conceitualmente, interessou-nos elaborar um roteiro que permitisse abordar o entrelaçamento da vida pessoal com as escolhas teóricas do Prof. Rogério. Essa concepção nos levou a organizar o texto nos moldes de uma cronologia editada, para que esta pudesse representar, com a maior integridade possível, os eventos mais significativos da vida do entrevistado. O momento não poderia ser mais oportuno: nossa entrevista ocorreu apenas algumas semanas após a sua aposentadoria na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Em função da mobilidade reduzida do Prof. Rogério – que havia sofrido um acidente de trânsito alguns meses antes – nossa entrevista aconteceu em seu apartamento, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, e se estendeu por toda a tarde de 1º de agosto de 2019 até o anoitecer. Foram mais de quatro horas de conversas, impulsionadas por perguntas e curiosidades que levamos ao entrevistado. Tivemos conosco a contribuição de questões de outros professores/as, como Adriana Dorfman,

[1] Doutorado em andamento em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil

[2] Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Litoral Norte

Álvaro Heidrich e Nelson Rego – todos que, de alguma forma, se relacionaram academicamente com o Prof. Rogério.

Parafraseando seu livro, estamos diante não só de uma figura intelectual que expressa seu "amor aos lugares", mas principalmente de alguém que nutriu, desde sempre, um amor à Geografia. Por esse motivo, a entrevista que segue nos lembra que o talento, a intuição e a concisão acadêmica têm origem nos acúmulos pessoais das experiências de vida do Prof. Rogério, que vão desde a infância até a idade adulta. E ainda, que sua visão de mundo, alargada por sua história de vida, pelas viagens e pelo seu trânsito entre realidades sociais distintas, revela sua criatividade teórica ímpar.

O material que segue é um registro histórico relevante para o pensamento geográfico brasileiro. Com esta entrevista, e em parceria com a Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Porto Alegre, estamos lançando um chamamento à comunidade geográfica sul-rio-grandense e brasileira para a realização de entrevistas com as personalidades que marcaram a história da Geografia brasileira: intelectuais, profissionais, pesquisadoras/es e professoras/es proeminentes. Com isso, esperamos incentivar as novas gerações a um envolvimento ativo na construção da memória da AGB e da Geografia no Brasil.

Agradecemos à disponibilidade e ao carinho com que o Prof. Rogério nos acolheu ao longo de todo o processo, que incluiu a entrevista e diversas etapas de edição e revisão.

Às leitoras/es, desejamos uma ótima viagem pelos territórios, paisagens, lugares, regiões, fronteiras e demais conceitos geográficos constituintes da vida do Prof. Rogério Haesbaert.

Igor Dalla Vecchia e Lucas Manassi Panitz

** Nota editorial: no documento original, havia um sumário, contudo, ele perde o sentido dentro do BGG. A entrevista está dividida em sete partes e, ao final, há uma cronologia das atividades dos professor Rogério Haesbaert.*

PARTE 1: A ENTRADA NA GEOGRAFIA

Igor – Nós separamos a entrevista em partes e respectivas temáticas. Nesta Parte 1 queríamos tentar entender um pouco como foram a sua infância e adolescência – creio que a maior parte em Mata. Depois, você foi para Santa Maria. E como foi, nessa infância e adolescência, esse seu despertar para questões relativas à Geografia, que depois desencadearam a sua escolha pelo curso de Geografia.

É, tem uma ideia que pode parecer meio absurda, mas é fato: eu não sei de onde veio o meu interesse pela Geografia, porque, desde que eu me conheço por gente, eu era fascinado por mapa, por saber o que estava acontecendo em outros lugares, o que estava para além do meu horizonte. E a minha família fez muitas mudanças. Acho que isso também tem um pouco a ver.

Eu fui registrado em São Pedro do Sul, mas minha mãe morou lá poucos meses depois do meu nascimento. Por isso eu não posso dizer que vivi em São Pedro. Fomos para a zona rural de Mata, que era distrito do município de São Vicente do Sul, então chamado General Vargas. Zona rural mesmo, local denominado São José do Louro. Era onde o meu avô, pai de minha mãe, morava. Ele era de origem alemã e teve onze filhos. Ele distribuiu um pedacinho de seus trinta e poucos hectares para alguns filhos, deu um pouco para cada um. E isso até gerou um problema depois, porque muitos não ganharam. Até hoje alguns ainda moram lá – agora, primos; os tios já se foram. Um desses primos criou um museu, "Fragmentos do Tempo", com várias referências à família Haesbaert. Dali, com seis anos de idade, para estudar, eu fui para Mata – que, na época, era uma vila; tinha uns mil e quinhentos habitantes considerados urbanos – neste conceito polêmico de urbano que temos no Brasil, político-administrativo, como população que vive em sede de município (cidade) ou de distrito (vila). Mas para mim isso representava uma grande mudança, sair da zona rural e morar na "cidade". Mata era um pequeno núcleo que reunia principalmente descendentes de alemães e italianos, numa das últimas levas de expansão da migração europeia que completou a ocupação das áreas de floresta na encosta da Serra Geral do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Como uma área de serra, um dos últimos contrafortes da Serra Geral, era bem diferente da vizinha São Vicente, já em plena Campanha. Quando se separou de São Vicente ficou bem clara a distinção entre um município mais "serrano", Mata, junto à baixa encosta da

serra, e São Vicente com todo aquele pampa a perder de vista, somente com dois cerros, os morros testemunhos Cerro do Loreto e Seio de Moça – no meio do Pampa, num lugar chamado Loreto, que era o único distrito fora da sede do município. E de onde, depois, viria a família de meu cunhado, casado com uma de minhas duas irmãs – somos quatro filhos, dois casais.

De nove até os onze anos, moramos em São Vicente do Sul, três anos. Os meus dois irmãos mais velhos, para poderem estudar, moraram com os meus avós em Santa Maria, mas eles não tinham mais como mantê-los e como em São Vicente, ao contrário de Mata, havia segundo grau, eles vieram novamente morar conosco. Naquele tempo havia o temido exame de admissão para passar do primário ao ginásio, com a possibilidade de "pular" o quinto ano, passando do quarto direto para o primeiro ano do Ginásio. Eu fiz esse exame de admissão em São Vicente e depois cursei ali o que hoje corresponderia à quinta e sexta séries.

Aos doze anos eu fui para Santa Maria. E em Santa Maria moramos em vários cantos da cidade. Praticamente, demos uma volta na cidade. Sempre em casa alugada, moramos em uns seis locais diferentes, até que, depois de oito anos, meu irmão conseguiu ajudar meu pai a comprar um pedacinho de terra na periferia de Santa Maria, e ficamos ali. Ele mudava muito de profissão, embora gostasse mesmo era do campo. Somente por um período pequeno é que ele teve um campinho para ter algumas cabeças de gado.

Igor – Ele quem? Seu irmão ou seu pai?

Meu pai.

E essa atração pela Geografia, de querer conhecer outros lugares, eu lembro que eu era muito pequeno, antes de seis anos, antes de morar em Mata, quando morava na zona rural em São José do Louro, meus parentes chegavam lá e pediam para eu discursar. Eu subia em um banquinho e começava a falar. Inventava estórias. O Rio de Janeiro era um dos espaços ao qual eu mais me referia. Lembro da estória que eu inventei de cachorrinhos que nasceram em cima do Pão de Açúcar.

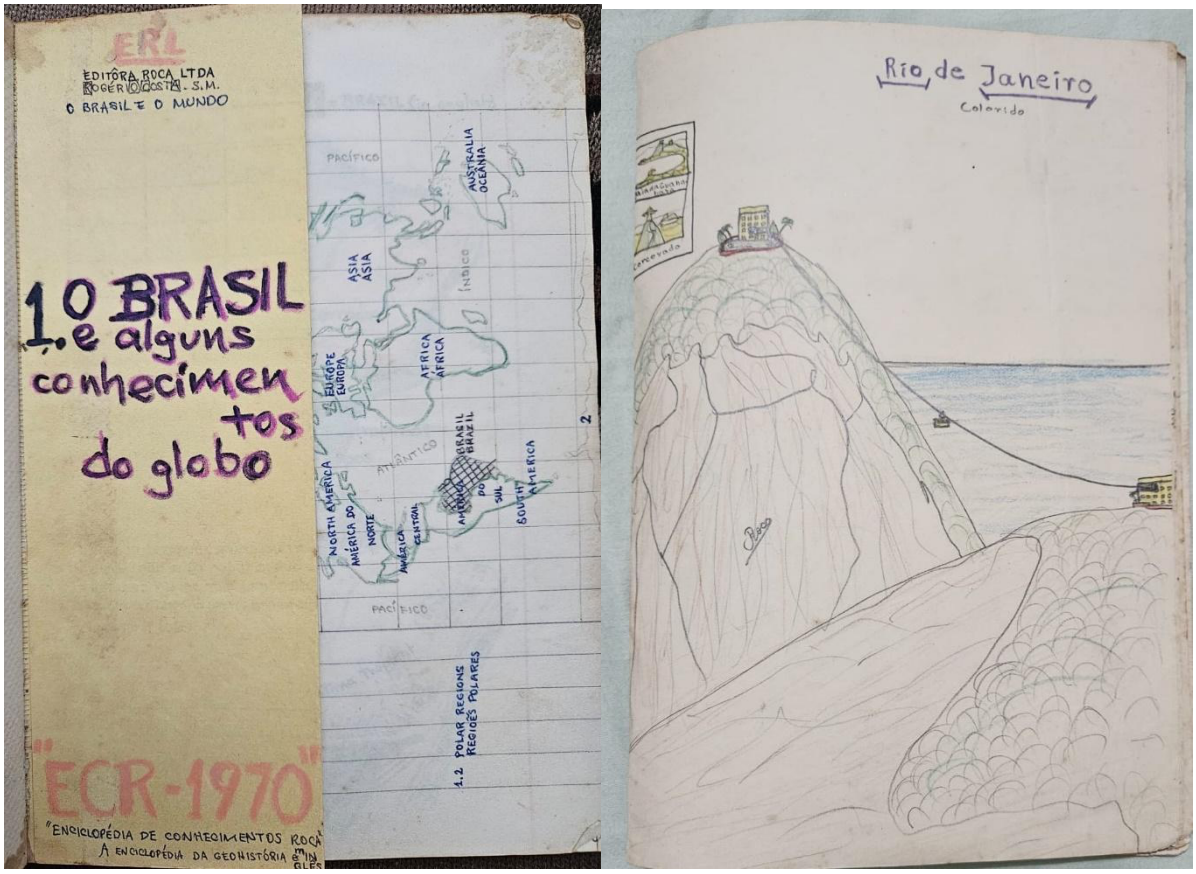


Figura 1: Caderno ("livro") de geografia (1970) e desenho do Pão de Açúcar (1968)[3].

Lucas – Já tinha um encantamento pelo Rio de Janeiro.

É, acho que também porque eu tinha um primo que morava aqui e de vez em quando meus tios, de Santa Maria, vinham nos visitar e traziam notícias dele... Tinha uma referência. Esses tios nos levavam calendários, essas folhinhas que vinham com fotografias do Rio de Janeiro. Então eu ficava imaginando o Rio de Janeiro, quase como se fosse um outro mundo.

Depois, em Mata, eu comecei com os cadernos de geografia. Pedia como presente de Natal e aniversário, para encher de mapas e relatos de países. Quando eu cheguei em São Vicente, eu fiz uma espécie de almanaque geográfico, onde descrevia todos os países e ilustrava com desenhos que eu mesmo fazia, e que até ficou na biblioteca da escola. Uma prima de Santa Maria me presenteou também com um Atlas. E aí, em São Vicente, com dez anos de idade, eu participei de um concurso em que eu era o único que concorria. [risos]

[3] Todas as figuras nesta entrevista fazem parte do acervo pessoal do entrevistado.



Figura 2: Desfile de 07 de setembro de 1968 em General Vargas (a partir de 1969 denominada São Vicente do Sul. Rogério à direita da bandeira, no centro da imagem, antes do concurso de perguntas sobre Geografia na praça da cidade.

Igor – Concorreu consigo mesmo.

Comigo mesmo, na praça, na Semana da Pátria. Como eu sabia todas as capitais e limites de países, principais cidades e rios, o professor de Geografia, o padre e até o prefeito faziam perguntas no palanque oficial da praça. Todos os dias da Semana da Pátria os estudantes se reuniam na praça e eu respondia. O prêmio foram dois anos de cinema grátis – um cineminha onde passava muito filme repetido, em preto e branco – e um dicionário de quatro línguas, que vinha também ilustrado com mapas. Foi um estímulo e tanto pra seguir minha paixão pela Geografia.

Para vocês verem como a Geografia continuava cada vez mais forte: depois, em Santa Maria, comecei a participar de programas de rádio. Na Rádio Imembuí havia um programa chamado *Música e Cultura*, que alternava mensalmente concursos sobre Geografia e História. O de Geografia eu sempre participava e ganhava, neste caso com diversos concorrentes [risos]. Sempre havia um livro como referência. Lembro bem, por exemplo, dos livros de Melhem Adas e de Aroldo de Azevedo.

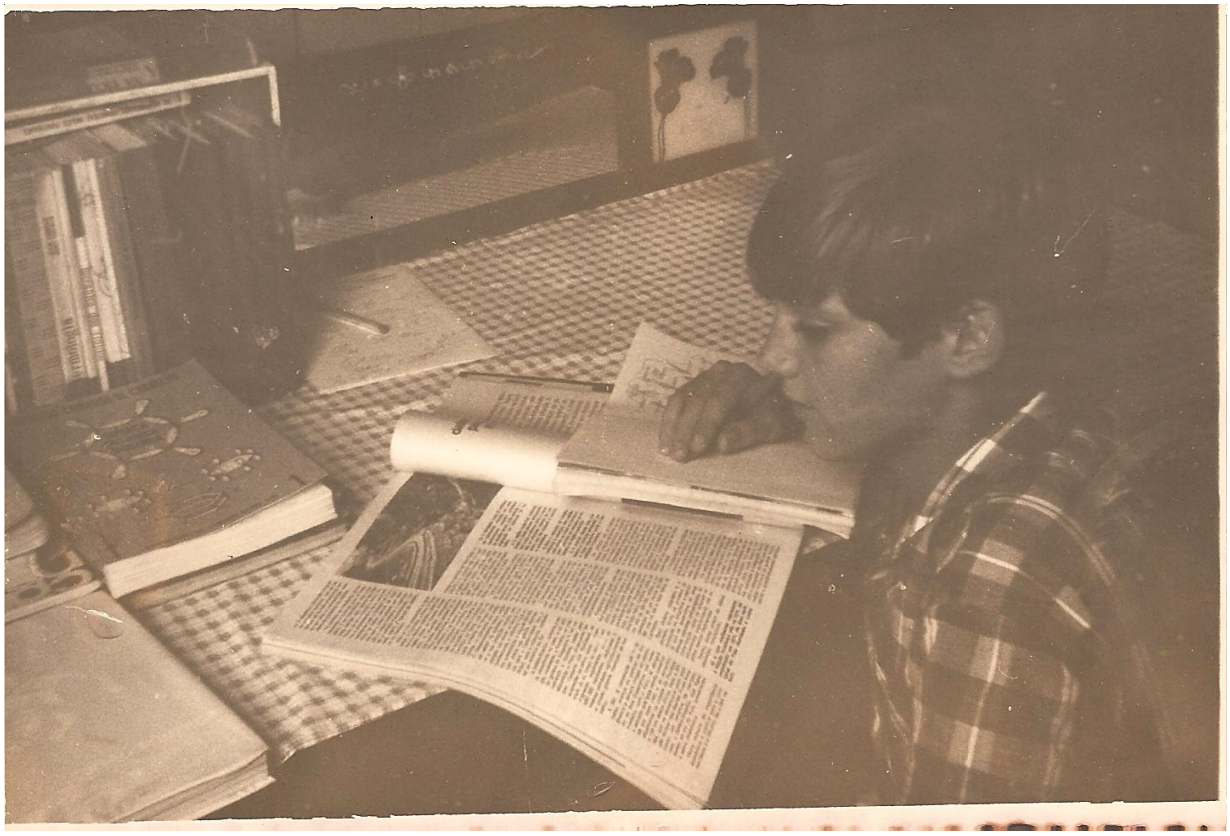


Figura 3: Rogério durante leitura da revista "Realidade", quando se preparava para o concurso de Geografia no Programa "Música e Cultura", da Rádio Imembuy, em Santa Maria, 1970.

Lucas – Geografia do Brasil do Aroldo de Azevedo.

Sim, Geografia do Brasil do Aroldo de Azevedo. Mas as perguntas eram basicamente factuais, como as principais cidades de Sergipe ou os produtos do extrativismo no Acre. O prêmio era um valor para gastar em uma loja de roupas, no centro de Santa Maria. Eu me vestia para o inverno com os prêmios da loja. Então sempre tive esse vínculo muito forte com a Geografia.

Em São Vicente do Sul, o primeiro trabalho remunerado que eu consegui, entre os 9 e os 10 anos, foi vender revistas na rua. Eu pegava na distribuidora, saía batendo na porta das casas e vendia. Entrava pra vender nos ônibus também, na rodoviária. Foi quando eu conheci a minha primeira correspondente, num ônibus da linha Porto Alegre-Buenos Aires. O meu jeito, querendo conhecer o mundo, numa época tão distante da internet, foi o correio, inventar os correspondentes.

Lucas – O ônibus Porto Alegre-Buenos Aires passava por São Vicente?

Passava por São Vicente; não havia ainda a BR-290. E era estrada sem asfalto, não lembro quanto tempo levava essa viagem.

O meu irmão vendia passagem na rodoviária. Eu podia entrar nos ônibus para vender as revistas. Foi aí que conheci duas moças de Buenos Aires. Uma delas, pra minha sorte, trabalhava numa agência de turismo. Ela passou a me enviar material turístico com mapas do mundo inteiro – da Rússia, da Europa, dos Estados Unidos. Uns mapas e prospectos enormes. Bah, aquilo ali para mim foi...

Lucas – Mas não era postagem paga, ela te mandava na camaradagem?

Sim, sim. E eu escrevia para ela, contava as minhas histórias de São Vicente e dos gaúchos como meu pai, que ela dizia ter tudo a ver com os gaúchos argentinos. Comecei assim a aprender espanhol, além da ajuda das emissoras de rádio que minha mãe escutava, de Montevidéu. Ela gostava muito de tango e ficou muito feliz quando meu pai comprou nosso primeiro rádio, quando chegamos em Mata.

Já em Santa Maria, com 14 anos, comecei a me corresponder com uma chilena de Valparaíso que colocou um anúncio no jornal Folha da Manhã de Porto Alegre. O incrível é que a reencontrei pelo facebook e vim a conhecê-la pessoalmente há pouco, quase meio século depois, numa viagem a Santiago.

Depois, com 17 anos, coloquei um anúncio numa revista para adolescentes chamada *Pop,* aqui do Rio de Janeiro. Falava que era pré-universitário de Geografia e que queria me corresponder para troca de selos, mapas e postais. Choveram cartas, mais de cem. Eu aluguei uma caixa postal, porque a entrega de cartas no meu bairro da periferia era problemática, as cartas se perdiam. Dessas mais de 100 cartas, eu acabei ficando com cerca de 30 correspondentes – alguns deles, inclusive, do exterior. Não sei como é que essa revista foi parar em outros países. Abrir a caixa postal era uma festa. Tive um correspondente do Canadá, de Vancouver, que depois foi me visitar em Santa Maria. Tive uma correspondente de Nuremberg, na Alemanha, que muito tempo depois, em minha primeira viagem à Europa, em 1989, eu conheci pessoalmente. Outro correspondente era do México, muito interessante, porque ele me abriu a cabeça para o que estava acontecendo naquela época no Brasil. Ele mandava artigos do Francisco Julião, grande líder das Ligas Camponesas, que foi obrigado a se exilar. Comecei assim a ver realmente o que estava acontecendo em termos de ditadura por aqui. Porque, para mim, só se

falava em “Brasil grande”. Eu recebia revistas gratuitas que havia na época, distribuídas pelo governo como propaganda. Havia uma, chamada *Rodovia,* mensal, muito bem editada, com muitos mapas e fotografias. Até hoje lembro dos números especiais sobre a Transamazônica e sobre a ponte Rio-Niterói. Eles distribuíam gratuitamente para fazer publicidade das obras do governo. E eu – e tantos outros - achávamos uma maravilha.

Igor – Quando você diz “abrir a cabeça” é se aproximar de uma visão mais crítica?

Exatamente. Ter uma visão do que realmente estava acontecendo no país, porque nós, especialmente quem vivia no interior, éramos completamente iludidos, manipulados. Tínhamos somente a ideia do “milagre brasileiro”, do “ame-o ou deixe-o”, o grande mote do regime militar – ou seja, só tínhamos essas duas opções, “amar” o Brasil da ditadura ou, na oposição, fazer uma oposição “pro forma”, a do MDB, ou uma oposição de fato e correr o risco de ser mandado para a prisão ou o exílio.

Igor – E que idade você tinha? Dezesseis?

Dezessete anos quando começaram os correspondentes, além da argentina e da chilena, mais antigas. Foi quando estava terminando o Segundo Grau, então chamado Científico. Mas as notícias sobre a ditadura só vieram quando eu já estava na universidade.

Chegando em Santa Maria, aí teve um problema quando nos mudamos. Primeiro que o meu pai não tinha emprego fixo. E ele não queria se mudar de São Vicente do Sul para Santa Maria. Mas em São Vicente também a situação econômica estava muito difícil, o campo que ele havia comprado durou dois anos, endividado, ele teve de vender. A casa no campo era de sapê e chão batido. Morávamos de aluguel na cidade, numa casa sem água encanada e sistema de esgoto. Minha irmã e meu irmão trabalhavam de dia e estudavam à noite. Até eu, como falei, conseguia uns trocados vendendo revistas. Em Santa Maria, um dia depois de completar 14 anos, tive meu primeiro emprego de carteira assinada, como “auxiliar de empacotador” numa loja de tecidos. Com o cansaço e a exploração – ainda tinha de lavar a loja e entregar acolchoados na periferia da cidade, de ônibus – mal aguentei um semestre. O aproveitamento no curso noturno também caiu.

Quando cheguei em Santa Maria havia um problema sério, porque eu estudava francês – naquela época ainda era a língua mais difundida, nossa segunda língua no interior.

Chegando em Santa Maria, eles já estavam no segundo ano de inglês. Fui obrigado a me preparar durante as férias para poder acompanhar. Mudei também de escola duas vezes, pois a primeira, o Colégio Coronel Pilar, era muito distante, o curso era noturno e eu tinha apenas 12 anos. No ano seguinte por sorte consegui vaga numa das melhores escolas públicas de Santa Maria, o Colégio Professora Maria Rocha. Um ponto a destacar aqui é este acesso a boas escolas públicas, o quanto isso é importante para quem vem das da classe trabalhadoras, pois é praticamente a única saída de uma condição subalterna.

Assim que entrei no segundo grau, onde escolhíamos entre o "Clássico", mais próximo das humanidades, e o "Científico", o governo fez uma reforma na educação e propôs, ou melhor, impôs o ensino profissionalizante. Mas as escolas não tinham a mínima infraestrutura para oferecer esse ensino profissionalizante, muito menos uma variedade de opções. Então, em nossa escola, tínhamos somente duas alternativas: mecânica e tradutor e intérprete. Não tive a menor dúvida em escolher tradutor e intérprete, para aprimorar o português e aprofundar o inglês. Apesar da enorme carga horária, por um lado foi bom, porque eu tinha cerca de oito aulas de inglês na semana, literatura norte-americana, fonética, redação, disciplinas interessantes. O inglês era fundamental para ampliar os correspondentes no exterior, além de ter me servido bem mais tarde para realizar algumas traduções na área de Geografia.

Igor – É, estava se correspondendo com um monte de gente de fora.

Esses correspondentes foram fundamentais.

Depois também eu viajei pelo Brasil. Já na universidade, fazíamos festas, rifas, e juntávamos dinheiro o ano todo para alugarmos um ônibus e viajarmos nas férias. Comecei a viajar e a conhecer outros lugares, parando na casa dos correspondentes.

Lucas – Isso era uma cultura difundida na época?

Pelo menos no ambiente estudantil de Santa Maria. Mas, no meu caso, havia fundamentalmente o interesse geográfico: conhecer outros lugares e culturas. Chegou uma época em que eu não tinha como manter a correspondência porque era muito caro o correio e dar conta de tantas cartas. Lembro da época em que meu pai tinha um pequeno bar. Eu atendia, trabalhava no balcão e tirava um pouquinho de dinheiro por minha conta para poder manter os correspondentes, pois de outra forma não teria como.



Figura 4: Carteiras de estudante de 1971 (3ª série do Ginásio) a 1974 (2ª série do Científico).

Igor – E nesse momento de infância e adolescência, quando você tinha esses interesses, como era a relação com a sua família? Tinha certo apoio, um incentivo?

Da minha mãe, certamente. A maior frustração dela foi não ter estudado. Ela contava uma história de que meu avô tinha condições de dar educação apenas para uma filha; e ele tinha quatro. Dos onze filhos, quatro eram mulheres. E como poderia proporcionar educação para somente uma, para não cometer injustiça, acabou não dando oportunidade para nenhuma. Era muito cara a manutenção na cidade. Minha mãe sempre gostou muito de ler. Mas estudou somente até o terceiro ano primário – que era o que havia em São José do Louro, localidade rural onde morávamos – e onde até hoje tenho primos e o cemitério onde estão sepultados meus pais e avós. Era uma grande frustração dela que não queria que se repetisse com os filhos. Lutou para convencer meu pai de que todos nós deveríamos estudar.

Já o meu pai era outra história, típico gaúcho, sempre gostou da atividade rural, especialmente tropeirear. Certamente, se fosse pelo meu pai, nós teríamos ficado

trabalhando no campo. A grande frustração dele foi não ter um filho que gostasse da lida campeira. O grande sonho dele era viver como tropeiro. Aliás, grande parte da memória dos últimos tempos dele era de tropeiro. Ele contava muita história, muito "causo" daquelas tropeiradas. Provavelmente inventava, "floreava" um pouco. Mas era impressionante o quadro que ele trazia através dessas histórias como um herdeiro da figura mais típica do gaúcho, ele próprio quase sempre de bombacha, e sua forte ligação com o campo, com o gado, com o cavalo. Cavalo que ele manteve até por volta de uns 80 e poucos anos. Só deixou o cavalo quando dissemos para ele parar – ele desfilava todo "dia do gaúcho", o 20 de Setembro, em Santa Maria. A última vez que ele montou, não conseguia mais descer. Só assim ele se convenceu de que teria que parar.

Mesmo em Santa Maria, meu pai sempre tentou trabalhar com gado. Durante um tempo, ele criou vacas leiteiras. Dentre as várias profissões que ele exerceu em Santa Maria, uma delas foi leiteiro, alugando terreno para colocar algumas vacas de leite. Meu irmão, que, com muita dificuldade, conseguiu se formar em medicina, acabou comprando o segundo desses locais, e meu pai permaneceu lá até o final da vida, na periferia de Santa Maria. Era uma antiga granja da Viação Férrea, setor que era muito forte em Santa Maria, perto do antigo bairro dos ferroviários, o bairro Itararé. Aliás, Itararé é o nome da cidade de São Paulo que se ligou a Santa Maria através da ferrovia. Nossa casa era próxima desse bairro, no "Campestre do Menino Deus", um vale da Serra Geral. Meu pai tinha algumas vacas de leite, e eu trabalhei com ele durante um tempo. Saíamos numa carroça, bem cedo, para distribuir leite em diversos locais da cidade. Depois, inauguraram uma indústria de laticínios que proibiu a venda a domicílio. Tínhamos de vender diretamente para a empresa, com muitas exigências e a um preço baixo. Assim, ele teve de deixar a leitaria. Mas a ligação com a terra sempre foi o grande norte dele. Certa vez, sem terra, pensou até em seguir a rota de alguns primos, e mudar para o Mato Grosso, no que foi prontamente dissuadido por nós.

Igor – Então foi mais a sua mãe que o incentivou?

Sim, ela sempre deu muita força para estudarmos. Foi em grande parte por ela que conseguimos que meu pai mudasse para Santa Maria. Ela o convenceu que os filhos acabariam indo para a faculdade se ele fosse para lá. Se ele não fosse, nós teríamos que

ficar no campo. E na situação em que ele estava, sem terra, sem emprego e com dívidas, não faria muita diferença.

Igor – E você teve outros irmãos que seguiram a carreira na universidade?

Eu tive o meu irmão, que, como falei, se formou em Medicina com muito custo, trabalhando também. E a minha irmã, que se formou em Letras, sempre, também, trabalhando como balconista no comércio. Hoje o meu irmão é médico em Encruzilhada do Sul. E a minha irmã era professora da UniRitter. Depois, foi despedida, quando a universidade foi comprada pelos americanos. Foi comprada pela Laureate. E a outra irmã, que mora em Santa Maria, acabou estudando até o segundo grau e, por ser a única a morar perto, pode cuidar do meu pai e da minha mãe na velhice. Minha mãe faleceu em 2009, e meu pai este ano, 2019.

Lucas – Rogério, por volta dos dezesseis anos, quando chega a época do vestibular, você já entrou na Geografia sabendo que era isso que você...

A minha única dúvida era fazer dois cursos ... Tem outra história em paralelo: eu gostava muito de comunicação. Eu criei um jornalzinho. No primeiro local em que nós moramos em Santa Maria, alugamos uma casa humilde em meio a vizinhos de mais posses. Eu inventei ali o *Jornalzinho da Quadra,* mimeografado, que distribuíamos entre os moradores. Eu era o presidente do Clube da Quadra. Um dos vizinhos, que era revendedor da carros em Santa Maria, patrocinou a propaganda da Chevrolet no jornalzinho. E, para me ajudar, ele me dava, digamos, hoje, 20 reais por mês, que eu achava um dinheirão para comprar minha coleção em fascículos de “Geografia Ilustrada”. Com isso, minha única dúvida era fazer também vestibular para Comunicação Social, além de Geografia, é claro.

Igor – Essa era meio evidente.

Essa era certeza total. Aí fui direto para a Geografia.

PARTE 2: A RELAÇÃO COM SANTA MARIA

Igor – Acho que podemos entrar na Parte 2, já que você começou a falar de Santa Maria, o começo.

Nesta parte, queremos saber as suas relações com a cidade de Santa Maria. E a primeira pergunta é como foram os anos de formação na graduação? Você se formou numa ênfase, numa modalidade, a licenciatura; depois, fez a outra, o bacharelado. Mas como foram os anos de graduação?

Bom, com essas dificuldades que nós tínhamos, especialmente financeiras, não foi fácil. No primeiro semestre de Geografia na Universidade Federal de Santa Maria eu fiz disciplinas com professores muito bons na área de Geologia. Como não havia graduação nessa área, eles ensinavam na Geografia e nas Ciências Agrárias. Destaco o professor Pedro Sartori, um grande especialista em vulcanologia, em derrames basálticos do Planalto Meridional.

Fiz Petrografia e Mineralogia (duas disciplinas separadas no curso de Geografia, imaginem) e, no segundo semestre, me tornei monitor. Depois, o professor Pedro me convidou para participar de um trabalho de campo, que para mim foi uma experiência fantástica: ele me convidou para auxiliá-lo numa viagem por Santa Catarina, de Chapecó até São Joaquim, coletando amostras de rochas. Isso porque ele desenvolvia a tese de que o último derrame não era básico, mas ácido, dando origem a uma rocha chamada de riolito, já identificada no planalto ao norte de Santa Maria. Quando chegamos em São Joaquim encontramos novamente a rocha que ele estava buscando. Foram uns dez dias pelo planalto catarinense. Foi a minha segunda saída do Rio Grande do Sul.



Figura 5: Trabalho de campo no planalto catarinense, coletando amostras de rocha em São Joaquim, 1977..

A primeira foi para conhecer o mar. Quando eu tinha onze anos, uma prima de Criciúma, no sul de Santa Catarina, me presenteou com a passagem – eu precisei de autorização de meu pai para viajar sozinho. E ainda tinha que trocar de ônibus em Porto Alegre. Foi assim que eu conheci o mar, na Praia do Rincão. Até hoje guardo o relato que fiz daquela viagem, com pequenos mapas desenhados a mão. Vocês podem imaginar o que foi uma viagem dessas para um garoto de onze anos que nunca tinha visto o mar.

Apesar desse trabalho de campo na área de Geologia e da monitoria em Mineralogia, minha preferência desde o início foi pela Geografia Humana. Basta ver aqueles cadernos que, desde os 7 anos, eu preenchia com mapas e descrições de países. Mesmo assim, logo depois de formado, meu primeiro emprego foi na FIC, Faculdade Imaculada Conceição, hoje Universidade Franciscana (UNF), em Santa Maria. Ali dei aulas de Mineralogia, organizei um pequeno laboratório de Petrografia – com a ajuda do professor Pedro Sartori – e lecionei Biogeografia e Geografia do Brasil.

Lucas – Era um curso de Geografia?

Era um curso recente de Licenciatura em Geografia. Foi a minha primeira experiência no ensino superior. Quer dizer, segunda, porque, nas férias, assim que me formei, a Universidade Federal de Santa Maria me convidou para dar um curso de férias em Santiago, de Geografia Urbana. E foi ótimo, porque eu estava para vir para o Rio de Janeiro e, além da experiência, foi um dinheirinho muito bem-vindo.

Mas, falando em dinheiro, além da monitoria, no segundo semestre da universidade, eu fiz um treinamento em Porto Alegre, patrocinado pela Caixa Econômica, para trabalhar como atendente no crédito educativo, programa de auxílio a juros baixos oferecido a todos os universitários naquela época. Assim eu recebia a monitoria, o crédito educativo e como trabalhador da Caixa. Claro que levar o curso junto não era fácil, mas pelo menos tinha minha independência financeira – lembro do meu orgulho a primeira vez que, com 19 anos, meu pai me pediu dinheiro emprestado. Foi como se ali eu tivesse decretado a minha independência [risos].

Lucas – E o curso era diurno?

Era diurno. Mas eles ajustavam os horários do curso na Caixa Econômica com outras pessoas, para que eu pudesse atender os estudantes. Não foi fácil, foi muito pesado.

Ainda na área física eu tinha um professor muito bom também, o geomorfólogo Ivo Müller. Não me esqueço dos desenhos que ele fazia no quadro, das diferentes formas de relevo. E tive um de Geografia Agrária, disciplina na qual depois também fui monitor. Lembro que uma característica dele era defender em suas aulas a independência do Rio Grande do Sul. Era separatista.

Com ele também fizemos um trabalho de campo muito proveitoso por toda a Campanha Gaúcha. Saímos por São Gabriel, fomos até Lavras do Sul, Santana do Livramento, Quaraí, Uruguaiana e Alegrete. Eu me lembro como me impressionou o Pampa, entre Alegrete e Uruguaiana. Eu não sei se vocês já passaram por lá.

Lucas – Já.

Igor – Sim.

Fascinante aquilo: aquela planura sem fim. Parece um oceano verde. Depois, também fomos aos chamados “desertos” de São Francisco de Assis.

Lucas – Os areais.

Sim. Fiz até um relatório detalhado, com mapas da formação Botucatu. Isso me fez lembrar também que, no final do curso, fui aluno também de outra ótima professora, a Dirce [Suertegaray] que, creio, ainda não estudava os areais. Ela lecionava também em Ijuí e fazia mestrado na USP, uma das raras professoras com ou fazendo mestrado no nosso curso àquela época. Ela pode contar bem melhor para vocês essa história.

Lucas – Sim, já ouvimos relatos.

Ela também trouxe novidades da Geografia Quantitativa na disciplina de Metodologia.

Ah, e no meio do curso de licenciatura, foi criado o curso de bacharelado. Inventaram o curso de geógrafo. Eu acho que foi o único curso no Brasil que se denominou “Geógrafo”. Eu tinha até uma pasta do diretório acadêmico onde estava escrito “Geógrafo”, era o maior orgulho. Não era bacharel, nada disso, era simplesmente “curso de Geógrafo”.

Para completar, acho que também é inédito no Brasil, enquanto a Licenciatura em Geografia estava no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o Bacharelado se ligava ao Centro de Ciências Naturais. Cada um num centro – hoje Instituto – diferente dentro da mesma Geografia, da mesma Universidade. Que eu saiba, isso é inédito. Revela um pouco também da dificuldade de a Geografia se situar no âmbito formal do ambiente disciplinar e acadêmico.

Assim, acabei fazendo também o bacharelado e levando mais um ano para completar os dois cursos, no final de 1980.

Bem, aí temos ainda a questão do contexto político da época que estávamos vivendo, que é interessante abordar, do qual eu já falei um pouco. Vivendo no interior do país e sob uma ditadura, estávamos muito longe de conseguir acompanhar o que realmente se passava. Muito distantes também dos tempos de internet, uma das compras mais importantes que fiz com o dinheiro da monitoria foi um radinho de ondas curtas. Assim

comecei a escutar rádios como a Deustche Welle, a BBC e, depois, a Central de Moscou e a rádio Pequim (mais difícil de sintonizar).

Igor – E você conseguia compreender?

Todas elas tinham programação em português especificamente para o Brasil.

Lucas – Ah, eles tinham um programa em português? Eles sabiam que pegava no Brasil.

Claro, toda noite, um programa. E vários brasileiros que estavam lá, exilados ou não, participavam.

Lucas – E faziam propaganda comunista na rádio em português?

Sim. E falavam um pouco do que estava acontecendo no Brasil. Imagina, eu ficava com a cabeça totalmente confusa ... [risos]

E na Universidade de Santa Maria tem também a questão de seu olhar para a América Latina, do intercâmbio com estudantes de outros países, que já era forte.

Lucas – Você se lembra de alguma coisa mais propriamente latino-americana ou platina que estivesse nesse contexto da Universidade?

Eu me lembro da grande presença, já naquela época, de estudantes de outros países da América Latina.

Um dos meus maiores amigos era um paraguaio que estudava Agronomia. Como a disciplina de Petrografia era obrigatória para todos os estudantes de Agronomia e eu era monitor de Mineralogia, tinha contato direto com eles. Este amigo paraguaio eu também reencontrei há alguns anos via Facebook. Ele era muito crítico do regime ditatorial paraguaio, na época chefiado pelo general Alfredo Stroessner. Ele sem dúvida me ajudou a entender o que era nosso regime político, o que estava por trás do acordo de Itaipu, por exemplo. Mas eu participava pouco das atividades extraclasse que envolviam os estudantes latino-americanos, especialmente através das atividades do DCE, que tinha uma boate que frequentei poucas vezes. Eu era muito na minha, trabalhava e estudava feito doido, sobrava muito pouco tempo.

Lucas – Mas você se lembra, então, desses estudantes latino-americanos?

Sim, eram muito unidos e prezavam suas culturas de origem.

Lucas – E por que você acha que tinha, especificamente, esse contexto em Santa Maria? Tinha alguma explicação para esses estudantes latino-americanos estarem em Santa Maria?

Creio que seja por um programa de intercâmbio da universidade, uma política deliberada para receber e facilitar a vida desses estudantes, além de Santa Maria ter um custo de vida bem inferior ao de Porto Alegre e ser relativamente mais próxima dos países platinos. Como única universidade pública no interior da região Sul, tinha uma influência enorme. Muitos estudantes de Santa Catarina e do Paraná, também.

Igor – Você falou desse amigo paraguaio. Nesse momento, parece que você recebe vários estímulos de diferentes lugares do mundo, e alguns estímulos com cujo contato específico somente você está tentando – de correspondentes, e tal. E a minha pergunta é como que você, de alguma maneira, tentava dar vazão a essas coisas que estavam chegando para você? Você conversava muito com outras pessoas? Como você lidava com esse volume de informações de diferentes partes do mundo que estavam chegando para você? Ou ficava mais contigo, e você não verbalizava?

Como eu disse, nesses contatos, inclusive através do diretório acadêmico, acabei construindo uma rede de relações razoável com os outros estudantes, embora frequentasse pouco o ambiente extra-acadêmico. Muita coisa que eu ia conhecendo através desses múltiplos contatos, é claro, por força das circunstâncias, eu acabava não verbalizando. Mas também encontrei formas inusitadas de expressar o que pensava. Talvez a mais surpreendente tenha sido a participação em uma coluna semanal do principal diário de Santa Maria, *A Razão*. A história é curiosa. Um colunista regular do jornal, Orlando Fonseca, um dia resolveu escrever uma crônica chamada *O Geógrafo*. E o pessoal da universidade, os professores, leram – eu não tinha acesso todo dia ao jornal, mas eles leram. E perguntaram: “Rogério, ‘isso’ aqui não é você? Não é baseado em você?” Fui ler e tinha muito a ver. Como muitos cronistas, algumas coisas ele inventou e algumas eram de quando eu fora colega dele no ensino médio – que eu sabia todas as

capitais, desenhava os mapas no quadro, na aula de Geografia –, mas falava outras coisas não muito abonadoras também. Foi assim que acabei por contatá-lo, fui falar com ele, e ele, na maior gentileza, escreveu outra crônica, *O outro geógrafo,* e disponibilizou sua coluna para que eu também escrevesse.

Foi aí que escrevi algumas crônicas sobre o subaproveitamento dos rios do Rio Grande do Sul e sobre os resultados do Censo. Lembro do recenseamento de 1980 em que a mídia lamentava que tinha caído a população de Porto Alegre, ou melhor, que não tinha mais o patamar de crescimento da década anterior. E eu questionava esse argumento, mostrando que o aumento da população não significava grande coisa, e que poderia até significar o contrário. Enviei também alguns escritos sobre Geografia que acabaram sendo publicados no *Correio do Povo,* em Porto Alegre, onde também publiquei poesia. Era meio poeta na época. Também contribuía com o jornalzinho do DCE. Mas a crônica que gerou maior polêmica, próximo da formatura no bacharelado, foi "Geógrafos sem prática", no jornal *A Razão*, nem é preciso dizer por quê.

Lucas – Então, de alguma forma, você conseguiu manter essa coisa ligada à comunicação social.

É, acabei dando um pouco de vazão a isso; de alguma maneira, sim.

Lucas – E a vida universitária, como se desdobrou nesse ambiente político?

É importante lembrar que a Universidade de Santa Maria foi a primeira universidade pública do interior do Brasil. Foi criada em 1960. E construíram um grande *campus* no então distrito, hoje bairro, de Camobi. Aliás, Santa Maria, até hoje, é cercada de áreas estatais – pelo Exército, pela Base Aérea e pela Universidade. Na época, o *campus* ainda estava em construção. Lembro da inauguração da grande biblioteca central, das atividades no estádio, das feiras rurais, das sessões no planetário, dirigido por uma geógrafa, filha do ex-reitor que, junto com a mãe, num claro nepotismo, também lecionava no curso de Geografia. Ela e a mãe foram responsáveis por algumas das aulas mais anedóticas do nosso curso. Todos lembravam da carta de Pero Vaz de Caminha que a esposa do ex-reitor passava um mês lendo e comentando na disciplina de Geografia do Brasil.

Mas tem esse dilema de acompanhar o que estava se passando no país, e que ocorreu durante a minha graduação. Acho que junto com o general Geisel, com sua "abertura lenta, gradual e segura", eu também, ao meu modo, acompanhei aos poucos essa abertura. Acabei já no final do primeiro ano do curso, presidente do diretório acadêmico, o DACEB. Meio a contragosto, mas acabei entrando, até por falta de candidatos. Aquele tipo de participação estudantil tinha outro sentido político, tamanha a função assistencial e de promoção de eventos acadêmicos. Desse modo, tem uma história que reflete bem essa época de controle estudantil durante a ditadura.

Os novos presidentes de diretórios acadêmicos – de Santa Maria, pelo menos – tinham como compromisso obrigatório uma viagem a Brasília. Deveríamos levar um projeto de gastos, basicamente eventos que propúnhamos organizar, para solicitar recursos junto ao Ministério da Educação. E eu fui, com os outros presidentes de diretórios acadêmicos da Universidade, de ônibus, até Brasília. Lembro muito dessa viagem e guardo até hoje um relato detalhado que fiz. Na minha cabeça, o principal era conhecer Brasília, conhecer o Brasil para além da região Sul. Mas tínhamos também importantes audiências com o Ministro da Educação, Ney Braga, a quem entregamos nosso pedido de recursos, e com o Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, a quem solicitamos o reconhecimento da profissão de geógrafo. Para completar, na última hora, arranjou-se uma audiência com "um tal assessor do Presidente" – nada menos que, fui saber depois, Golbery do Couto e Silva, que eu não tinha a menor ideia de quem se tratava. Fiquei muito chateado pois haviam conseguido esse encontro justamente na tarde que eu tinha reservado para visitar as embaixadas, já de olho em alguma bolsa no exterior. Apesar de tudo, ainda fui, mesmo a pé, numa correria infernal, até a Embaixada da França. Quando consegui, no maior suador, chegar até o Palácio do Planalto, todos já estavam na reunião. Cheguei ao final, com tempo para tomar muita água e me despedir do "tal assessor" [risos]. Nunca iria imaginar que estava diante de um geopolítico, eminência parda do regime militar.

Lucas – O grande geopolitólogo do regime.

Sim, somente bem depois fui descobrir e ler seu famoso "Geopolítica do Brasil".

O que ficou realmente dessa viagem foi a outra geografia que eu não conhecia. E o questionamento político, claro, especialmente depois que jornalistas abordaram o

presidente do DCE perguntando o que nos havia trazido até Brasília. Além disso, nessa época também chegava o meu radinho de ondas curtas, as reportagens do Francisco Julião enviadas pelo correspondente mexicano e, através da monitoria em Mineralogia, o contato com estudantes de Agronomia – a área de Ciências Agrárias era o embrião do movimento de esquerda na UFSM. Foi por aí que comecei a desconfiar que um colega nosso era o dedo duro da turma.

Um dia ele me convidou para ir à Reitoria. Numa sala ao lado do Reitor, um pouco como agora estão tentando fazer em Mato Grosso, colocando um assessor diretamente vinculado ao governo, havia um professor que, pelo que deduzi depois, era o representante do SNI, o Serviço Nacional de Informações, na Universidade. Como eu comentava com meu amigo sobre as reportagens que recebia, ele abriu conversa com o professor e eu inventei de citar o nome de Francisco Julião. Ele se surpreendeu e fez uma crítica arrasadora ao "esquerdismo" de Julião. Muito provavelmente como resultado disso, o envelope seguinte que recebi do México apareceu aberto e algumas correspondências nunca chegaram.

Mas a viagem a Brasília não parou ali. Por minha conta, de lá me desliguei do grupo e fui para a Bahia, onde eu tinha um correspondente em Feira de Santana. Nessa ocasião eu atravessei o oeste da Bahia, que depois, não poderia imaginar, viria a ser a minha área de pesquisa na tese de doutorado. Eu começo a tese relatando essa viagem[4], falando um pouco sobre esse contraste do que vi e da dificuldade que era a viagem de Brasília para Salvador, na época, em estrada de terra. Tinha somente um trecho isolado, em cima do planalto, que era asfaltado.

Parei em Feira de Santana, na casa de meu correspondente, que também viria a me visitar em Santa Maria. Na viagem, conheci uma professora que depois me receberia em Salvador – numa favela na periferia da cidade. Foi uma experiência extraordinária.

Ainda naquele ano, 1978, fui a Fortaleza, ao III Encontro Nacional de Geógrafos, decisivo para minha mudança de perspectiva geográfica e política. Mas foi grande a dificuldade para esta viagem a Fortaleza. Arranjei dinheiro emprestado com o meu avô, que depois me cobrou com juros e correção monetária. [risos]

[4] A tese resultou no livro: *Des-territorialização e identidade:* a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: Editora da UFF, 1987.

Como a viagem era longa, novamente tive o apoio dos correspondentes. Parei em São Paulo e outra vez em Feira de Santana. Linhas de ônibus Santa Maria-São Paulo; depois, São Paulo-Feira de Santana e Feira de Santana-Fortaleza. Em Fortaleza ficamos no Ginásio Paulo Sarasate, e lá também tinha outro correspondente, com quem fiz um passeio até Maranguape. O mais marcante naquele evento foi a mesa com Milton Santos e Maurício de Abreu. Um embate entre duas visões de Geografia – a marxista e a neopositivista – que eu não conhecia, já que minha formação em Santa Maria era basicamente a da escola francesa clássica, e bastante descritiva.

Lucas – O Maurício era bem novo.

O Maurício bem novo, o doutor mais jovem da Geografia brasileira, chegando dos Estados Unidos. Tinha feito o doutorado com o Kevin Cox em uma abordagem geográfica quantitativa. E Milton vinha da França, já com uma visão crítica, muito distinta. Para mim foi um abalo. O Maurício conta muito bem o que sentiu em seu memorial: quando ele achava que estava chegando com a grande novidade, a novidade já era outra. E para mim mais ainda, pois eram duas novidades ao mesmo tempo... Impressionante essas mudanças na Geografia. A visão que se tinha na época era de mudanças radicais, verdadeiras "revoluções" – "revolução quantitativa", por exemplo. Não era à toa que a Geografia de base marxista se chamava Geografia Radical. É como se se renegasse tudo o que havia sido construído antes, como se não valesse a pena. Pode-se imaginar como eu me sentia, sem ter acompanhado nenhuma dessas "revoluções".



Figura 6. III Encontro Nacional de Geógrafos, Fortaleza, 1978. Rogério está ao centro, no alto, de óculos e camiseta; à sua direita está o geógrafo Armando Correia da Silva e logo abaixo, à sua à esquerda, Eliseu Sposito.

Tem outra história interessante também, sobre o meu contato com a Geografia quantitativa. Eu escrevi para o IBGE, falando do meu interesse pela Geografia, e eles, numa gentileza enorme, me presentearam com caixas da coleção do Boletim Geográfico e da Revista Brasileira de Geografia. Foi uma festa, eu não acreditava. Por outro lado, foi também uma inquietação tremenda ver aquela quantidade de fórmulas e métodos quantitativos, incompreensíveis pra mim, em parte dos artigos da Revista Brasileira de Geografia.

Lucas – Isso na época de estudante?

Na época de estudante, segundo ano da graduação. Eu fiz uma carta, e mandaram. Foi assim que me conscientizei da importância da quantificação na Geografia, pelo menos naquela que era feita pelo IBGE. No início dos anos 70 vieram geógrafos americanos,

principalmente Brian Berry e [John] Peter Cole, que deram cursos no Rio de Janeiro. Logo fiquei sabendo também do outro núcleo da Geografia quantitativa, a UNESP de Rio Claro, no interior de São Paulo.

Minha ligação com o IBGE durante a graduação também se deu de outra forma, mais direta. No nosso bacharelado, tínhamos novas disciplinas no final do curso que não se sabia quem ou como iriam ser ministradas. Geografia Aplicada, por exemplo, não tinha professor. Mas uma boa saída foi trazer geógrafos do IBGE para dar o curso – Aluízio Capdeville Duarte e Luis Bahiana.

Lucas – Eles eram do IBGE de Porto Alegre?

Não, daqui do Rio de Janeiro. Eles deram um curso concentrado em Santa Maria. Aluísio Duarte acabou sendo meu orientador de TCC, orientando pelo correio. Ele havia realizado uma grande pesquisa sobre a área central do Rio de Janeiro[5]. Resolvi tomar a metodologia, moldada inicialmente nos Estados Unidos, e aplicá-la na delimitação da área central de Santa Maria. Tarefa um tanto inglória, na era dos modelos espaciais moldados a partir da realidade dos países centrais. Mas até que o resultado, adaptando alguns indicadores, foi razoável. Apresentei o trabalho no encontro da AGB realizado em Porto Alegre em 1982.

Lucas – E você guardou esses TCCs, essas coisas? Você tem cópia deles?

Não tenho. Infelizmente. Somente o resumo nos Anais da AGB[6]. O TCC eu guardei até certo tempo atrás. Mas por falta de espaço para tanto material, acabei descartando.

Esse contato com os geógrafos do IBGE teve bons frutos. Aluísio depois me convidou para auxílio técnico numa pesquisa sobre a zona cacaueira da Bahia e participou da minha banca de mestrado, no Rio. Ele escreveu um texto sobre região que até hoje é uma referência importante e que me estimulou muito no repensar da questão regional, desenvolvida na minha dissertação de mestrado.

[5] Duarte, A. C. 1967. A área central da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Divisão de Geografia, Conselho Nacional de Geografia, IBGE. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv13561.pdf

[6] Delimitação da área central de uma cidade de porte médio – exemplo: a cidade de Santa Maria (RS). *Anais* 5º Encontro Nacional de Geógrafos: Contribuições científicas Vol. 1. Porto Alegre, 1982, p. 348-350.

Igor – Vamos falar, então, um pouco sobre a relação da AGB do Rio Grande do Sul com a sua formação.

A AGB foi muito importante, e não apenas a AGB nacional, também a de São Paulo e, sobretudo, a AGB do Rio Grande do Sul[7], fundamental na minha formação.

A AGB do Rio Grande do Sul era muito forte, sempre foi uma das mais articuladas no Brasil. Me lembro, por exemplo, de um curso de atualização que fiz em Porto Alegre, em que eu viajei por um mês todo fim de semana. Eu agora não vou lembrar os nomes dos professores que deram o curso por causa da minha memória, mas alguns ainda estão aí. O fato de ter uma irmã morando em Porto Alegre ajudou bastante. A partir daí comecei a ter contato com a biblioteca pública de Porto Alegre, comecei a fazer pesquisa lá. Descobri trabalhos como "A fisionomia do Rio Grande do Sul", do [Padre Balduíno] Rambo.

Também me fascinaram os estudos de geógrafos como Nilo Bernardes, Raymond Pebayle e Jean Roche sobre o Rio Grande do Sul[8]. Isso tudo acabei descobrindo lá. Troquei um pouquinho, nesses fins de semana, pelo menos, a biblioteca pública de Santa Maria pela biblioteca de Porto Alegre, que era muito melhor.

Também consegui fazer um curso na AGB de São Paulo, mais para o final do curso, já no bacharelado. Consegui ir até São Paulo especificamente para este curso, aproveitando para fazer contatos. Minha intenção inicial era fazer o mestrado em São Paulo, por isso tive um breve contato com Manuel Seabra, que trabalhava com divisão territorial do trabalho, por onde eu acreditava que poderia investigar a questão regional.

Outro elemento fundamental relacionado à AGB do Rio Grande do Sul foram os encontros anuais. Para mim foi importante especialmente o encontro de Caxias do Sul, creio que em 1980, quando eu conheci a geógrafa Bertha Becker. Ela foi a palestrante principal. Desse contato resultou uma correspondência que a levou a se tornar a minha orientadora no Rio. Esse contato foi chave. Então a AGB teve um papel muito importante, decisivo, na minha formação e nos contatos que levaram a outros desdobramentos.

[7] O Prof. Rogério se refere aqui à AGB Seção Local Porto Alegre.

[8] Especialmente as obras: "Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul" (Nilo Bernardes, separata do Boletim Geográfico n. 171, 1963), "Eleveurs et agriculteurs du Rio Grande do Sul » (Raymond Pebayle, Tese de Doutorado defendida na Universidade de Paris I em 1974) e "A colonização alemã e o Rio Grande do Sul" (Jean Roche, Porto Alegre, Ed. Globo, 1969).

Como praticamente até hoje, a cada ano havia um encontro estadual de Geografia, cada ano em uma cidade diferente do Rio Grande do Sul. Também participei do Boletim Gaúcho de Geografia, da AGB, onde publiquei meus primeiros artigos acadêmicos, discussões embrionárias mas que muito me estimularam a continuar na jornada.

Lucas – Você escreveu com o Igor Moreira também.

Sim, a propósito, uma experiência meio complicada.

Lucas – Ele foi seu colega em Santa Maria?

Não. Foi num desses eventos da AGB que encontrei Igor Moreira. Como comentei do meu interesse pela geografia do estado, ele propôs que nós escrevêssemos um livro sobre Geografia do Rio Grande do Sul. Dividimos em duas partes, só que ele nunca escreveu a parte dele e pediu que eu mesmo escrevesse.

Lucas – E saiu como autor.

E saiu como primeiro autor. Depois, quando reclamei pelo menos os direitos autorais, ele disse que era muito pouco, que não valia a pena. Imagina, para mim, estudante, qualquer dinheirinho seria bem-vindo. E o livro depois foi reeditado[9].

Lucas – Casualmente, achei esse livro na banca da antiga livraria da Editora Mercado Aberto...

Que foi uma editora fundamental na época. Eles realizaram uma verdadeira biblioteca sul-rio-grandense, nas mais diversas áreas das Ciências Sociais, sempre estimulando um pensamento crítico.

Lucas – Isso, exatamente. Até hoje "Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul" é um livro que ainda está nas ementas de Geografia do Rio Grande do Sul. Por exemplo, há alguns anos estava na ementa da disciplina de Formação Territorial do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal de Pelotas.

Caramba, mas é preciso atualizar essa ementa. [risos]

[9] Trata-se de "Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul" (Porto Alegre, editora Mercado Aberto, 1982 – 2ª edição em 1986)

Igor – Uma última pergunta dessa parte da entrevista, ainda sobre essa relação com Santa Maria: hoje, quando você está em Santa Maria, qual é o sentimento de passar pela cidade? Recentemente você passou por lá.

Santa Maria mudou tanto.

Igor – O Rogério também mudou tanto.

E o Rogério também, sem dúvida. Já estou há muito mais tempo aqui no Rio de Janeiro. Saí de Santa Maria com 21 anos, fiz 22 quando cheguei aqui. Muito jovem para uma mudança tão radical de geografia, para mim realmente uma mudança brutal. Sempre falo que não fiz sequer estágio em metrópole, vim direto para a megalópole. [risos] Saí da tranquilidade do Campestre do Menino Deus em Santa Maria e vim parar aqui, na boêmia Lapa carioca.

Na verdade, eu tenho uma relação que é meio ambígua, porque eu tenho relação muito forte também com Mata – um pouco com São Vicente do Sul – mas Mata me marcou muito. Agora mesmo voltei lá, tirei uma foto na frente da igrejinha. Aquele lugar me marcou muito. Não falei, mas eu era muito religioso, até demais, nessa primeira fase da minha vida até os nove, dez anos de idade. Tudo passava pelo crivo do pecado e da salvação. Refletia muito bem o ambiente da cidadezinha que tinha no máximo dois mil habitantes naquela época. Por exemplo, era compulsório ir à missa todo domingo. Mas na minha família minha mãe tinha uma tradição também luterana. Depois de casada assumiu o catolicismo. Mata, apesar de pequena, era um misto de colonização italiana e alemã, católicos e protestantes. Lembro bem quando uma tia me levou pela primeira vez à igreja luterana. Extremamente católico, fiquei surpreso e não entendia a ausência de imagens de santos, a simplicidade no interior do templo.

Eu queria ser padre. A minha irmã que me tirou da cabeça quando eu tinha de nove para dez anos. Eu achava que tínhamos que nos salvar, e aquela era a única forma. Mas eu percebia também que muitos que queriam ser padre – e muitos em Mata diziam que queriam – era também para sair dali, porque a sede do bispado era Bagé, e ir para o seminário era garantia de estudar e ter todo o ensino gratuito garantido. Então tem que considerar isso também. Eu era tão "convicto" da minha "vocação sacerdotal" que aos 8 anos fiz a primeira comunhão e logo participei de uma reunião que o padre convocou

para quem queria ser padre. Cheguei lá, ele olhou pra mim e disse: “Você é muito pequeno, você não sabe ainda o que você quer” Fiquei tão frustrado que, para me alegrar, ele me presenteou com um livrinho sobre seminários católicos e me mandou embora. Depois, com nove anos, me crismei.

Igor – Já era precoce...

Eu não comentei, mas depois tive um retorno à igreja na minha juventude, que foi uma juventude também complicada, em que eu frequentava um grupo da Juventude Franciscana em Santa Maria, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Organizávamos eventos, atividades no campo, no seminário de Vale Vêneto. Mas comecei a ter uma visão um pouco mais crítica também; até pela própria figura de São Francisco. Uma das crônicas no jornal *A Razão* que publiquei seria sobre o legado, inclusive ecológico, de São Francisco de Assis.

Lucas – Havia o envolvimento da Igreja na ditadura, também.

Sim, envolvimento da Igreja também, mas tanto a favor quanto contra a ditadura. Dom Ivo Lorscheiter, santa-mariense, foi uma grande figura na resistência à ditadura durante a década de 1970, como presidente da CNBB. Depois, já na universidade, consegui vários documentos da Igreja – documentos críticos sobre a questão agrária. Uma pena que eu não guardei, hoje seriam documentos importantes, levantamentos como esses que a Pastoral da Terra faz hoje. E fazíamos romarias, algumas em função da questão do campo. Através também dos correspondentes, comecei a ler e discutir sobre diferentes religiões – espiritismo, budismo, islamismo. Cheguei até a ingressar por alguns meses na Ordem Rosacruz, por pura curiosidade. Lembro que me questionava: “Como pode, se somente o cristão se salva, o que vai ser dos bilhões que professam outras religiões?”

No final do meu curso, terminei a graduação, e voltei a estudar como aluno especial. Fiz Filosofia Política, com um ótimo professor, e Psicologia Social. Abriram outros horizontes. Cursei ainda Planejamento Urbano, com um professor que tinha vínculos com Jaime Lerner, urbanista e prefeito de Curitiba. Convidado pelo professor, por pouco não fiz estágio lá. Optei pelo ensino, economizando para a pós-graduação.

Bueno, é muita coisa. Desculpe, é que vou lembrando de tanta coisa...

Igor – Não, é isso, esse é o ritmo da entrevista.

Tudo isso é porque você perguntou sobre Santa Maria.

Igor – É, mas se quiser falar mais de Mata..

Santa Maria tem algo curioso também: sempre que eu voltava para lá, e voltava, ficava sempre com os meus pais. Tudo muito caseiro. Com a minha irmã, que mora lá, e com os meus pais. Eu sempre fui muito ligado a eles, principalmente à minha mãe. Eu ficava na casa deles, e a casa deles é periférica, num vale durante muito tempo considerado rural (hoje não, bem urbanizado). Perdi os contatos com antigos amigos, muitos que também saíram de lá. Além do que, como centro universitário, militar e de serviços, Santa Maria tem muito de cidade-passagem.

Igor – Um fluxo...

É. Um fluxo muito grande principalmente de militares e de estudantes. Muitos dos meus antigos amigos saíram de lá e migraram para longe. Tenho colegas de faculdade dando aulas em Brasília, no Mato Grosso, no Triângulo Mineiro. É impressionante essa saída.

Igor – E muitos também devem ter voltado para as suas cidades de origem.

Também. Com certeza. Especialmente Paraná e Santa Catarina.

Isso tem a ver também, depois, com o meu interesse pelos migrantes. Como os primos que foram para o Mato Grosso em busca de melhores condições de vida.

PARTE 3. A SAÍDA DE SANTA MARIA E O SER GEÓGRAFO SULISTA NO SUDESTE

Igor – Essa parte da entrevista é um pouco sobre essa saída de Santa Maria e a chegada no Sudeste. Como é ser um geógrafo do Sul? Quais foram as motivações para a saída?

Penso que há duas grandes motivações. Primeiro porque sempre quis sair, ampliar horizontes, conhecer aquelas outras geografias sobre as quais tanto lia – ou representava. Sempre pensei em morar numa grande cidade, por questões pessoais, também. Eu não me sentia muito integrado, como se não me enquadrasse naquele ambiente, naquela geografia de interior – apesar de Santa Maria não ser a típica cidade interiorana, porque tem toda uma vida estudantil. Mas, como eu falei, eu me envolvia pouco com o ambiente fora do campus. Eu era caseiro e estudava quase o tempo inteiro. E encontrava nos correspondentes, nesses contatos de fora, uma forma de interagir. E alguns me visitaram, como o do Canadá, uma correspondente do Rio de Janeiro, o da Bahia. E teve uma viagem interessante também que eu fiz de ônibus para Montevidéu, com um primo meu. Na época havia uma linha de ônibus que ligava Santa Maria a Montevidéu. Foi a minha primeira viagem para fora do Brasil.

Igor – Então uma motivação era essa...

Uma delas, era essa; a outra é, por incrível que pareça, que simplesmente não havia pós-graduação em Geografia na região Sul, que era o que eu desejava. Queria seguir carreira na grande paixão que era a Geografia.

E os únicos lugares em que havia pós-graduação no Brasil, na época, era no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1980 o Brasil tinha apenas três pós-graduações em Geografia. Na época, vocês não imaginam o significado de se ter um mestrado em Geografia. Eu só tive duas professoras de Geografia com pós-graduação. Só havia mestrado em São Paulo: em Rio Claro, que era o grande centro da Geografia Quantitativa, também chamada ali Geografia Teorética, e a USP, o centro hegemônico, que mantinha a grande herança francesa e iniciava o ingresso no marxismo. E o Rio de Janeiro, que se destacava também pela Geografia neopositivista mas que também, no início dos anos 1980, ingressava no pensamento crítico.

Lucas – E a UFRJ estava muito ligada ao IBGE nesse momento.

Sim, mas já estava numa transição. O encontro de 1980 da AGB na PUC Rio, ao qual infelizmente eu não pude vir, foi um marco nessa mudança. Estimulada com a chegada de Milton em 78, naquela mesa emblemática. Depois, em 1980, já surgiam figuras como Ruy Moreira e Carlos Walter, todos envolvidos na organização desse evento na PUC. A Geografia Crítica, que já tinha embriões em geógrafos de influência francesa, como Orlando Valverde, entrou firme, com livros, boletins e muitos artigos publicados a partir daí.

Sobre a minha saída, como falei, primeiro eu planejava ir para São Paulo. Na época, tinha participado daquele curso da AGB em São Paulo. Havia feito um primeiro contato com o Manuel Seabra, esposo da Odette Seabra. Foi uma conversa muito boa. Ele me indicou livros do Lefebvre, que eu comprei em espanhol. Fiz um baita investimento para comprar aqueles livros. Tinha uma ótima livraria do Rio em que se podia comprar pelo correio. Lembro-me dos livros *De lo rural a lo urbano* e *El derecho a la ciudad*, que até hoje tenho comigo.

Por falar em livro, lembrei de outro episódio. Meu pai queria me dar um anel de formatura, era algo tradicional naquela época. E eu imaginando: "o pai vai tirar dinheiro de onde para me dar um anel?" Anel que eu nem iria usar. Muito mais a ver seria ganhar um livro. Foi aí que pedi *O Espaço Dividido*, de Milton Santos, mais barato e muito mais desejado. Foi o meu presente de formatura. Então essas são as minhas principais leituras desse período. Depois saiu o do Harvey, *A Justiça Social e a Cidade*. Não esqueço que na entrevista para o mestrado na UFRJ, feita pela Profa. Maria do Carmo Galvão, ela perguntou o que eu estava lendo. Respondi que era *A Justiça Social e a Cidade*, do Harvey. Penso que rendeu alguns pontos...

Apesar do primeiro contato com Manuel Seabra, a grande dificuldade da USP, para mim, foi a entrada via orientador. Acabei desistindo e optando pela prova geral para todos, disputando o total de vagas por igual, no sistema da UFRJ, que defendo até hoje.

Percebi que, na USP, tinha que conhecer previamente e ter um contato muito maior com o possível orientador. Eu, lá do interior do Rio Grande do Sul, ninguém conhecia nem tinha muito interesse, ainda mais quando eu falava em tratar da questão regional. Tinha lido há pouco tempo um texto sobre divisão inter-regional do trabalho do Manuel Seabra. Mas não era exatamente essa a perspectiva que eu queria tomar, envolvido através da

própria figura do meu pai com o regionalismo (político) e a identidade regional gaúcha. No Rio de Janeiro, junto com a prova geral de Geografia, o grande temor eram as provas de estatística e matemática. Mas eu tinha que enfrentar. Havia também o contato prévio com Bertha Becker. Mas esse contato não era de maneira alguma obrigatório. Outro problema era como me manter numa cidade cara como o Rio de Janeiro. Fiz economia com meu salário da FIC (atual UNF – Universidade Franciscana) e, como comentei, dando aulas em um curso de férias pela UFSM em Santiago.

Mas esse era no mesmo período de um curso de nivelamento da UFRJ que todos os candidatos faziam para as provas de Matemática e Estatística. Graças a um amigo, ex-correspondente, que fez o curso recebi as aulas xerocadas pelo correio e consegui acompanhar. O problema é que inventaram de fazer uma prova intermediária, no meio do curso, e que eu não teria como fazer. Abriram uma exceção e concorri com apenas uma prova. Teria que me dar superbem, pois não teria segunda chance. E lá fui eu para o Rio de Janeiro, final de fevereiro, fazer exame de matemática e estatística, além da prova de Geografia e da entrevista. Mas consegui e, pra minha surpresa, passei em primeiro lugar. Consegui bolsa, que era tudo que eu queria. Mesmo assim, a bolsa não era suficiente. No final do primeiro semestre comecei a dar aula. Dava aula em Jacarepaguá. Não foi fácil.

Primeiro eu morei na encosta entre Santa Teresa e o Bairro de Fátima. Aluguei um quarto de uma gaúcha que também estava no curso e que morava há muito tempo no Rio. Depois, consegui alugar uma quitinete logo abaixo, na Lapa. Imagina o que significava morar na Lapa em 1982. Na rua do Resende, perto da rua Riachuelo. Vocês não têm ideia do que era a Lapa em 1982. Era uma área da cidade... como se diz?

Lucas – Era uma TAZ[10], era um território livre.

Mais ou menos. [risos] Era uma "área de obsolescência", como se dizia. Uma zona urbana "em decadência", mas que por isso mesmo admitia certa diversidade. Minha mãe, quando veio me visitar, ficou um pouco assustada. De dia, uma feira cujo final deixava restos e mau cheiro que perduravam. À noite, prostituição de vários tipos.

[10] Zona Autônoma Temporária, conceito do escritor Hakim Bey.

Igor – Eu moro no Bairro de Fátima.

Mas hoje é outro bairro, completamente diferente.

Igor – Eu conheço a rua Riachuelo. Eu moro ali no Bairro de Fátima, um pouco antes de chegar na praça, aquela no final. Tem as escadarias.

E eu descia aquela escada lá do fundo do bairro, morava na subida da rua Monte Alegre.

Igor – Ah, sim, você disse que no começo morava lá, na encosta.

Mas eu dava aula no Colégio Bahiense em Jacarepaguá, sete da manhã no colégio. Tinha que levantar às 05:00 para estar, às 07:00, dando aula. E dava aula para quinta e sexta séries. Me lembro da dificuldade que eu tinha para dar aula para a quinta e sexta séries.



Figura 7. Aula para a quinta série no Colégio Bahiense, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, 1983.

Igor – Depois de dar aula para quinta e sexta séries, dar aula para o ensino superior fica mais fácil.

Com certeza. [risos] No primeiro ano eu achava que não iria conseguir dar aula para aquelas crianças. Minha disciplina germânica não tinha nada a ver. Depois de um tempo descobri que eu tinha que me tornar o "tio" deles. Usar música foi fundamental. Lembro de uma aula em que levei "Coração Civil", falando da Costa Rica, para uma aula sobre América Latina.

Igor – Do Milton, não é?

Do Milton Nascimento, exatamente. Aí melhorou muito minha relação com os alunos. Mas era muito longe. Foram dois anos. Até que o João Rua, geógrafo da PUC e grande amigo que conheci na AGB de São Paulo em 1984, me indicou para uma vaga no Colégio Andrews, na praia de Botafogo. Ali comecei a dar aula para a oitava série e o primeiro ano do segundo grau. Mas aí o problema foi outro: era a classe média alta da zona Sul do Rio de Janeiro. Uma das turmas tinha gente famosa, o filho do Gilberto Gil, a filha da Leila Diniz... E uma das turmas de oitava série era famosa pela indisciplina. Ninguém queria dar aula ali. Só consegui ficar um semestre.

Depois disso, fiz concurso para o estado. Passei em segundo lugar e pude escolher a escola, mas só havia uma na zona centro e sul do Rio, no Sambódromo. Cheguei a pensar também na ilha de Paquetá, mas tinha de passar a noite lá. Dei aula para adultos na escola que funcionava embaixo das arquibancadas do Sambódromo. Era curso noturno, pessoal que trabalhava durante o dia, muito tranquilo e outro aprendizado pra mim.

Lucas – E fazendo o mestrado?

E fazendo o mestrado.

O mestrado, naquela época, durava quatro anos. Houve colegas que levaram seis. Era muito diferente de hoje. No mestrado, é interessante também lembrar as experiências com os professores. Fui aluno do Maurício Abreu, que na época já havia deixado a Geografia quantitativa. Lembro de uma aula que ele deu sobre imperialismo, tema do meu trabalho final na disciplina. Geografia Urbana foi com Roberto Lobato Corrêa. Milton Santos também estava dando aulas na UFRJ. E foi muito importante para mim, pois ele me convidou para fazer minha primeira pesquisa no Rio de Janeiro, com pequena bolsa. Foi na Vila do João, hoje uma grande comunidade do Complexo da Maré, na época um conjunto habitacional recém-inaugurado. Tinham acabado de sair das palafitas. Porque antes, ali, onde passa hoje a Linha Vermelha, eram somente palafitas, não existia a Linha Vermelha. Foram removidos.

Era o governo do general João Figueiredo, por isso se chamou Vila do João. Eu apliquei cem questionários na Vila do João. O governo alegava que, na época, havia uma mudança na política habitacional; não seria mais remoção a longas distâncias – como nos anos 1960-70, em que deslocavam da zona Sul para locais distantes como a Cidade de Deus,

em Jacarepaguá, com muitos perdendo completamente os laços de trabalho. Eu mostrei nessa pesquisa que, na verdade, o pequeno deslocamento, de cerca de 1,5 quilômetro, também representou uma grande... hoje, eu diria, desterritorialização dos moradores, tanto no sentido dos vínculos com os vizinhos, com o comércio, com a escola, quanto do tamanho da habitação. Como a situação econômica não mudou, lembro de gente me oferecendo a casa, queriam vender, mesmo não sendo oficialmente permitido.

Lucas – E o Milton fez essa pesquisa.

Dentro da grande pesquisa dele sobre o espaço metropolitano. Mas ele me deu total liberdade. Eu formulei a problemática, redigi o questionário, mostrei e ele disse: "Está ótimo". A grande preocupação dele era com a fundamentação teórica do processo. Ao final apresentei o resultado no congresso da AGB em São Paulo, em 1984. Na hora em que fui apresentar ele entrou na sala para assistir. Claro que eu fiquei um pouco nervoso, mas foi uma grande honra e um enorme estímulo intelectual.

Fui também, é claro, aluno de Bertha Becker, minha orientadora. Com ela organizamos eventos e livros. Um deles com Soja, Stöhr, Morales, que ela trouxe para a UFRJ. Ela era muito articulada. Trouxe também Arie Shachar, um dos primeiros autores que trabalharam com o conceito de *cidade mundial*. Traduzimos alguns textos – eu e a colega Carmen Silveira. Juntos, ajudamos na organização de um evento da UGI em Belo Horizonte. Foi uma tremenda abertura temática. Importante também é que Bertha topou minha proposta sobre região. Na época, falar em região era considerado ultrapassado, típico da Geografia mais tradicional. Identidade regional, então, que era um de meus focos, menos ainda. Ela topou orientar meu trabalho, muito provavelmente pela vivência dela na Amazônia, esse contexto periférico brasileiro ao qual dedicou grande parte de suas pesquisas.

Igor – Você pode aproveitar e falar um pouco sobre isso, sobre o conceito de região que foi trabalhado na dissertação com Bertha.

Lucas – A partir da Campanha.

Penso que, na época, foi um trabalho que trouxe um tema diferente; porque não era apenas pouco trabalhado, era até menosprezado. Havia textos que condenavam a região

e que circulavam muito. Ann Markusen[11], por exemplo, propunha não se trabalhar com região, somente com regionalismo, porque a região fetichizava o espaço e o regionalismo, não, este podia ser trabalhando num enfoque marxista, pois colocava o processo, as classes sociais e os conflitos em primeiro plano. Era todo um dilema.

Outro texto que se discutia muito, era do Francisco de Oliveira, no livro *Elegia para uma Re[li]gião*[12], que ele escreveu a partir do Nordeste, nele ele falava que, pelo menos nos países centrais, as regiões tendiam a ser borradas, a desaparecer, e ele dava o exemplo dos Estados Unidos. Era um debate que, mesmo falando tanto em desigualdades sociais, colocava a diferenciação regional em segundo plano. E mostrar que identidade regional ainda era forte, pelo menos em algumas regiões do Brasil, era outro desafio. Sob o discurso da integração nacional difundido pela ditadura, nosso país queria, a todo custo, acreditar numa integração nacional, e não discutir essas "resistências regionais". Resistências entre aspas porque era uma oligarquia ou frações regionais da classe dominante que estavam sendo mobilizadas. Mas eu também percebia que o movimento regionalista não era apenas um produto das forças hegemônicas. Se desdobrava, à época, também, embora às vezes sutil, um movimento de baixo para cima. Havia grupos que, desde uma outra perspectiva e uma outra constituição de classe, também retrabalhavam o regional como uma forma de resistir. Não apenas a partir dos processos de dominação.

Lucas – Das elites regionais.

Fração regional da classe dominante, como alguns autores da época denominavam.

Lucas – E essa espécie de resistência a partir da região estava ligado a um debate vinculado ao marxismo e a linhas mais humanistas, como a da região como espaço vivido, por exemplo, e de outras geografias do momento?

No meu caso, eu me inspirei um pouco em Gramsci, que dentro do marxismo, era um autor que dava espaço para se trabalhar com a cultura – ele aborda até o folclore em seus estudos sobre a construção da hegemonia. E há o livro clássico dele neste tema, que é *A*

[11] Markusen, A. 1981. Região e regionalismo: um enfoque marxista. *Espaço & Debates* 1(2). S. Paulo: Cortez.
[12] Oliveira, F. 1977. *Elegia para uma re(li)gião* SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

questão meridional[13], a partir do que ele denomina de bloco agrário no Mezzogiorno ou sul da Itália, e que tem muito a ver com o contexto brasileiro, como demonstrou, por exemplo, a historiadora Rosa Maria Godoy Silveira em *O regionalismo nordestino*[14]. Esta autora tomou o discurso dos políticos nordestinos, como eles se articulavam para formar um bloco hegemônico regional. E eu me inspirei um pouco aí para entender também no Sul como é que se construía essa espécie de bloco hegemônico regional, com uma força cultural talvez tão forte quanto a nordestina. Mas aí tem uma questão também pessoal: a questão da identidade, que para mim é uma questão que sempre foi forte. Acho que era um pouco um acerto de contas da relação com o meu pai, dessa questão de não ter ficado no campo, e ele lá sempre falando da Campanha. Eu escutando todas aquelas histórias e não me identificando. Nossa relação com ele, minha e de meus irmãos, sempre foi muito difícil, diante de seu patriarcalismo. Eu digo que depois que a minha mãe morreu, em 2010, é que tivemos tempo de nos amar. Depois que ela faleceu, ele mudou muito, partilhando mais nosso afeto, algo que sempre foi restrito na relação com a família. Minha mãe também sofria com isso. Talvez isso explique o fato de nenhum de nós ter se identificado com a vida campeira.

Mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, havia uma identificação. Muito contraditória, ou melhor, ambivalente. Eu não me identificava e, ao mesmo tempo, me reconhecia ali. Eu me identificava, de alguma maneira, porque era quase todo o meu convívio cotidiano. Começando pela música, o tempo inteiro, a força da música. Acordávamos pela manhã com o radinho do pai tocando todas aquelas músicas gaúhas muito populares. As do José Mendes, que morreu num acidente de carro, jovem ainda, até hoje me transportam no tempo. Havia também as histórias que ele contava, dos tempos de tropeiro, as negociações para o compra do gado, os personagens do caminho, os *chistes*[15]...

Igor – Tinha vínculos, mas tinha rupturas.

É, amor e ódio. Muita herança patriarcal também.

Em termos de música, lembro que depois de um tempo eu comecei a ter minhas próprias preferências, a ouvir, por exemplo, os cantores missioneiros. Com meu primeiro toca-

[13] Gramsci, A. 1987. *A questão meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
[14] Silveira, R. M. 1984. *O regionalismo nordestino*. São Paulo: Moderna.
[15] Palavra de origem hispânica, muito difundida na região da Campanha, que pode ser traduzida como "piada".

discos, portátil, comprei discos do Noel Guarany e, anos depois, do Borghetinho. Foram poucas vezes, mas também frequentei o CTG perto de casa, o Ponche Branco, que existe até hoje. E não me esqueço das Califórnias da Canção Nativa de Uruguaiana nos anos 1970. Mesmo no Rio, continuei acompanhando.

Depois a dissertação virou livro, em 1988[16], pela mesma editora do *Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul*. Se observar, o livro é dedicado em primeiro lugar ao meu pai. Logo depois eu mesmo fiz uma autocrítica, pois coloquei "ao meu pai: um dia a Campanha será lugar digno para o valor humano do verdadeiro gaúcho que há em ti". Esse "verdadeiro" lembra uma identidade essencializada, o que está muito longe do que é discutido no livro, onde são ressaltadas as bases históricas da formação da identidade gaúcha a partir da relação contraditória, ao mesmo tempo com heranças indígenas (o churrasco, o chimarrão) e da vida na estância, o latifúndio de pecuária extensiva.

Mas há outra dedicatória, para minha mãe, e a terceira, a "todos aqueles gaúchos que, como meu pai", foram "alijados do acesso à plenitude da vida campeira pelos grandes proprietários". Isso para falar da luta que poderia advir da "força agregadora de sua identidade", sob a "inspiração de liberdade dos velhos changadores[17]", a fim de "conquistar seu espaço, democratizando enfim a geografia do Rio Grande". Como em muitas canções das Califórnias de Uruguaiana, eu percebia ali outro viés, outra vertente para a construção identitária, a partir de baixo, um pouco como aquela de muitos sem-terra que, nos anos 1980, recusando-se a aceitar a distribuição de terras dos militares que os dirigiam nos anos 1970 para a Amazônia, começaram a reivindicar terras no próprio Rio Grande do Sul, e na própria Campanha, com a qual de alguma forma se identificavam.

Igor – De alguma maneira, você sente que o seu pai entendia o que era o seu trabalho, o que você estava pesquisando sobre o gaúcho? Ou ele era um tanto indiferente, mesmo depois, mais para o final da vida.

Como eu comentei antes, meu pai nunca foi de explicitar que estudar era um valor, devia ser estimulado. Para terem uma ideia, mostrávamos o boletim escolar para ele, com

[16] Haesbaert, R. 1988. *RS: Latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
[17] Trabalhador que recebia por tarefas intermitentes ligadas ao campo e que transitavam no campo em busca de trabalho.

notas excelentes, ele olhava rapidamente e só dizia, “tá muito bom”. Às vezes a minha sensação era de que ele ficava muito irritado com o meu apego aos livros. Por mim ficava o dia inteiro lendo. Ele acabava arranjando algum trabalho, mesmo desnecessário, só pra eu deixar os livros. O que por um lado era bom, mas o modo como era feito era de embate. A relação era complicada. Muito tempo depois eu soube, através de minha irmã, que ele teria preferido que eu fosse padre. Aquela história bem conhecida, não casar e não ter família, só sendo padre... Assim, o meu apego à identidade gaúcha em certo sentido era para des-reconstruí-la. Eu precisava, vamos dizer, me des-reterritorializar no Rio Grande do Sul. Talvez só quando deixei o Pampa, olhando de longe, é que eu consegui traduzir o lugar do meu pai, e dos outros gaúchos como ele, dentro dessa realidade. E compreendi a força do patriarcalismo, impregnado também entre os subalternizados.

Lucas – Quando o Sylvio Fausto Gil fez o pós-doc dele com o Nelson Rego na UFRGS – em que ele estava estudando as formas simbólicas para o filósofo Ernst Cassirer – ele falou algumas coisas que tinham uma dimensão mais psicanalítica. Foi ali que eu comecei a refletir sobre o quanto o trabalho acadêmico é um dos lugares onde ficamos tentando elaborar a relação [com os pais]...

Mas isso você só percebe depois de um tempo.

Só percebe depois de um tempo, porque na hora você está envolvido demais. Eu sempre fui apaixonado por aquele universo que eu estava pesquisando. Lembro de minhas idas ao coração da Campanha, onde eu tinha parentes que me deram apoio – um tio que morava em Livramento e um primo em Bagé. É uma relação muito complexa essa de vínculo e “desvínculo”, a família e os outros. Você quer se desvincular e você quer manter o vínculo. A vinda para o Rio de Janeiro foi assim, uma libertação, um enorme desafio e, ao mesmo tempo, um trauma. O primeiro ano que eu fiquei aqui foi muito difícil.

Igor – Um trauma para você?

É. De corte ou, se quisermos, para utilizar um conceito que prezo muito, uma desterritorialização muito forte, com um bom tempo até a reterritorialização...

Lucas – De diferença cultural ou da distância da família?

As duas coisas. Um lado muito triste, de chorar muito. Principalmente, pela relação com minha mãe. Ainda lembro da cena da despedida, ela no portão chorando e se despedindo. Toda vez que eu ia ao Sul era a mesma coisa. Até hoje guardo algumas das correspondências da época, que revelam bem esses elos. Por outro lado, eu já tinha certa independência por lá, também, pois morava num galpãozinho ao lado da casa. Não tinha nem forro e noite de geada eu ia dormir dentro de casa [risos]. Mas era o meu canto. Dava aula à noite na FIC e chegava tarde. Quando perdia o último ônibus, dormia na casa dos avós. Mesmo o ônibus me deixava longe, eu tinha que caminhar um trecho na linha do trem até chegar em casa. Mas pelo menos tinha o meu canto. Já aqui no Rio de Janeiro, a mudança foi radical, é claro. Tudo por minha conta.

Igor – Pois é. Quais eram as coisas que mais o impactavam?

Era tanta coisa. Com 23, 24 anos, comecei a ter uma vida que no Sul eu não tinha, até pelas responsabilidades que assumi desde muito cedo, trabalhando e estudando. Morando num bairro boêmio – na época em decadência, como falei – passei a sair à noite nos finais de semana, uma outra realidade, ainda por cima nesta megalópole completamente distinta do Campestre do Menino Deus.

Lucas – E dos colegas da pós-graduação, de vivenciar mais a cidade, de sair, essa coisa do universo estudantil do mestrado.

A nossa turma de mestrado era famosa pelos debates. Praticamente tudo era colocado em questão. Isso foi uma coisa que me impressionou também, não estava acostumado com um ambiente tão aberto à polêmica, acadêmica e política. Uma das professoras que mais alimentava o debate, e que também esteve na minha banca de mestrado, era Ana Clara Torres Ribeiro. Até hoje guardo algumas anotações de uma aula dela sobre região. Paulo Cesar Gomes era da mesma turma e um dos mais contestadores. Paulo foi um grande parceiro, escrevemos até um artigo juntos e fizemos uma proposta de livro didático, mas que acabou não sendo efetivada. Acho que por inspiração nos debates conjuntos sobre a questão regional ele também fez sua dissertação sobre região. Os debates eram sempre muito ricos.

Igor – Tinha uma efervescência.

Questionava-se até demais... [risos] Às vezes você saía da aula e se perguntava: "Mas e aí, no final, o que é que fica?". Tudo era questionado.

Igor – Mas esse é um momento da formação em que o questionamento é uma forma de se afirmar, na verdade.

Sem dúvida. E de questionar a autoridade instituída, especialmente numa época de abertura política como aquela. Tínhamos quase que uma obrigação de tudo colocar em questão.

Igor – Você mostrar que é contestador. E também tem a coisa do espírito jovem, que geralmente os autores são de outra geração, ou de outro país, que não o seu. Tem toda uma questão de se apresentar, se colocar, fazendo críticas. Dificilmente, alguém pede a palavra e diz "Eu concordo muito com tudo que o autor está dizendo".



Figura 8. Trabalho de campo em Itatiaia com turma do Colégio Newton Braga (Min. Aeronáutica), 1985

Lucas – Rogério, outra pergunta se relaciona já com o seu doutorado: a sua entrada na UFF se dá após a conclusão do mestrado, não é?

Exatamente quando eu estava concluindo o mestrado eu fiz um concurso pra UFF, na área de Geografia Regional. Mas antes disso, para completar o trajeto profissional que eu tive aqui: Colégio Bahiense, de primeiro grau, em Jacarepaguá; Colégio Andrews, mais

um ano e meio, em Botafogo; PUC, onde eu lecionei por dois anos. Além da rede estadual, com as aulas no Sambódromo, fiz concurso para o Colégio Brigadeiro Newton Braga, na Ilha do Governador. Era um colégio de segundo grau para filhos do pessoal ligado à Aeronáutica – mas não só. Eu tinha um bom salário. E o nível da escola era muito bom. Mesmo assim, eu ainda continuava trabalhando em outros lugares. Houve uma época difícil, pois eu dava aula em pontos extremos da cidade: da Gávea à Ilha do Governador. Com a entrada na UFF, era tudo o que eu queria: entrar numa universidade pública para ficar, enfim, com um único trabalho e conseguir fazer pesquisa, e o doutorado. O concurso foi em 1986. Eu não esperava, sinceramente, entrar; principalmente porque um dos concorrentes era o Ruy Moreira. Mas, para minha surpresa, fui o aprovado.

Lucas – Eu lembro muito o relato que o Gilmar Mascarenhas falava, porque ele era aluno da UFF, na época.

Igor – Assistiu as provas.

Exato, ele contou isso no memorial para a prova de titular dele.

Lucas – É, ele contou isso também na mesa, para alguns colegas. Um pouquinho depois da defesa dele para titular. Quando eu cheguei, que eu o encontrei, ele recém tinha defendido. Aí estava eu, a Júlia, o André Reyes. Enfim, os colegas.

Ainda não consigo "processar" que ele se foi[18].

Lucas – É, eu também. Às vezes, é difícil de acreditar. E o Gilmar conta desse momento um tanto polêmico da entrada, porque parecia que os alunos estavam... desejosos da entrada do Ruy. E você é que entra! Como é que foi esse momento?

Igor – Porque nós sempre escutamos a versão do Gilmar; e agora nós queríamos te escutar. Não no sentido de uma polêmica, mas de registrar como aconteceu.

Lucas – Do relato histórico mesmo.

[18] Nesta parte, entrevistadores e entrevistado comentam sobre a ainda recente morte do geógrafo Gilmar Mascarenhas, Prof. Titular de Geografia, da UERJ, morto tragicamente em um acidente de trânsito em junho de 2019, enquanto se deslocava de bicicleta para ministrar uma aula de Geografia Urbana, no centro do Rio de Janeiro.

Para mim, sinceramente, foi uma surpresa, de fato inesperada. Eu não conhecia ninguém da banca. Depois é que eu fiquei sabendo, por exemplo, da professora Sheila Spada, que veio a se tornar uma grande parceira justamente através das disciplinas que ministrávamos na mesma área. E ela era uma professora muito engajada e crítica. Tinha participado da AGB, acho que até da direção. E ela foi uma presença fundamental na banca. Um concurso tem muitas variáveis. O tema da prova escrita e de aula, por exemplo. Lembro que para mim um dos temas foi Geo-História (o concurso era para ministrar aulas de Geografia Regional/ Mundo e Geo-História), para Ruy, o Japão, bem mais difícil.

Com certeza tudo transcorreu com lisura, alunos como Gilmar assistiram às aulas e eu não conhecia ninguém e ninguém me conhecia... E logo depois o Ruy também seria chamado. Isso não quer dizer que eu não tenha sempre um pé atrás com concursos. A propósito, vocês conhecem um texto que eu escrevi? *Academia de Injustiças?*

Igor – Não.

Lucas – Não. Vou anotar aqui.

A partir dos concursos de que eu já participei e dos muitos comentários de amigos que participaram, tanto como banca quanto na condição de candidato. Tem tantas variáveis num concurso, que nós não conseguimos dimensionar todas elas. É impossível.

Igor – Sim, tem aquelas que estão ali no próprio certame e tem as ocultas.

Mas entre as não ocultas, as explícitas, tem essa do ponto da prova. Pode ser a especialidade do candidato aquele ponto, aí não tem como...

Igor – E pode acontecer também de cair o ponto da pessoa, e, naquele dia, por algum motivo, a pessoa não estar bem ou ficar muito nervosa.

Sim, ainda mais essa. Soube de um caso assim, recentemente. O candidato ficou muito nervoso. E sabíamos que ele dominava amplamente o tema. Não conseguiu nem dar a aula. Acabou desistindo.

Lucas – Existe o imponderável nos concursos.

Muito.

Agora, voltando à UFF, o lado do engajamento crítico dos estudantes é muito importante. A UFF sempre teve essa tradição, ao contrário dos professores, até os anos 1980 muito conservadores. Algumas figuras, quando eu entrei, eram terríveis. Sinceramente, algo de outra era – pelas aulas que davam, os alunos comentavam. Mas os alunos sempre foram muito engajados. Em Fortaleza, no famoso encontro da AGB de 1978, por exemplo, foram alunos da UFF que distribuíram a cópia do livro do Yves Lacoste, "A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra". Acho que era uma edição portuguesa. Era todo mundo fazendo cópia. Sempre teve essa tradição. Depois, a própria AGB, em Niterói, bastante ativa. Participei muito de suas atividades e contribuindo com seu Boletim.

Lucas – Isso vai se refletir, depois, na própria composição do que vão ser os professores do Departamento, você não acha? Porque sempre temos essa visão do Departamento de Geografia da UFF como um departamento muito crítico.

Mas isso, na esfera docente, foi do final de 1980 para cá.

Lucas – Mas talvez com a própria concepção dos alunos.

Sem dúvida, um legado fundamental.

Lucas – Imagino que devem ter alguns alunos que se tornaram professores depois, esse tipo de coisa.

Sim, como, entre as turmas mais antigas, o Floriano, o Charlles e o Karol, da UERJ, Rosemary, hoje nossa colega e, claro, o Gilmar.

Lucas – O Nelson Rego enviou uma pergunta sobre o tema dos migrantes sulistas.

A questão dos migrantes, aí já é o doutorado. Podemos partir para o doutorado.

Igor – Pode ser.

Faço um vínculo com a dissertação do mestrado. Já no finalzinho do trabalho do mestrado eu indicava para um futuro trabalho sobre os que estavam fora do Rio Grande

do Sul; como é que eles levavam essa identidade com eles, como é que se reproduziam – se reterritorializavam – fora do estado.

Eu comecei o doutorado em 1990. Era Rio-São Paulo, de trem ou de ônibus, toda semana.

Lucas – Tinha trem?

Tinha trem na época, o "trem de prata", lento como ele só, mas com carros leito.

Viajávamos no domingo à noite, chegávamos lá sete e pouco da manhã, na segunda-feira, e íamos direto para a Cidade Universitária, atravessando São Paulo de ônibus. Passávamos o dia na USP. Duas disciplinas cumpriam os créditos. E voltávamos à noite. Eu fiz a disciplina oferecida pelo Milton, que na época já começava a escrever o livro *A natureza do espaço*.

Depois, eu consegui bolsa para um ano no exterior – o doutorado sanduíche na França, em 92. Foi outro momento chave. Lucas sabe muito bem o que representa morar fora do país. Abre outro leque de geografias para se conhecer e refletir. E uma outra maneira de olhar para o Brasil, olhar para a América Latina. Aliás, olhar para a América Latina, realmente como um conjunto, ainda que problemático, confesso que foi lá que eu comecei a olhar para um contexto que eu poderia chamar de fato de latino-americano. Aqui no Brasil a consciência efetiva do latino-americano, se hoje ainda é acanhada, naquela época era mais ainda – apesar de todos os intercâmbios como aquele entre os estudantes estrangeiros que eu vivenciei em Santa Maria.



Figura 9: Rogério em seu período doutoral em Paris, no centro da foto, com outras/os geógrafas/os. Atrás dele, Vania Vlach; à sua esquerda Inês Aguiar de Freitas e Paulo César da Costa Gomes. À direita, José Borzacchiello da Silva e logo abaixo deste, Jacques Lévy - co-orientador de Rogério (acervo pessoal 1992).

Ao mesmo tempo que eu abria horizontes no convívio na França, fazia trabalhos de campo no oeste da Bahia e sul do Piauí, outro imenso universo de aprendizado que me marcou muito. E reflete a minha ligação com a Bahia, desde aquela primeira viagem em 1978 que já comentei.

Igor – De Brasília.

Sim, atravessando o oeste baiano.

Eu via a Bahia, e o Nordeste, como um grande contraponto cultural na formação social brasileira. Vejo o Sul e o Nordeste, ou o Rio Grande do Sul e a Bahia, se quiserem, como dois extremos da nossa cultura, entre a baianidade e o gauchismo, digamos. O sulista com toda sua herança europeia, e o nordestino, e mais ainda o baiano, com todo o legado afro. Com a intensa migração de sulistas para o oeste baiano havia ali um laboratório para investigar esse encontro inédito, pois até então era o nordestino que migrava para o Sul,

na verdade o Sudeste. Agora era o sulista no Nordeste. Como no meu encontro com a Bahia, em 1978, agora, 15 anos depois, eu me deparava com milhares de sulistas "colonizando" os cerrados do Nordeste, principalmente através da expansão da moderna agricultura capitalista, do agronegócio da soja. Muitas questões a investigar. Fiz assim vários trabalhos de campo, levando também um aluno da UFF para ajudar nos contatos e nas entrevistas.

Lucas – Você saía daqui do Rio e ia para a Bahia ou você fazia os trajetos?

Eu fiz diferentes percursos. Ia a Brasília. Depois, pegava um ônibus. Nunca fui de avião para Barreiras; era muito caro. Era tudo de ônibus. Poderia ir por Salvador ou Feira de Santana, onde tinha apoio. E dali para Barreiras. Mas era mais longe. Certa vez aproveitei para conhecer também os sulistas na mancha de cerrado que há no alto da Chapada Diamantina, no centro da Bahia. Uma das viagens foi pelo interior. Eu havia sido convidado para um evento em Montes Claros, no norte de Minas, e dali fui para Bom Jesus da Lapa, no rio São Francisco, e depois Barreiras.

Lucas – Você nunca fez Santa Maria até Barreiras?

Fiz. Eu conto esta viagem na introdução do livro. Havia uma linha de ônibus Santa Maria-Barreiras, por um tempo estendida até Pelotas.

Aliás, eu conto as duas viagens. A primeira é aquela de Brasília a Salvador, quinze anos antes; e, a outra, de Santa Maria, essa já como parte da pesquisa. Aproveitava para visitar meus pais. E era muito interessante. Na primeira parada comprava-se erva mate na serra, em Palmeira das Missões. Muita erva mate no porta-malas do ônibus. Começavam a descer migrantes no oeste de São Paulo; depois, no Triângulo Mineiro, onde gaúchos arrendavam terras para plantar arroz. Depois, Formosa, ao norte de Brasília. Em Formosa tem até CTG.

Era uma descoberta atrás da outra. Incrível. Trabalho de campo, hoje, talvez alguns não valorizem tanto, mas é fundamental. Nunca vou esquecer os trabalhos de campo, especialmente com os brasiguaios no Paraguai e com os "baiúchos" no oeste baiano. Com a idade, tudo fica mais difícil, mas o desafio e o significado dos trabalhos de campo permanecem vivos na memória.

Um dos eventos de que sempre me recordo foi a viagem com o pastor luterano, gaúcho que vivia em Barreiras. Uma vez por mês ele realizava um culto em Corrente, no extremo sul do Piauí, aonde estavam chegando as primeiras famílias de gaúchos. Lembro que chegamos na casa da família com quem iríamos ficar, o casal tinha saído, o menino não tinha a chave, entramos pela janela. Depois eles chegaram e nos ofereceram no jantar carne de jacaré. Muita história para viver e contar. Durante o culto havia somente uma família nordestina. Um tempo depois eu lhe perguntei se havia mais nordestinos, ele afirmou que não, que haviam saído, que só havia gaúchos, "talvez pela música"... Não é à toa que a igreja luterana na região, levada basicamente por sulistas descendentes de alemães, era conhecida como "igreja dos gaúchos".

Lucas – E uma coisa que o Nelson Rego pergunta, que eu achei bem interessante, é como vai se entrelaçando a sua pesquisa teórica, e vão surgindo essas criações conceituais, que vão vinculando o teórico ao empírico. Aí ele pergunta se existem alguns momentos em que você se lembra de *insights*.

Com certeza.

Lucas – Que te despertaram.

É mais ou menos como na "análise", que eu fiz durante um tempo. Tem o momento em que ocorre uma espécie de estalo, de revelação, geralmente depois de um *brain storm*, uma ebulição de ideias que vão se articulando. É quase como se você tivesse descoberto um novo mundo. Se apresenta como um simples momento, mas no fundo é resultante de muita reflexão, muita articulação oculta, que repentinamente se entrelaça. Às vezes acontece no meio da noite. Eu acordo com uma ideia, vou lá, registro, e volto a dormir. No caso da psicanálise, me ajudou muito registrar e interpretar os sonhos. Na pesquisa, curiosamente, respostas, por outra via, podem também brotar no meio da noite. Por exemplo, o conceito de região que eu propus no *Latifúndio e Identidade Regional*, o momento em que ele surgiu, em que eu consegui elaborá-lo, caramba. Hoje pode não representar muita coisa, mas para mim aquele momento foi muito importante. Tudo a partir de uma vivência empírica na própria Campanha. Eu nunca me esqueço, a hora do "nascimento"... [risos] E depois a concepção de rede regional, a partir de uma série de mapas relacionados à migração sulista. Mapear o avanço da soja, da igreja luterana,

mapear as linhas de ônibus, os CTGs... E o pessoal contando das empresas que ainda tinham sede no Sul. Redes de múltiplas dimensões que mantinham como espécie de núcleo as relações dos migrantes com a região de origem, e sua identidade regional. Aí você percebe realmente que a teoria não está se impondo ao empírico, ela brota dele.

Esses processos a gente raramente explicita. Há o problema da escrita, da redação acadêmica, que acaba sendo linear, não consegue reproduzir essas idas e vindas, os retrocessos e as sobreposições de uma pesquisa. Num artigo ou livro, tudo vai se encadeando sem muita margem para avanços e recuos como ocorre na prática de pesquisa. Às vezes somos forçados a colocar no início um conceito que só foi realmente consolidado ao final de um trabalho. Se dominássemos mais ou se tivéssemos mais abertura para o discurso literário, talvez resolvêssemos esses dilemas da escrita.

Lucas – Para não passar essa questão da formação do doutorado, gostaria que você falasse um pouquinho como foi essa relação com o Jacques Lévy durante o doutorado.

Foi muito interessante. Eu o conheci em 1982. O Milton me apresentou para ele lá em Porto Alegre. Milton o convidou para participar como palestrante.

Lucas – Era um encontro da AGB?

Sim, um encontro nacional em Porto Alegre. Então me apresentou para ele. Ele era muito jovem, tem pouco mais do que a minha idade. Mas já era reconhecido pela criatividade teórica. A obra dele, um pouco como a do Milton, é muito rica em proposições teóricas. Aquele dicionário de Geografia, por exemplo, que ele organizou com o Michel Lussault, envolve vários dos conceitos que ele propôs, que ele criou. Tem toda uma lógica, uma concatenação muito própria. Alguns criticam pelo excesso de generalização e estruturação lógica, mas é um grande desafio teórico para refletirmos. É um dos poucos geógrafos que se propõem a construir uma ampla teoria geográfica, própria. Como ocorre com Milton Santos, não há muito investimento empírico, mas, em compensação, há uma rica intuição teórica. Doreen Massey eu considero um pouco assim, também, mas ela faz muitas alusões concretas que demonstram um elo muito acurado com a geografia que brota das relações cotidianas – uma viagem de trem, o ambiente de trabalho...

No caso de Doreen, fica claro, por exemplo, que sua concepção do sentido global de lugar brotou da vivência cotidiana no seu bairro, em Londres. Mas sem dúvida a maior parte das grandes contribuições teóricas têm uma forte dose de intuição, de uma capacidade única de perceber e construir vínculos, articulações.

Igor – Essa intuição é construída. A vivência que a pessoa teve até ali, a sua trajetória, e permite a ela ter essa capacidade.

Mas às vezes nem tem tanta vivência direta e ainda assim consegue "ver longe", fazer de uma ocorrência aparentemente banal uma reflexão profunda, relevante. Além do fato, é claro, de que muita leitura também estimula a intuição.

Voltando ao doutorado, eu procurei Milton Santos, mas ele estava sobrecarregado de orientandos. Dieter Heidemann abriu vaga e tentei com ele, que tinha um grupo de debates muito atuante e onde aprendi muito. Dieter tinha uma sensibilidade muito grande para temas como o que eu desdobrava, além de sempre apreciar muito e trabalhar sobre Guimarães Rosa, o grande escritor dos sertões/cerrados que eu também investigava e onde hoje ele mora (no interior de Minas).

Milton participou da minha qualificação, num diálogo muito rico. Depois ele prefaciaria o livro *Des-territoralização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste,* que resultou da tese. E me fez uma carta muito bonita para o pedido da bolsa de doutorado sanduíche, guardo uma cópia até hoje com muita honra. Ele me estimulou a fazer o estágio com Jacques Lévy, "é um cara muito moderno", ele me dizia. Aliás, seu curso que fiz na USP foi todo ele sobre modernização e o conceito de modernidade.

Na França, participei do grupo de leituras e debates do Jacques Lévy. Na época, ele estava discutindo a questão da Europa, que depois resultou no livro *L'Europe: une géographie*. Ele também me convidou para um evento com um grupo de cientistas sociais, além de Michel Lussault, onde apresentei um trabalho teórico sobre a pós-modernidade que depois foi publicado como artigo na *GeoUerj* e, revisado, no *Territórios Alternativos*. Foi um ótimo debate. E os vínculos com Jacques Lévy se mantiveram. Depois convidei-o para vir à UFF. Quando eu estava na Inglaterra ele me convidou para um congresso em Cérisy, onde encontrei o Edward Soja, e para uma banca em Reims, onde ele trabalhava.



Figura 10: Rogério com Edward Soja, no Colóquio de Cérisy, na França, 2003.

Lucas – Depois ele [Jacques Lévy] te convidou para escrever no dicionário[19].

Sim, o verbete desterritorialização.

Igor – Poderias falar agora sobre o pós-doutorado com Doreen Massey?

O contato com Doreen Massey foi curioso pois começou totalmente virtual. Aí já estávamos no mundo da internet.

Lucas – Já eram outras "correspondências".

Com Jacques Lévy era carta, demorava para chegar. Mas tinha a característica do papel escrito manualmente, a materialidade e a pessoalidade da escrita. Até hoje guardo algumas dessas cartas. Sem querer ser saudosista, acho que perdemos muito com a ausência dessa materialidade das cartas e da escrita "artesanal" do outro.

Meu primeiro contato com a obra de Doreen foi numa livraria de San Francisco, em 1999, onde comprei *Spatial Divisions of Labor*[20]. Logo depois, no ano 2000, fiquei fascinado

[19] Lévy, Jacques; Lussault, Michel. 2993, *Géographie. Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin.
[20] Massey, Doreen. 1995. *Spatial Divisions of Labor:* social structures and the geography of production. Nova York: Routledge.

com a leitura de "Um sentido global do lugar", publicado no livro *O Espaço da Diferença*[21]. Comecei a discutir o texto com os alunos. Depois, passei a buscar outros trabalhos dela em inglês. Me identifiquei muito com sua abordagem crítica mais aberta, dialogando com o feminismo, o pós-estruturalismo. Desde os anos 80 que eu gostava de ler autores como Michel Foucault, Deleuze e Félix Guattari. Achei que esse diálogo com ela traria muitos elementos para o debate sobre a desterritorialização, para além do universo empírico da migração gaúcha, focalizado no doutorado.

Posso dizer que foi nesse momento que finalmente "resolvi" minha relação com o regionalismo e o gauchismo [risos]. Depois de tanto tempo no Rio de Janeiro, passava a me voltar para questões semelhantes, mas em outra escala. O projeto de pós-doutorado foi basicamente voltado para a discussão teórica sobre desterritorialização e resultou no livro *O mito da desterritorialização*[22]. Ah, mas antes disso ainda teve mais pesquisa sobre a migração sulista, desta vez no Paraguai. No final dos anos 90, já com bolsa do CNPq e o início de nosso Programa de Pós-Graduação, desenvolvi pesquisa sobre os chamados brasiguaios. Incorporei alunos, também. Um deles, que participou de trabalhos de campo em La Paloma e San Alberto, fez sua dissertação sobre o tema da identidade brasiguaia. Fui até Assunção, também, em contato com pesquisadores locais, e revi meu amigo que fora colega de UFSM mais de vinte anos antes.

Igor – Aquele que tinha sido estudante de Agronomia?

Sim, o Javier Luna Pastore, de Agronomia.

Acabou que eu não publiquei muita coisa sobre esse trabalho do Paraguai. Há um artigo com Marcelo Santa Bárbara, esse geógrafo que fez a dissertação sobre os brasiguaios. Mas foi uma pesquisa que me ajudou muito a desenvolver uma ideia de região transfronteiriça, identificando as inúmeras redes que entrelaçam a fronteira. Ali é quase como se o Paraná seguisse em direção ao interior do Paraguai, até a paisagem se repete. Cidades em que os brasileiros levaram até nomes das cidades de origem – Santa Rosa, por exemplo. No município de San Alberto, no dia em que chegamos, havia um movimento dos sem-terra paraguaios contra a presença brasileira, haviam tomado a

[21] Massey, Doreen. 2000 (1991). Um sentido global do lugar. In: Arantes, A. (org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus.
[22] Haesbaert, Rogério. 2004. *O mito da desterritorialização:* do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

prefeitura. San Alberto era o primeiro município paraguaio com prefeito brasileiro. Impressionante a força dessa presença brasileira, alguns falam em até 400 mil brasileiros no Paraguai. Depois, em 2005, eu retornaria a essa região de fronteira com a geógrafa Lia Machado, num excelente trabalho de campo, diferente do que eu costumava fazer, pois desta vez tínhamos muitos recursos, dentro de um projeto do governo Lula.

Igor – Que era para a faixa de fronteira?

Para a faixa de fronteira; uma regionalização. Era um projeto do Ministério da Integração Nacional.

Percorremos toda a faixa de fronteira desde Guaíra, no Paraná, até Bela Vista, no Mato Grosso do Sul com o Paraguai, visitando todas as cidades gêmeas da fronteira. Em Ponta Porã realizamos um encontro com autoridades políticas locais e lideranças de movimentos sociais. Foi um trabalho que me acrescentou muito ao conhecer outra parte da região fronteiriça Brasil-Paraguai. Depois, estivemos também em Dourados, onde é forte a presença de migrantes paraguaios. Alguns anos atrás, o geógrafo Marcos Mondardo, hoje na UFGD, veio a se tornar meu orientando de doutorado e pós-doutorado e fez sua tese, depois livro, sobre esse espaço de intercâmbio e conflitos entre sulistas, paraguaios e indígenas.

Bueno, mas íamos falar do meu pós-doutorado... [risos]

Lucas – Você falou que você se livrou do gauchismo...

“Se livrou” não é o melhor termo. Eu resolvi minha questão com a identidade gaúcha ... [risos] A pesquisa com os sulistas no Paraguai encerrou um ciclo. Já há duas décadas no Rio de Janeiro, era hora de me voltar para outros temas, inclusive mais ligados à metrópole onde eu vivia e com a qual tanto passei a me identificar. O trabalho do pós-doutorado, de 2004, foi fundamentalmente teórico, mas tem como pano de fundo, como o próprio prólogo indica, todo esse legado dos trabalhos empíricos, desde a região-território da Campanha Gaúcha/Rio Grande do Sul até as redes e territórios dos migrantes sulistas na Bahia e no Paraguai. A partir daí eu me voltaria para pesquisas ligadas à realidade carioca.

PARTE 4: O PÓS-DOUTORADO E A RELAÇÃO COM DOREEN MASSEY



Figura 11. Com Doreen Massey durante o pós-doutorado, em Londres, 2003.

Igor – Como é que foi a experiência com Doreen Massey?

Como já falei, inicialmente o contato com Doreen foi puramente virtual, feito de várias formas pela internet. Por incrível que pareça, ela não tinha internet, ela dependia sempre da secretária na Open University. Tudo passava pela secretária. A secretária imprimia os e-mails e ela respondia por escrito. Tudo ela fazia por escrito. Era impressionante como ela conseguia manter esse distanciamento do mundo digital.

Lucas – Ela era jovem?

Em 2003 ela tinha 59 anos. E parecia mais jovem, tinha um espírito jovem, e era baixinha. Desde pequena tinha uma deficiência óssea séria. Ela me contou que os médicos inicialmente lhe deram pouco tempo de vida. Viveu com muitas dores e remédios, com frequentes fisioterapias. Quebrava os ossos com facilidade. Quando eu estive lá, ela quebrou a perna numa saída do metrô. Da última vez que a encontrei, em 2015, ela tinha

sofrido uma fratura grave no braço e feito mais de uma cirurgia, com muito tempo de hospitalização.

Igor – Nossa, teve uma vida um pouco mais sofrida.

Mas era muito valente, raramente falava de seus problemas de saúde – eu nem devia ter começado falando deles. Era uma mulher muito forte, guerreira. Para o contato com ela eu contei com a intermediação de Luciana Martins, geógrafa brasileira que é professora em Londres e esposa do também geógrafo Felix Driver. Depois de certa insistência e e-mails ela acabou aceitando. Depois eu vi o quanto ela era rigorosa para receber pós-doutorandos, e doutorandos também. Nosso contato telefônico só ocorreu quando eu já estava em Londres. A Open University tem uma característica curiosa, somente os doutorandos têm atividades presenciais no campus.

Lucas – Como assim?

O restante é basicamente através do ensino a distância. Foi a primeira grande universidade europeia a estabelecer o ensino à distância de alta qualidade, em 1969. E a educação da Open University se tornou um exemplo para o mundo inteiro. Seus materiais didáticos são excelentes, durante um tempo também difundidos pela BBC. A propósito, conseguimos uma cópia de um desses vídeos, feito por Doreen sobre a questão da terra em Pernambuco. Os livros didáticos que Doreen Massey organizou com outros geógrafos, não sei se vocês já viram algum... são de altíssima qualidade.

Lucas – Livro didático de graduação, você diz?

Sim, para a graduação.

Ao chegar em Londres eu telefonei para ela, dizendo que havia chegado. Marcamos na estação do trem para irmos juntos a Milton Keynes, cidade a uns 80 quilômetros de Londres, onde fica o campus da Open University. Quando ela me viu, ela disse: “Então, você é real?” E rimos muito. Porque até ali somente havia contato virtual. Ela era muito irônica também. Aí ela completou: “Bem, enfim, você é real”.

Igor – Sim. Ainda mais para quem não usa o e-mail...

Indiretamente.

Igor – E por que você a escolheu, Rogério?

Como já comentei, eu escolhi pela consistência da visão crítica, inovação e abertura de suas abordagens. Especialmente pela identificação com seu texto sobre o sentido global do lugar. Me identifiquei muito. Quando li, ao sair em português, em 2000, eu já estava pensando em multiterritorialidade e transterritorialidade, que havia citado em artigos e livros da década anterior. Percebi que permitia um diálogo muito interessante. E foi o que aconteceu. Apesar de não termos tido tantos encontros acadêmicos individuais quanto eu imaginava, pois ela era muito atarefada, havia uma característica da Open University que eu prezava muito: a cada 15 dias, todos os professores e doutorandos se reuniam para discutir um texto. Excelente isso. Às vezes se discutia um texto e havia, também, a apresentação de um doutorando, do trabalho dele, que era discutido com todos. Eu mesmo apresentei meu trabalho. Um ótimo debate. Entre os professores, além de Doreen havia o John Allen, a Sarah Whatmore (que depois mudou para Oxford), o Steve Pile, o Allan Cochrane, a Jennifer Robinson (que depois também mudou), entre vários outros. Também com frequência vinham geógrafos de fora apresentar seus trabalhos. Alguns consideravam o departamento de Geografia da Open o melhor da Inglaterra, e algumas avaliações assim o demonstravam. Participei de vários debates também entre os estudantes, em especial com Arun Saldanha, doutorando de Doreen e que hoje é professor em Minnesota.

Lucas – Ele escreveu sobre música.

Ele tem um texto sobre música, *Music is force*. E ele fez a tese – que, na época, estava escrevendo – sobre a questão étnica nas festas *rave* em Goa, na Índia. A família dele é um misto de português de Goa e indiano. Arun é nome indiano e Saldanha é sobrenome de origem portuguesa. Ele gosta muito também da cultura brasileira e esteve aqui no Rio me visitando. Foi um dos interlocutores mais interessantes que eu tive por lá. É deleuziano, escreveu *Space after Deleuze*. Nos reencontramos ainda num evento sobre Deleuze em Lisboa e na AAG em Boston.

Lucas – De alguma forma, assim como o momento do doutorado sanduíche, digamos, é um aprofundamento dessa geografia brasileira, que já estava muito

ligada à perspectiva francesa, quando você tem esse contato no pós-doutorado, também você amplia para esse mundo anglo-saxão, essa geografia anglo-saxônica.

Um dos pontos que me surpreendeu, Lucas, foi o pouco diálogo entre a geografia francesa e a geografia inglesa. Talvez um pouco também por um certo sentimento de superioridade. Como há toda uma discussão filosófica mais aprofundada na geografia inglesa contemporânea – às vezes até teórica demais pro meu gosto – eles também se consideram "acima" dos demais... Ainda que a grande fonte teórica venha dos filósofos franceses.

Lucas – Os geógrafos franceses seriam mais empiristas?

Creio que sim. Ou são considerados menos engajados com correntes filosóficas mais recentes, como algumas vertentes do pós-estruturalismo, com o pós-colonialismo, que na época era muito debatido na Inglaterra. Basta ver a pequena entrada e tradução da Geografia francesa na Inglaterra. À época, lembro de ter visto apenas breves referências a Raffestin – que depois aumentaram – e Jacques Lévy.

E tem uma coisa que eu só fui perceber quando estava lá, e que interfere nesse diálogo: é impressionante como conhecem pouco línguas estrangeiras. Dentro do departamento de Geografia da Open University, creio que havia dois ou três professores que dominavam um segundo idioma. É como se eles achassem que tudo que é preciso ler já estivesse escrito ou fosse traduzido em inglês. Isso é um absurdo. Doreen tinha consciência disso, era uma das poucas que falavam fluentemente o francês e o espanhol, e entendia português – ela leu meu *O mito da desterritorialização* em português. Lembro que quando fui apresentar meu trabalho na reunião do departamento ela, ao me apresentar, fez questão de dizer que o inglês era "minha quarta língua". Na hora eu não entendi bem porque aquela referência, mas logo percebi que era um "plus" importante num ambiente com tão poucos professores bilíngues. Ou uma boa desculpa para os problemas do meu inglês (risos).

Esse pouco domínio de línguas estrangeiras gera alguns problemas. Como a difusão de Lefebvre na Geografia inglesa. Quando Stuart Elden participou de um debate na Open University comentou genericamente sobre a entrada tardia de Lefebvre na Geografia [inglesa], nos anos 1990. Eu questionei, lembrando a influência de Lefebvre na Geografia brasileira desde o final dos anos 1970, especialmente na USP. Lembrei, como já

comentado aqui, do encontro com Manuel Seabra, em 1979, e ele me recomendando *O direito à cidade* e *Do rural ao urbano*, que imediatamente eu comprei, em espanhol. Antes da tradução de *A produção do espaço*, para o inglês, em 1991, Lefebvre era muito pouco conhecido na Geografia inglesa.

Essa sobrevalorização do inglês tem muito de colonialidade do poder. Consideram-se o centro do mundo. Tudo que é relevante estaria, em tese, publicado em inglês. Mas Doreen tinha outra visão. Acho que isso também foi importante na minha identificação com ela: a vivência que ela tinha da América Latina, o tempo que ela viveu no México.

No início da carreira, ela passou com os sandinistas na Nicarágua por seis meses. Então é outra visão. E, depois, houve todo o contato com a Venezuela. No nosso último encontro, ela comentou do grupo de mulheres venezuelanas que ela estava apoiando, discutindo com elas na Inglaterra. Ela era muito amiga do prefeito trabalhista de Londres, Ken Livingstone, que fez aquele acordo com o Hugo Chavez para receber petróleo mais barato – e assim reduzir o preço da passagem para pessoas carentes – em troca de assistência técnica em transporte público, planejamento urbano, turismo e proteção do meio ambiente. Na Venezuela usaram politicamente o conceito dela – *geometrias do poder* do espaço-tempo. Assim, ela foi convidada várias vezes para participar de debates na Venezuela. Era um vínculo muito forte, na época, com a América Latina. Também a trouxemos à UFF e à ANPEGE, em Fortaleza, em 2005. E se tornou uma grande amiga também – queria destacar essa amizade. Senti muito sua perda. Nós nos encontrávamos também para celebrar a vida, não era somente uma relação intelectual.

Certa vez, ela e sua irmã me convidaram para passar férias em uma região que eu chamo de heterotópica, o Lake District, no norte da Inglaterra – uma Inglaterra insólita, de montanhas e lagos, que poucos conhecem. Ela adorava a região, que visitava desde pequena e onde até hoje reside sua irmã, que também é professora de Geografia, no ensino médio. Foi um passeio e tanto. Como eu na época estudava os muros fronteiriços, ela fez questão de me levar até o muro romano de Adriano, junto à fronteira com a Escócia.



Figura 11: Férias no Lake Distric, norte da Inglaterra, com Doreen Massey, 2012.

Lucas – Tem uma coisa que me chamou a atenção, Rogério, que agora, na verdade, eu concatenei, que é quando você fala, no livro *O Mito da Desterritorialização*, da sua vivência dentro da biblioteca. Não sei se foi na biblioteca da Open University ou se foi na Universidade de Londres.

Não, foi da British Library, a Biblioteca Britânica, que era onde mais nos encontrávamos, muitas vezes para um café ou almoço. Ela chamava de "a nossa catedral". Ali encontrávamos quase tudo. É impressionante a riqueza do acervo da Biblioteca Britânica.

Lucas – A coisa da biblioteca parece que é algo que o acompanha muito, pelo que você fala.

Sem dúvida, e todas bibliotecas públicas. Desde a primeira, no Grupo Escolar e Ginásio de São Vicente do Sul, passando pela biblioteca pública de Santa Maria, pela biblioteca central da UFSM, pela biblioteca pública de Porto Alegre, a da pós-graduação da UFRJ (que o Maurício Abreu cuidou tão bem), a Biblioteca Nacional, a da École ds Hautes

Études en Sciences Sociales de Paris, onde estudei, a da London School of Economics e várias outras.

Lucas – Agora que você começou a falar, eu me lembrei de ter lido no *Mito* [*da desterritorialização*] – mas aí você começou a mostrar os cadernos, outras coisas –, digamos, uma centralidade das bibliotecas.

Com uma memória especial da biblioteca de Santa Maria. Estava na minha cabeça o tempo inteiro, antes de nos mudarmos para Santa Maria, a biblioteca pública. "Ah, eu tenho que ver essa biblioteca em Santa Maria". Lembro do quanto me marcou, aos 12 anos, a descoberta da *Georama*. O único lugar que tinha era lá. Era uma coleção de fascículos que depois, comprando a capa, se encadernava. Até hoje tenho uma parte do atlas, com mapas em escala muito detalhada e integrando Geografia física e humana. Eu me lembro da satisfação que eu tinha quando descobria um novo país independente na África. Nunca esqueço, inclusive a mudança de nomes: Bechuanalândia/Botsuana, Bassutolândia/Lesoto, Niassalândia/Malawi, Rodésia do Norte/Zâmbia, Rodésia do Sul/Zimbábue ...

De vez em quando comento esses temas com o amigo João Rua, ele é um dos poucos geógrafos com a mesma herança daquela velha geografia interessada em conhecer tudo que é canto do mundo, como se a Geografia fosse uma grande viagem. Ficamos competindo: "Ah, é a capital de onde? Faz fronteira com que país?". Depois eu digo: "Poxa, acho que somente nós é que sabemos isso". [risos]

Lucas – Que é o estereótipo que as pessoas têm da Geografia.

Esse legado não vai embora. Pode ser algo puramente descritivo e, para muitos, "inútil", mas que mobiliza muitos estudantes para a Geografia, temos que respeitar isso. Não é inútil conhecer em maior detalhe a superfície da Terra. No mínimo nos ajuda a mudar nossa percepção do mundo. Hoje, com o Google Maps, então, é ainda mais fascinante. No início, quando descobri aquelas imagens, ficava "viajando" todos os dias. Comecei com uma lenta travessia do Saara. Isso é incrível para quem, antes, como aconteceu no meu doutorado, tinha de pagar um preço muito alto por uma única imagem de satélite em escala de pouco detalhe.

Doreen contava que ela tinha uma brincadeira frequente quando era pequena. Ela tinha um globo que ela adorava. Girava com força o globo e deixava o dedo apontado para ver onde ia parar. Tinha que imaginar que horário era naquele lugar do mundo, o que estava acontecendo lá naquele momento. Era a brincadeira preferida dela.

Igor – Tem mais alguma coisa que você quer falar da experiência do pós-doutorado, Rogério?

No pós-doc também posso falar um pouco da vivência em Londres, do cosmopolitismo da cidade. Não é à toa que um exemplo tomado por Doreen foi o bairro dela, Kilburn, um bairro múltiplo, onde você encontra diversos imigrantes, línguas, culinárias. Íamos a um restaurante afegão, cujos donos eram amigos dela, restaurante da família. Depois de um tempo que ela frequentava, deixavam levar bebida alcóolica. Podíamos levar um vinho e beber. Kilburn inspirou-a assim a definir "um sentido global do lugar".

Antes de Londres eu tinha tido uma vivência de um ano também em Paris, e gostei muito. É uma cidade fantástica em termos de diversidade humana, cultural; uma grande cidade global. Mas Londres me atraiu mais ainda. Ao contrário de Paris, com toda sua opulência e composição histórico-arquitetônica, harmônica, em Londres, em boa parte destruída pela guerra, precisamos ficar um tempo para que a cidade, em certa unidade diversa, nos cative. Mas aí, depois, não queremos sair mais [risos]. Doreen, mesmo reconhecendo suas mazelas, também era apaixonada por sua cidade, e em homenagem – e também críticas – a ela escreveu *World City*, a "Cidade Mundial"[23], uma das três "primeiras", ao lado de Tóquio e Nova York, que compunham o famoso livro *The global City,* da Saskia Sassen[24].

Em Londres, se quisermos, é fácil ter amigos de vários cantos do mundo. Especialmente quando se frequenta a biblioteca Britânica, onde há estudantes do mundo todo. E também funcionários. Um de meus maiores amigos foi um bengali muçulmano que atendia entregando livros. Mantivemos contato por um bom tempo e pude acompanhar seu processo de mudança, infelizmente se afastando e retornando à religião e à sua

[23] Massey, Doreen. 2007. *World City.* Cambridge: Polity.
[24] Sassen, Saskia. 1991. *The Global City.* Princeton: Princeton University Press.

comunidade mais fechada. Eu fiz até uma crônica sobre nosso convívio que está no livro "Por Amor aos Lugares"[25].

Igor – É, as pessoas vão mudando...

Impressionante. Ele radicalizou de tal forma que toda a fisionomia, o vestuário, inclusive, mudou. Da última vez que o procurei na biblioteca ele havia voltado para Bangladesh. Assim, apesar de todo o seu cosmopolitismo, Londres também permite que se fique dentro da bolha cultural a que pertencemos.

Igor – Tem algo de lermos os autores aqui e ler lá, e conversar com eles lá, mas, sobretudo, vivenciar o espaço onde estão produzindo as suas teorias.

Isso, eu acredito, é fundamental. Nós nem sempre temos ideia do quanto o contexto geográfico, ou geo-histórico, de vivência é importante.

No caso da Doreen, por exemplo, o espaço vivido estava profundamente impregnado no trabalho dela. Os exemplos que ela traz no livro *Pelo Espaço* são quase todos de lugares vivenciados: Kilburn, a viagem entre Londres e Milton Keynes, o Lake District. Ao ser questionada como ficaria a dimensão natural em seu sentido global do lugar, ela respondeu – em *Pelo Espaço*, escrevendo sobre o Lake Distict – que as condições naturais também, mesmo que em outras escalas, são móveis e podem provir de diferentes espaços. Como os pássaros que vêm da África em certa estação do ano. Até as rochas, numa outra escala temporal, ela mostra como são "viajantes". Uma dinâmica igualmente múltipla e mutável, que na nossa escala de vida nem sempre percebemos.

Lucas – E apenas para não perder o *link:* é você que é responsável por trazer a tradução ou que insere em português os textos da Massey, não é?

O artigo "Filosofia e Política da Espacialidade" e o livro *Pelo Espaço*, sim.

Lucas – Já havia textos dela traduzidos?

Sim, no livro *Espaço da Diferença,* já citado, seu texto clássico e mais difundido, *Um sentido global do lugar*. E havia outro texto, que depois eu fiquei sabendo que foi Sandra

[25] Haesbaert, Rogério. 2017. Gopi e o (des)conhecimento do outro. In: *Por amor aos lugares*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Lencioni quem traduziu, na revista *Espaço e Debates*, do início dos anos 1980. Um trabalho dela sobre regionalismo[26], o primeiro dela que eu li. Um grande livro – *Spatial Divisions of Labour* – infelizmente não foi traduzido. Em inglês teve duas edições, a segunda atualizada e ampliada.

Agora, comentando um pouco sobre o livro *Pelo Espaço:* ele foi uma tradução que, para mim, foi uma empreitada que eu não imaginava o trabalho que iria dar, não fazia ideia. A editora contratou uma tradutora que não era da área – era bióloga, imagina. Inicialmente me comprometi a fazer a revisão técnica. Quando recebi o primeiro capítulo traduzido é que fui ter uma ideia da dimensão do problema – parte do qual ainda permaneceu na tradução final. Minha revisão acabou se transformando em segunda tradução, pelo menos da primeira metade do livro. Então teve problemas sérios de tradução. Mas Doreen ajudou muito na solução de várias dúvidas e ficou muito feliz com a publicação. Faz uma apresentação muito generosa também para a edição brasileira.

[26] Massey, Doreen. 1981. Regionlismo: alguns problemas atuais. *Espaço & Debates* ano 1, v. 4.

PARTE 5. A DESCOLONIZAÇÃO PELA GEOGRAFIA E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR PELO TERRITÓRIO

Igor – No campo teórico, uma das questões para nossa entrevista foi enviada pela Adriana Dorfman. Uma posição sobre a perspectiva descolonial, que é uma perspectiva que vem ganhando terreno em várias áreas do conhecimento, sobretudo na Geografia, na Geografia Brasileira. São várias perguntas, na verdade. Se você se considera um autor descolonial e por quê? Como fica essa relação com a Geografia internacional, com colegas de outros lugares?

Muito interessante. Essa [coisa] de nos autodenominarmos é muito complicada. Eu nunca gostei dessas definições simplistas: "Eu sou marxista", "Eu sou pós-estruturalista", "sou isso", "sou aquilo". Acho que sempre resisti a classificações simples, até porque nunca me senti cômodo dentro de uma caixa dessas... Sempre fui muito aberto a buscar respostas no encontro entre abordagens tidas por alguns como distintas. Um pouco, acho, por ter vivido o trauma das "revoluções" geográficas: a "revolução" quantitativa, a "revolução" radical ou marxista. Talvez só os chamados geógrafos humanistas não acreditassem em revolução [risos]. Felizmente hoje me parece que não há mais lugar pra encaixar-nos em chavões ou gavetas. O pensamento descolonial não pode, assim, por mais que se simpatize com ele, ser visto como uma nova corrente, coerente e bem elaborada, a ser tomada como única ou como "a" grande referência teórica. Até porque, e isso eu admiro, constitui-se como cruzamento de uma série de influências, do marxismo ao pós-estruturalismo, do pós-modernismo ao pós-colonialismo. Lembro quando, no início dos anos 2000, lemos em nosso grupo de pesquisa, o NUREG[27], o livro do Walter Mignolo, *Histórias locais, projetos globais*[28]. Carlos Walter que nos indicou. O diálogo com ele e com Valter Cruz, na época meu orientando, foi e continua sendo fundamental, especialmente neste diálogo com a descolonialidade. Temos um intercâmbio muito rico, especialmente através da participação comum em eventos e bancas. Acho que, num sentido mais amplo, um dos

[27] O NUREG, fundado em 1994 como "Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização" passou a ser denominado "Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização" com a entrada de Timo Bartholl, que passou a dividir a coordenação com Rogério a partir de 2019.
[28] Mignolo, Walter. 2003. *Histórias Locais/Projetos Globias:* colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG.

lugares onde nós mais aprendemos e trocamos, feliz ou infelizmente, são as bancas. Infelizmente, para quem está sendo...

Lucas – ...analisado.

Às vezes, a base de diálogo é mais entre os membros da banca do que com o trabalho, efetivamente, do mestrando ou doutorando.

Eu, Carlos [Walter] e Valter [do Carmo Cruz] temos um intercâmbio muito rico. Não é à toa que estamos unidos até fisicamente – o nosso grupo, NUREG, e o LEMTO, de Carlos Walter, têm salas geminadas. E o Valter foi meu orientando de mestrado e de doutorado. Lembro que por volta de 2007, por aí, eu propus ao Valter que escrevêssemos um texto sobre geografias descoloniais. Por uma série de contratempos, acabou não saindo. E agora ele entende mais de descolonialidade do que eu... [risos]



Figura 12. Com o amigo Carlos Walter e sua companheira Márcia, durante concurso para Professor Titular na UFF, 2016.

De 2014 para cá estou desdobrando um projeto junto ao CNPq sobre o território como categoria da prática numa perspectiva latino-americana. Confesso que relutei um pouco em usar o termo descolonial (ou decolonial, que muitos criticam como anglicismo), até por perceber que muitos intelectuais importantes nunca usaram o termo e mesmo assim trouxeram contribuições enormes a partir de um ponto de vista "latino-americano" – ou "descolonial", se quiserem – com toda a impropriedade que o termo "latino-americano" implica.

Num texto que escrevi para livro organizado por Fania Fridman e Sandra Lencioni tomei como referência o trabalho de geógrafos brasileiros, Milton, Carlos Walter, e algo do meu próprio, verificando elementos que podemos considerar ligados a esse contexto geo-histórico "descolonial" latino-americano. E me surpreendi relendo a obra de Milton. O Frantz Fanon já está lá; Gonzalez Casanova, com seu colonialismo interno (que Milton criticava), também. Um de seus livros, *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo* traz no próprio título esse outro olhar a partir de seu "lócus de enunciação". É uma pena que os livros de Milton tenham sido pouco traduzidos, especialmente para o inglês. Os ingleses conhecem pouco além da teoria dos dois circuitos da economia urbana (de *O espaço dividido*). Somente há relativamente pouco tempo começaram a reconhecer a necessidade de ler mais geógrafos latino-americanos. Acaba de ser traduzido o *Por uma outra globalização*, e fizeram um livro analisando a obra de Milton. É muito importante esse circuito dele pelo Sul – na Tanzânia, na Venezuela, no Peru, ao mesmo tempo que trazia sólida formação europeia, especialmente francesa.

Pretendo, no futuro, aprofundar essa leitura descolonial dos nossos clássicos, como é o caso do importante legado de Milton Santos[29]. Já no trabalho de Carlos Walter esse enfoque é muito mais explícito, pois foi praticamente quem introduziu o pensamento descolonial na Geografia brasileira.

No meu trabalho, por exemplo, n'*O Mito da Desterritorialização,* quando proponho o que eu entendo por desterritorialização, isso foi um pouco fruto – e eu digo isso em 2004 – dessa perspectiva da periferia, de você olhar para o mundo a partir daqui, porque tudo que eu via sobre desterritorialização – naquele balanço de vários autores, principalmente

[29] O tema foi recentemente desdobrado em: Haesbaert, Rogério. 2023. Um olhar descolonial em Milton Santos. In: Arroyo, M.; Silva, A. B.. (orgs.). *Instabilidade dos territórios*: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos. 1ed.São Paulo: FFLHC/USP.

não-geógrafos, que usavam o termo –, a maioria usava para falar a partir de grupos hegemônicos, de uma desterritorialização do capitalismo contemporâneo dito de acumulação flexível. Uma desterritorialização do Estado, que perde o poder sobre suas fronteiras. Desterritorialização do executivo de transnacional, que viaja de um canto para outro do mundo. Então me questionei: "Isso não é desterritorialização, isso é uma multiterritorialidade que o indivíduo ou grupo constrói e onde se encontra muito bem articulado, em rede, conectado". Por outro lado, o que eu percebi que dizia respeito muito mais diretamente à desterritorialização era essa precarização territorial, social, que vemos profundamente no contexto da América Latina. Ou aquilo que o sociólogo José de Souza Martins denomina *inclusão precária*. Ele não fala *exclusão,* questiona o termo, prefere falar em *inclusão precária*. Essa inclusão que vive a maior parte dos latino-americanos é extremamente precária. E aí eu desdobro, no final do livro, essa perspectiva de desterritorialização, que é um pouco pensar a partir do pensamento descolonial, ou do espaço dos subalternizados, e não a partir da perspectiva dos grupos hegemônicos. Como ocorre até hoje, de certa maneira, em relação ao conceito de território na geografia anglo-saxônica, uma visão de território a partir da figura do Estado e/ou de suas tecnologias de poder, como define de modo um pouco mais amplo o geógrafo inglês Stuart Elden. A inspiração em Foucault em sua definição de poder o fez, porém, ir além da figura do Estado e/ou dos grupos hegemônicos, mas sem avançar tanto na dimensão das resistências. A partir daí dá para perceber alguns elementos que são fruto dessa experiência nossa, desse olhar latino-americano. Também fica mais claro para nós, "periféricos", o jogo entre fechamento e abertura territorial. Há muito mais tempo do que reconheceu Wendy Brown, nós vivemos o "emuramento" da sociedade[30], em diversas escalas. A pesquisa que fiz envolvendo as favelas do Rio também mostrou claramente isso[31].

Acabei me envolvendo bastante com a questão do território nas favelas, outra maneira de ler os processos de des-territorialização, incluindo também os grupos ilegais e/ou criminosos, ou melhor, de indistinção entre o legal e o ilegal, já que boa parcela da polícia

[30] Brown, Wendy. 2009. *Murs:* les murs de sépartion et le déclin de la souveraineté étatique. Paris: Les Prairies Ordinaires.

[31] Parte dessa pesquisa se encontra no livro "Viver no limite" (2013), especialmente no cap. 9, e foi aprofundada em: Haesbaert, Rogério. 2023. *I-mobilidades globais e dispositivos de contenção territorial na metrópole.* Rio de Janeiro: Consequência.

formal está envolvida com o tráfico e a milícia, se não direta – no caso das milícias – pelo menos indiretamente, através da corrupção via "arrego" pago pelos traficantes.

O Rio de Janeiro, especialmente nas últimas décadas, pode ser visto como um grande laboratório territorial para reavaliar e repensar a ideia de território, descolonizando, de algum modo, essa concepção. Isso principalmente a partir do cotidiano desses grupos, de como eles próprios formulam as suas concepções de território – território também como ferramenta de luta ou de resistência. Mas há também os fechamentos territoriais produzidos pelos traficantes e pelos milicianos. Eles nos colocam um dilema. Falamos muito em muros internacionais, muros moldados pelo Estado nas fronteiras, mas também muros residenciais e de condomínios. O que significam esses fechamentos quando nos limites ou no interior das favelas?

Meu envolvimento mais direto com espaços e movimentos de favelas se fortaleceu com a orientação de Timo Bartholl, morador no complexo de favelas da Maré. Entre outros grupos, ele trabalhou em seu doutorado com o MCP, o Movimento das Comunidades Populares, que atua na favela Chico Mendes, no complexo do Chapadão, extremo norte do município do Rio. Timo me aproximou do movimento, que mantém ali uma creche, uma escolinha de reforço, uma loja de produtos de construção civil a preços mais baixos e um banco comunitário. Organizei um grupo de amigos de apoio à escolinha e doei uma kombi para o transporte das crianças e realização de outros serviços. O MCP, que tem origem na época da ditadura, ligado a movimentos da juventude católica, tem hoje diversas comunidades do Norte ao Sul do Brasil, no campo e nas cidades. O complexo do Chapadão é uma das áreas que mais sofrem com a violência do narcotráfico no Rio de Janeiro, e as entradas da favela Chico Mendes são monitoradas pelos traficantes através de "portais" ou barricadas de tonéis de cimento que só permitem passar carros menores.

Minha pesquisa sobre o território como categoria da prática na América Latina se expandiu depois para outros movimentos sociais de resistência, principalmente os povos originários. Assim, aproveitei convites para palestras e cursos no México, Colômbia, Equador e Chile para aprender com a experiência desses grupos. Somente com a aposentadoria da graduação, entretanto, é que consegui aprofundar as leituras e avançar na pesquisa.

No Chile, graças ao contato de Pablo Mansilla, nosso ex-doutorando e hoje professor da Universidade Católica de Valparaíso, visitei uma comunidade mapuche perto de Temuco, no sul do Chile. Agora [novembro de 2019] estou indo à Universidade de Bío-Bío, em Concepción, que é uma área próxima.

No Equador visitei uma comunidade quíchua cayambe, um aprendizado e tanto. Uma indígena, líder da comunidade, deu uma aula sobre território a partir da perspectiva indígena. Ela fazia mestrado em SIG (Sistema de Informações Geográficas), o que lhe auxiliava muito na ação política direta.

No México, ao ministrar um curso em La Piedad, estado de Michoacán, sugeri uma saída de campo até Cherán, municipalidade purépecha que construiu uma experiência autonomista única. Os professores que organizaram o campo conseguiram o contato de um dos ativistas durante o levante autonomista, em 2011, que deu um depoimento emocionado. Havia também estudantes e professores que investigavam a região. Cherán acabou logrando uma autogestão "por usos e costumes", mesmo no interior do sistema político mexicano. Vale a pena conhecer a transformação político-territorial deles, dentro do chamado pluralismo jurídico.[32]

O México pra mim é um país fascinante em termos de experiências territoriais, principalmente pela riqueza de culturas indígenas e a diversidade de iniciativas autonomistas. Mereceria um olhar muito mais atento dos geógrafos brasileiros e do restante da América Latina.

Igor – Eu fiquei pensando que, assim como fazemos o caminho de ler autores como Doreen Massey, e depois ir lá e entender a espacialidade da produção dela, de alguma maneira, você fez um caminho um pouco contrário. Você, que mora aqui na América Latina, começou a se revisitar na sua obra para buscar onde estão os elementos de uma perspectiva latina, do que você está falando, de temas como a desterritorialização, quais são os elementos latino-americanos na sua obra. Uma inversão do fluxo.

[32] A experiência de Cherán foi posteriormente analisada em: Haesbaert, Rogério. 2021. *Território e descolonialidade*: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina". Buenos Aires e Niterói: Clacso e PosGeo UFF.

Talvez tenha um pouco isso também. Mas essa contextualização geo-histórica do que pensamos, do que produzimos é algo que ocorre espontaneamente, não há como não admitir esse contexto, de onde crescemos e com quem nos relacionamos. Só podemos olhar o mundo e dar uma contribuição inovadora a partir da nossa perspectiva, da nossa singularidade. Claro que muitos pontos irão se encontrar, mas muitos serão exclusivos da combinação única de processos que se dá no espaço-tempo em que vivemos.

Seguindo ainda nessa pergunta da Adriana, é preciso destacar a importância de valorizar o pensamento de raízes latino-americanas mas sem, em hipótese alguma, menosprezar o pensamento dito do centro, que também pode ser periférico, dependendo do sentido – como na obra de Antonio Gramsci sobre o *Mezzogiorno* italiano ou o "Sul do Norte" no Portugal de Boaventura de Sousa Santos. Então é no diálogo que avançamos. Mas às vezes, há uma radicalização, também, ao somente valorizar o que é descolonial, de que tem que descolonizar tudo e como se tudo fosse redutível à colonialidade do poder. Sem dúvida, tem que descolonizar. Mas é preciso discutir muito bem o que chamamos de *moderno-colonial*... Aliás, o que chamamos de moderno, muitas vezes é tão simplista que ignora qualquer nível de ambiguidade ou contradição.

Eu gosto muito de um texto do Castoriadis em que ele falava, lá nos anos 80, que a modernidade foi construída a partir de dois polos: o polo da autonomia e o polo da heteronomia[33]. Quem saiu ganhando foi o polo da heteronomia; mas a autonomia estava ali o tempo inteiro, inerente à construção da modernidade. Então não tem como ignorar ou dissociar essa dupla face. Estimular um pensamento autonomista e de resistência na periferia é impossível sem olhar para essas experiências do centro que sempre aconteceram. Parece algo óbvio mas, às vezes, as pessoas não têm muita consciência disso.

Há vários autores da própria história do pensamento latino-americano que temos de resgatar. Um deles é Mariátegui, do Peru. Ele fazia um pouco isso: sem desprezar o legado do pensamento crítico europeu, relia esse pensamento à luz das problemáticas latino-americanas, enfatizando, por exemplo, a questão da terra e da indianidade. Ao mesmo tempo em que Gramsci pensava a "questão meridional" italiana, revendo o marxismo

[33] Castoriadis, Cornelius. 1992. *Encruzilhadas do labirinto III: O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

anglo-saxônico, ele pensava a questão regional peruana. Não podemos esquecer do "colonialismo interno" também existente nos países do centro.

Igor – Você falou das experiências políticas mais recentes que está tendo, esse engajamento mais direto com alguns movimentos.

Sim, até porque meu trabalho, embora sempre crítico e politicamente posicionado à esquerda, era mais acadêmico – ainda que muito marcado pelo trabalho empírico, de campo – e nas últimas décadas é que me envolvi mais diretamente com os movimentos sociais. Muito do crescimento desse vínculo devo ao convívio de colegas como Carlos Walter e a estudantes de graduação e pós-graduação.

Igor – Mas o Carlos Walter é seu colega há bastante tempo.

Sim, mas nosso envolvimento e trabalhos conjuntos se acentuaram apenas nas últimas décadas, especialmente depois da criação do nosso curso de pós-graduação [1999], quando o intercâmbio de ideias e experiências foi favorecido, principalmente pelo fortalecimento de nossos núcleos de pesquisa – fisicamente "geminados", como já disse – e a participação comum em orientações e bancas, além da redação conjunta do livro "A nova des-ordem mundial"[34].

Igor – E por que esse engajamento com as organizações mais diretas – como você citou, o MCP?

Nesse caso foi mais pelos orientandos, em especial o Timo Bartholl. Foi a partir do momento, também, em que, em termos de pesquisa, mudei meu foco para o Rio de Janeiro. Até então, como já comentei, eu analisava os migrantes sulistas, em toda a diversidade de condições de classe. No Rio, voltei-me fundamentalmente para os grupos subalternizados. Além disso, com a consolidação de nosso doutorado, passamos a receber muitos alunos de outros países da América Latina, muitos engajados também em movimentos sociais.

[34] Haesbaert, Rogério e Porto-Gonçalves, Carlos. 2006. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP.

Lucas – Mas foi uma coisa deliberada do programa buscar essa abertura para os estudantes latino-americanos ou foi uma coisa que aconteceu de modo mais espontâneo?

Eu acho que foram as duas coisas, incluindo nossa filiação à CLACSO, proposta pelo Carlos. A difusão de nossos debates, especialmente do Carlos, do Ruy [Moreira] e meu, por vários países, também contribuiu muito para reforçar esses elos. Começaram a surgir convites para conferências e cursos em diversos países latino-americanos que, no meu caso, comecei a conjugar com saídas de campo envolvendo comunidades periféricas e movimentos dos povos originários. Em alguns desses países fala-se até de uma "escola brasileira" de Geografia crítica, o que me parece um exagero – aliás, o termo "escola" é sempre problemático, nesse caso. De qualquer forma, os intercâmbios são muitos. Perla Zusman, da Universidade de Buenos Aires, certa vez apresentou um trabalho mapeando os intercâmbios meus e do Carlos com outros países da América Latina e eu mesmo fiquei surpreso com a amplitude desses contatos. A publicação de livros e artigos em espanhol, que foi muito intensificada, também é muito importante nesse sentido.

Lucas – É verdade.

Igor – É, o Carlos Walter até conta que a Capes já pressionou o "Lemto" para a internacionalização do laboratório. E falava também em internacionalização em geral. E o Carlos Walter disse: "Então vamos chamar os colegas bolivianos, peruanos, para virem participar". Na verdade, é como se a Capes não considerasse o intercâmbio com países da América Latina como internacionalização...

Como se não fosse internacionalizar... De fato, as instituições de avaliação e fomento valorizam muito mais determinado rol de países, como se fossem...

Igor – Mais internacionais do que outros?

Sim, a maioria países anglo-saxônicos, França e poucos outros. Herança colonial.

Igor – Os mais "universais".

Os mais "moderno-coloniais", também.

Igor – Rogério, nós tínhamos uma questão sobre a relação com outras áreas do conhecimento. Você falou um pouco agora sobre os antropólogos. Mas como foi a sua construção nas conexões fora da Geografia? Você usa muito a filosofia como base, como referência, para subsidiar as concepções teóricas que você está buscando.

Eu sempre tive um pouco essa necessidade de olhar para outros campos, outras disciplinas, e não me prender somente à Geografia. Tudo que envolvia o debate sobre espaço – e um pouco sobre tempo, também – me interessava, independentemente das fronteiras disciplinares.

Igor – Que é uma necessidade quase que do geógrafo mesmo.

É, penso que é inerente à própria Geografia. Por exemplo, aquelas disciplinas que eu fui buscar como aluno especial assim que terminei o curso de graduação, ligadas ao Urbanismo, à Filosofia e à Psicologia Social. Mas é interessante que, ao mesmo tempo, toda a minha carreira foi no âmbito da Geografia: desde a graduação, o bacharelado e a licenciatura, e, depois, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Mas, com autores, eu acho que eu fiz um diálogo extremamente aberto, vide as próprias figuras dos supervisores Jacques Lévy, no doutorado sanduíche, e Doreen Massey, no pós-doutorado. Eles estão entre os geógrafos que mais dialogam com áreas e autores fora da Geografia, circulam intensamente por outros campos, outros meios. Eu tive a satisfação, também, principalmente nestas últimas duas décadas, de ser convidado por colegas de outras áreas. Inicialmente, eu me questionava: “Tenho mesmo o que eu dizer pra eles?” Mas logo fui me convencendo da importância do nosso pensamento sobre o espaço, o território e a região para outras áreas. Por exemplo, um convite que eu tive, certa vez, da Medicina Social da UFRJ, para discutir território. Fiquei impressionado, depois, com o debate que gerou, percebi o quanto estávamos próximos e podíamos, ou melhor, devíamos dialogar. Isso é incrível. Outras experiências muito ricas foram as Artes, a Comunicação, a Sociologia, a Antropologia, a História, a Economia – como um debate para discutir região na Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. E até a Literatura e a Museologia.

Igor – A publicação do IBGE sobre o Atlas Literário.

Mas ali eram basicamente geógrafos que participaram e que formularam o projeto. Houve alguns encontros aqui no Rio, organizados por Luiz Paulo da Moita Lopes, da área de Linguística Aplicada, e dos quais resultaram alguns livros interessantes. Organizamos eventos sobre identidade envolvendo diversas áreas, principalmente os Estudos Literários. Outro diálogo que me surpreendeu foi com os antropólogos, primeiro em Guadalajara, depois no museu de Antropologia da Cidade do México, que me convidaram para discutir o conceito de região, muito utilizado entre eles na regionalização das comunidades indígenas mexicanas. É muito recompensador quando percebemos diretamente o uso prático dos nossos conceitos, seja por políticas púbicas progressistas, seja pelos movimentos sociais.

Igor – Quando a Izabel, uma amiga nossa, passou pelo México, fez um estágio lá, ela comentou que o Rogério é um autor muito lido lá.

Para a minha grata surpresa*, O Mito da Desterritorialização* já está na segunda edição por lá. E o *Viver no limite* deve sair no ano que vem pela [editora] Siglo XXI[35].

Quando *O mito da desterritorialização* foi editado, na primeira edição em 2011, eu fiquei pensando: "Puxa, eles vão imprimir mil e poucos exemplares? Isso não vai vender". E depois saiu a segunda edição. É sinal que o pessoal se interessa realmente pelo tema, e o debate é cada vez mais importante.

Igor – E, no geral, você sentiu que as contribuições da Geografia nas outras áreas foram levadas em consideração, foram respeitadas?

Penso que sim. A Geografia talvez esteja num dos momentos de maior intensidade de intercâmbios, de maneira geral. Não sei se eu estou sendo otimista demais. Pelo menos, é a vivência pessoal que estou tendo.

[35] Haesbaert, Rogério. 2020. *Vivir en el límite:* multi/transterritorialidad en tiempos de in-seguridad y contención. México: Siglo XXI.

Igor – E depende também do perfil do pesquisador, do geógrafo, que, às vezes, é mais aberto para dialogar com as outras áreas. E me parece que você se coloca nessa posição.

É como se fosse da natureza da Geografia essa abertura ao diálogo para com outras áreas. Mas também vem daí muitas das críticas que recebemos, como generalistas. Daí porque também, por outro lado, muitos geógrafos se hiper-especializam. Mas hoje, eu acredito, está havendo um resgate ou uma revalorização grande do pensamento integrador, especialmente sobre, a partir e com o espaço, que deve ser lido, sobretudo, a partir da integração de dimensões, que no fundo é a grande contribuição dos geógrafos – pelo menos daqueles que não exageram na dissociação entre Geografia física e humana e conseguem ter uma perspectiva minimamente integradora.

Além disso, muita coisa se deve também, no caso da América Latina, a essa verdadeira inflação territorial que estamos vivendo, porque tudo parece passar pelo território.

Do conceito, das políticas e dos movimentos sociais: território enquanto categoria analítica, categoria da prática e categoria político-normativa. Eu acho que nos três níveis está havendo inflacionamento, que por volta de 2010 eu chamei de *panaceia* do território. Parece que vamos resolver todos os nossos problemas quando a abordagem é territorial, e também temos que ter cuidado com isso, para não extrapolar. Às vezes, também somos responsáveis por isso. Então temos que cuidar para não exagerar.

Lucas – Que isso é uma perspectiva também bem francesa. No doutorado sanduíche, eu me lembro que o nome que eles dão para o funcionário público [na França], por exemplo, até na escola, é *agente do território*.

Caramba. Por isso eu falo da emergência do território e sua hegemonia ou seu inflacionamento nas geografias latinas, de língua latina. Com a diferença muito importante de que nos países europeus ela está muito ligada ao planejamento, à figura do Estado, herança que vem desde a famosa "escola" do *aménagement du territoire*. Na América Latina é também, e sobretudo, um movimento "desde abajo", presente no interior dos movimentos sociais por autonomia. Como disse Maristella Svampa, inspirada em muitos movimentos, aqui, falar de autonomia é também falar de território.

Importante lembrar que esse *agente do território* não deixa de estar ligado à figura do Estado. Sem falar na questão sempre reposta da centralização do Estado na França,

colocando em questão as autonomias territoriais-regionais, E sempre num nível mais "de cima para baixo" do que "de baixo para cima", se se pode dizer assim. Na América Latina é distinto. Eu tenho trabalhado um pouco isso agora, refletindo sobre o que leva o território, no contexto latino-americano, a ter essa importância que ele adquiriu.

Igor – O território tem uma importância até, às vezes, no *marketing*. Eu já encontrei dois estabelecimentos, um chamado Território do Pastel e outro chamado Território da Beleza.

Tire foto para mim [risos].

Igor – São lá em Porto Alegre.

É impressionante como se disseminou no nosso dia a dia. De tal forma que nem sabemos mais o que significa... (risos) Hoje tem até modelo de carro com o nome "Território".

Igor – Por que esses termos? Por que não é o "lugar da beleza"? Poderia existir. Não encontrei ainda, mas...

"Lugar" não tem essa força adquirida pelo "território" entre nós. Ao contrário, em países anglófonos eu já encontrei um estabelecimento comercial chamado "The Other Place", por exemplo – tem até uma foto no livro *Por amor aos lugares*.

Devemos lembrar ainda uma perspectiva latino-americana sobre o território muito influente, principalmente proposta por Arturo Escobar, representante do pensamento descolonial, que coloca o território praticamente como sinônimo de espaço no sentido mais pleno – espaço geográfico –, que ele chama de *ontologização do território*. Um grupo somente existe se existir num território. Mas, logo depois, vem o debate: mas que tipo de território? Porque esses territórios, em geral, são delimitados pelo Estado, com garantia de seu controle. E aí as coisas começam a complicar e a se misturar, porque nem todo grupo tem essa consciência de uma delimitação estrita, como propõe o Estado.

Lucas – Em zona, por exemplo.

Sim, zonal. Aí complica muito, o que é esse território ontológico que participa definindo o próprio ser de um grupo. E isso não vem somente da América Latina – há um bom tempo líamos no grupo de pesquisa e eu indicava no curso de mestrado um texto do geógrafo

francês Jöel Bonnemaison[36]. Ele demonstra, agora, o quanto uma leitura descolonial - embora sem usar este nome – não é prerrogativa de um pensamento latino-americano. Um autor do centro pode perfeitamente fazer um profundo trabalho na periferia, passar anos investigando, convivendo – como fizeram grandes antropólogos, e daí conceberem uma conceituação amplamente imbricada ao pensamento nativo. Foi o caso de Jöel Bonnemaison, que desenvolveu sua pesquisa durante muito tempo como os "manples", na ilha de Tanna, na Melanésia. Dali ele elabora, depois, todo um trabalho conceitual sobre o território, afirmando, entre outras coisas, que antes de um ter o território é um ser, constituindo o próprio ser do grupo. Assim, a concepção "ontológica" do território – ou melhor, dos processos de des-reterritorialização – não brota apenas da realidade latino-americana, mas tem potencial para ser compreendida através de diversos povos originários em diferentes periferias do planeta, do aborígene australiano ao canadense, por exemplo.

Igor – O Prof. José Angel Quintero [Weir], que é venezuelano, que até conseguimos colocá-lo na mesa de abertura da ENANPEGE, em Porto Alegre...

Grande José Angel! Foi ele que traduziu meu livro *Regional-global* para o espanhol[37]. Acabou de sair. Gostaria de conhecê-lo pessoalmente e agradecer muito. Eu consegui ontem o *e-mail* dele com um geógrafo peruano para agradecer a tradução. E ele era para ter vindo à UFF também – Carlos Walter, certa vez, propôs. Eu vi um trabalho sobre aldeias indígenas wayuu, muito rico.

Igor – A Izabel, essa nossa amiga, que é colombo-brasileira, traduziu um livro dele – *Fazer comunidade* – em que ele conta as histórias do povo wayuu. Fizemos uma edição com alguns exemplares, porque ele iria a Porto Alegre.

É impresso? Gostaria de ler esse livro.

[36] Bonnemaison, Jöel. 1991. Voyage au tour du territoire. *L'espace géographique* n. 4.
[37] Haesbaert, Rogério. 2019. *Regional-global:* dilemas de la región y de la regionalización en la geografía contemporánea. Buenos Aires: CLACSO e UBA,

Igor – Ele acabou não passando por Porto Alegre. E nós mandamos, depois, para São Luís, onde ele estava; acabamos mandando os livros para ele. Mas eu tenho algumas cópias impressas ainda.

Ele escreve muito bem, era professor de literatura. Fez a tese na UNAM. Mas ele conta que, num momento, estavam discutindo com o Estado venezuelano qual o conceito que iria ser usado para o espaço dos indígenas, a regra a ser utilizada para delimitar a espacialidade das terras indígenas. Comenta que havia uns quatro conceitos que estavam sendo disputados: território, *habitat*, ambiente e terra, algo do tipo. E ele disse: "Não, os indígenas querem o conceito de território, a ideia de que o território nos garante a soberania sobre o espaço". E pleitearam isso com o governo venezuelano. Mas o governo venezuelano defendia, e foi o que acabou ficando, o conceito de *habitat,* que é um conceito com forte carga biológica. Fundado na ideia da menor área que uma espécie precisa para sobreviver. Então, nessa disputa específica, buscar o conceito de território ...

É uma ferramenta muito mais eficaz.

Igor – Do que o outro, frente ao conceito de habitat.

Também porque o conceito de território tem seu foco nas relações de poder, em suas múltiplas esferas ou dimensões.

Igor – Então, Rogério, uma das perguntas é um pouco uma projeção sobre a existência dessa panaceia sobre o conceito de território. E se você consegue lançar um horizonte de perspectiva para o desenvolvimento do conceito.

Uma questão difícil, prever o que virá em relação ao território.

Ainda mais no mundo em que estamos vivendo, e na situação brasileira contemporânea. Tudo é muito imprevisível. Uma coisa que podemos dizer é que, cada vez mais, e dentro da Geografia, sobretudo, a relação entre sociedade e natureza, ou melhor, sua indissociabilidade, vai estar cada vez mais presente nos nossos trabalhos, nas nossas pesquisas. Vai ser uma obrigação pensar essa integração, inclusive em relação ao território, porque é compulsório, agora, pensar o espaço também na sua dimensão dita

natural[38]. Pode parecer complicado falar isso, "dimensão", mas eu não encontro palavra melhor para expressar a ideia de constituinte, inerente à sua constituição.

Lucas – Você se refere ao momento político que estamos vivendo, a importância que isso está ganhando, frente aos tensionamentos políticos?

Sim, nunca a chamada natureza foi tão impregnada de política. Bruno Latour já falava isso nos anos 1990. E se território é o conceito geográfico que melhor traduz as relações de poder, ele estará obrigatoriamente impregnado de natureza – ou de "ecologia política", se quisermos. As questões ditas ambientais adquirem grande centralidade, pois colocam em jogo a própria sobrevivência da civilização humana.

Lembrei daquele debate com Doreen Massey, quando lhe indagaram onde ficava a natureza em sua concepção global de lugar. Ela também me questionou: "E a desterritorialização da natureza? Como é que você coloca?"

Igor – Aí ela fica replicando a crítica.

Mas tem um capítulo inteiro n*'O Mito da Desterritorialização* sobre a territorialidade nessa dimensão; principalmente, através do trabalho dos biólogos. Mas claro que questionando a territorialidade humana como decorrência de um comportamento meramente biológico, animal.

Lucas – Da Etologia.

Para mim foi muito interessante aquele debate, aprender com tantos autores dessa área da Biologia, que estuda o comportamento dos animais, inclusive o comportamento dito territorial. Tem um autor, o [Robert] Ardrey, nos anos 1960, que escreveu um livro chamado *O imperativo territorial*[39], em que ele defendia a tese de que o homem, tal como os animais, tem que delimitar obrigatoriamente um território. E aí, claro, ele associa com propriedade privada, um prato cheio para naturalizar e assim legitimar a propriedade privada. Isso não quer dizer, entretanto, que devamos deixar de lado essa dimensão

[38] Essa questão foi analisada, posteriormente à realização da entrevista, em: Haesbaert, Rogério. 2021. A corporificação "natural" do território: do terricídio à multiterritorialidade da terra. *GEOgraphia* v. 23, n. 50.
[39] Ardrey, Robert. 1969. *The territorial imperative:* a personal inquiry into the animal origins of property and nations. Londres e Glasgow: Collins.

natural no enfoque da territorialidade humana. O debate continua e parece até se fortalecer – vide os estudos da genética e da neurociência.

N'*O mito da desterritorialização* eu me questionava sobre o "poder" da natureza – que eu preferi denominar de força, para diferenciar do poder social, humano. Mas me perguntava – e volto a me perguntar hoje – se essas forças não estão de tal forma imbricadas com a atividade social que não podem ser desconsideradas como tais nos processos de desterritorialização. Além daquelas forças eminentemente naturais, como os vulcanismos e os terremotos, temos hoje toda a questão climática onde é impossível separar – ou mesmo saber – o que é "social" e o que "da natureza". Até mesmo o debate do determinismo ambiental se recoloca, sob novo olhar.

Temos que ter cuidado é com as implicações políticas conservadoras e até de extrema-direita potencialmente embutidas nesse debate. Quando comecei a ler sobre territorialidade animal eu percebi algo muito interessante: ao contrário do que diziam autores como Ardrey, não há obrigatoriamente uma delimitação territorial clara entre os animais, jamais um comportamento territorial padrão. Assim, se entre os animais existem múltiplos comportamentos, desde territorialidades bem delimitadas e fechadas até territórios fluidos e mesmo aleatórios – como o do diabo da Tasmânia, então esta característica da multiplicidade é que valeria, e mais ainda, para os homens. Podemos falar tanto em multiterritoralidade animal quanto em multiterritorialidade humana, esta mais ainda, é claro. Às vezes, o mesmo animal, a mesma espécie, tem comportamentos territoriais muito diferentes dependendo do momento da vida – para defender os filhotes, por exemplo, o território é bem definido. Para depois abrir-se novamente.

Igor – E de interações com outras espécies também.

Certamente, muito diversificadas.

Igor – Não somente um mundo "especista"

E outra coisa que nós vamos ter que trabalhar muito para o futuro é justamente essa dimensão da multiplicidade. Multiplicidade como diferença. De uma maneira às vezes meio enviesada, esse movimento complexo que chamamos de pós-modernista, ou pós-estruturalista, acabou trazendo à tona, com muita força, a questão da multiplicidade ou da diferença. Politicamente por vezes teve um efeito negativo, menosprezando a crítica e

as lutas mais amplas, dirigidas ao "sistema" – aquilo que Wallerstein, inspirado na economia-mundo de Braudel, chamou de sistema-mundo, e que os descoloniais chamaram sistema-mundo – capitalista – moderno-colonial. Nesse sentido é que vejo a importância do debate. O pensamento descolonial de certo modo consegue reunir um pouco esse discurso e prática da diferença – ao valorizar as questões raciais e de gênero, por exemplo – com a crítica mais ampla e radical ao capitalismo e sua estrutura e exploração de classes. Não à toa pluriverso é um dos conceitos que se propõe como pensamento e prática alternativa, mas consciente da imensa luta – que em algum momento também deve ser unificada – contra o uni-verso (única versão/visão de mundo) construída e imposta pelo modo de produção hegemônico.

Igor – A professora Dirce Suertegaray tem um texto de análise da pós-modernidade, a relação entre modernidade e pós-modernidade, em que ela faz uma crítica a uma forma de leitura da pós-modernidade que não enfatiza as relações de poder e de classe. Porque se a pós-modernidade conseguiu valorizar, ressaltar que existem múltiplas formas de compreensão de mundo e manifestação dele, por outro lado, ela não avançou na compreensão sobre as relações de poder.

Crítica fundamental, por isso foco minhas análises justamente no jogo territorial dessas relações de poder, entre hegemonia e subalternização, entre dinâmicas impostas "de cima" e resistências construídas "desde baixo", com suas ambiguidades e contradições. Gosto da ideia de transterritorialidade justamente porque aí a ênfase não é somente no caráter múltiplo, é no trânsito – efetivo ou potencial – entre múltiplas territorialidades. Eu acho que um dos dilemas está aí: como construir limites que sejam suficientemente flexíveis para, ao mesmo tempo, reconhecer singularidades e perceber, ou fortalecer, conexões mais gerais.

Outro debate que espero futuramente aprofundar é essa questão dos limites, das fronteiras territoriais, sobre o que significa delimitar um território, principalmente no sentido de construir um projeto autonomista sem isolacionismo. Em outras palavras: o que significa construir uma comunidade autônoma em relação aos limites territoriais – que não seja uma entidade fechada, mas que também resguarde, que dê segurança e aconchego para quem está ali. Eu discuti um pouco isso a partir da experiência autogestionária de Cherán, no México, mas é preciso aprofundar.

Igor –Acho que é um pouco isso: demarcar, mas não fechar.

Mas, um tempo atrás, às vezes inspirados no próprio Deleuze e Guattari, houve uma exacerbação, uma sobrevalorização do chamado nomadismo. Como se tudo fosse nômade, tudo fluindo, e numa leitura altamente positiva do nomadismo. Como se "parar", como se fechamento relativo, não fosse necessário. Hoje estamos repensando profundamente isso, compreendendo o valor de um certo enraizamento, mas sem cair no comunitarismo retrógrado. Como se fosse uma composição entre a árvore, mais fixa e enraizada, e o rizoma, mais móvel e mais horizontalmente conectado, discutidos por Deleuze e Guattari.

Lucas – Eu fiquei pensando no próprio bar afegão, que conseguia negociar a entrada do vinho.

Um pouco isso, também. Negociar, abrir, para inovar, ou para receber o outro – mas também para não perder clientes, é claro...

Lucas – A geografia do trânsito.

Os afegãos muçulmanos de Kilburn estão em meio a uma Londres extremamente cosmopolita. Você tem que se adaptar, até porque também, no caso deles, podem querer ampliar os negócios.

Lucas – Porque o aluguel é caro, tem que pagar o aluguel.

Igor – Doreen também era uma cliente frequente, então tem que fazer concessões para quem é cliente antigo.

Há uma passagem no primeiro livro do Timo Bartholl, a partir da tese dele, em que ele o cita. Ele estava fazendo uma discussão sobre a geografia engajada, e é uma passagem sua em que você fala sobre as disputas que existem dentro dos departamentos universitários. E que, às vezes, apontamos as armas mais para os colegas, e menos para os verdadeiros inimigos, que estão fora da universidade.

Penso até que isso tem a ver com a questão do limite, das fronteiras que criamos até dentro de um departamento. Tudo tem que ser muito bem pensado de acordo com o contexto, com o momento. O limite mais rígido, ou mais flexível, mais aberto ou mais fechado, depende das circunstâncias, do momento. Como acontece com o quilombola

e o indígena, ou os povos tradicionais em geral que, na hora da luta para delimitar o território, é preciso se fechar e dizer quem se identifica com aquele povo tradicional e, em função disso, até onde vai o espaço reivindicado. Faz parte do jogo, do jogo possível. Para conseguirem alcançar o controle sobre determinado território, naquele momento, eles vão ter que se fechar. Então há momentos de luta em que realmente se trata de enfrentar uma batalha e assim é necessário separar, distinguir claramente quem está de um lado e quem está do outro. Isso acontece principalmente nos momentos mais decisivos das lutas. O problema é quando isso vira permanente dentro até mesmo de um departamento ou, um pouco mais amplamente, dentro da Geografia. Nos fechamos em pequenos grupos, e até em nossas salas, como se sempre estivéssemos em guerra, em competição, ignorando que cada momento exige uma reconfiguração de forças. Outro dia aconteceu comigo, através de um convite de determinado curso de Geografia que não vou citar o nome. Aceitar o convite implicava dar aval a um grupo dentro do departamento deles, e ter problemas com outro. Eu não fazia a menor ideia. É terrível isso, principalmente para quem é de fora e não conhece os limites internos, as "regras do jogo".

Igor – Fica no fogo cruzado...

Exatamente. É o cúmulo isso. E muitas vezes gastamos energia demais nessas disputas internas. O país nessa tragédia, a universidade pública sendo bombardeada, e a gente se preocupando mais com o colega do lado. Chega uma hora que você tem que parar. Deixar para depois. Num outro momento você vai enfrentar essa disputa cotidiana dentro do curso, departamento ou universidade. Mais do que nunca, sob esse desgoverno em nível nacional, precisamos estar unidos, defendendo a instituição de ensino público, gratuito e autônomo. Isso também é uma questão de "jogos" e "saltos de escala": como é que você mobiliza grupos em determinadas escalas em certo momento e, em outro, você articula e mobiliza outras. Depende da tática e da estratégica que está em curso, e que varia muito. Temos de perceber isso. Se agora é hora de priorizar outra luta, vamos estar todos juntos. Tem um perigo muito maior que está lá no alto, muito pior.

Uma das coisas que me ensinou a ditadura, e que parece que está voltando, foi relativizar certas posições e radicalizar outras. Antes, as divisões políticas que tínhamos eram distintas. Isso ficou muito claro para mim: as divisões políticas que tínhamos antes deste

(des)governo. Aí a prioridade número um das reivindicações era outra. Agora é diferente, pois perdemos mais ainda e é preciso recuperar tudo isso que perdemos. Porque o que está aí é o inferno, quase o fim do mundo, ou caminhando pra ele, acelerando o processo. Então vamos nos juntar neste momento, sabendo que num outro momento você pode articular outro tipo de luta, para aprofundar a transformação social. Não tem jeito, temos que batalhar também por pequenas conquistas, elas também alimentam nossa confiança na luta. Se não vamos ficar enfraquecidos, desacreditando de nossa própria força. E eu acho que a esquerda está vivendo um pouco isso agora, está faltando um projeto conjunto, uma escala de valores, uma estratégia que molde concretamente as táticas de cada contexto.

Lucas – Sim. Um grande articulista dos jornais de esquerda está chamando atenção a isso: a incapacidade da esquerda de conseguir dar uma resposta à altura...

Criar um projeto minimamente conjunto imediatamente. Questão de urgência, não podemos perder mais, devemos buscar os pontos que ainda temos em comum e que nos fortaleçam.

Lucas – E se identificar com o povo.

Isso, profundamente. Essa questão também é fundamental. Como afirmam muitos ativistas, é preciso "retornar ao território", no sentido das práticas efetivamente vividas na periferia, nos espaços subalternizados.

Se não nos aproximarmos e dialogarmos, o que chamamos de povo irá encontrar outros interlocutoress, como muitas igrejas pentecostais e as milícias. E essas pessoas precisam de respostas concretas, não é possível ficar filosofando ou teorizando demais. Vivemos um capitalismo de emergências onde, como diz Naomi Klein, ele próprio produz suas emergências e catástrofes. Assim, temos de conquistar a base da população, a mais sofrida e explorada, a partir de reflexões sérias, mas ao mesmo tempo, também, de ações muito concretas, de fato mobilizadoras, nas quais elas acreditem, se identifiquem e confiem.

Igor – Rogério, voltando um pouco à relação com os colegas, o comportamento ao longo da sua trajetória na universidade. Você chegou a sentir que existiam

comportamentos geracionais? Vamos dizer que as pessoas ficavam mais tempo no departamento e acumulavam mais tensões, essas coisas...

Sem dúvida, essa é outra divisão que pode acontecer, e frequentemente acontece: geracional – a dimensão também temporal no âmbito das relações intra-universitárias – e não só na universidade, é claro, desde o interior de uma família são muitos os atritos geracionais. E aí testa-se a capacidade dos mais velhos de tentar assimilar o novo que está brotando com a chegada, o ímpeto e muitas vezes a maior ousadia dos mais jovens. Há vários exemplos disso, da incapacidade de diálogo, porque você se agarra, meio como se fosse um feudo, às ideias e mesmo aos espaços antigos. Mas há também, não esqueçamos, a dificuldade dos mais jovens e precipitados a reconhecer o ritmo e o legado acumulado pelos mais velhos. Os dois lados na verdade têm que ceder para que a mudança para melhor se faça – neste caso, também, pelo debate aberto e a boa argumentação.

Igor – Sim. E como é que você lidou?

Creio que nisso sou bastante tranquilo. Basta ver minhas amizades, transito com relativa facilidade por vários grupos. Claro que devemos saber separar relação afetiva e relação intelectual. Às vezes é preciso abrir mão de uma para manter a outra. Toda pessoa carrega limitações, e é preciso compreendê-las. Na verdade, eu nunca fui de feudo. Realmente, nunca fui de me fechar num grupo, de defender um grupo a qualquer custo, como fazem muitos, que chegam ao extremo até de interferir em concurso para que vençam "os seus" – ou para que não vençam os "dos outros". Uma qualidade que acho que cultivei é a capacidade de diálogo e a defesa da justiça, legado – em parte, pois era uma justiça distinta dentro e fora de casa – de meu pai. E também de aprender com o outro, ter abertura para aprender com o diferente. Isso eu aprendi desde os problemas da adolescência. Aprender a escutar também. Em determinadas situações, não tem outra saída. Se queremos mesmo mudar, mudança somente se dá nesse confronto com o diferente, senão você vai falar somente entre iguais, sempre pra sua bolha, o que hoje é cada vez mais comum. A própria universidade em seu conjunto tem que ter muito cuidado com isso, hoje, para não se transformar num casulo, que só fala em sua língua, para seus semelhantes. E, pior, um discurso hermético, que a maioria da população não alcança.

Lucas – Sem abertura a uma discussão social mais ampla.

Tem muito a ver com esse debate que eu faço sobre o vínculo entre o território como categoria da prática e categoria de análise. A categoria analítica deve levar em conta a força do que vem de baixo, do cotidiano, mas não podemos nos contentar com isso. É preciso reproblematizar e, depois de formulada a análise e seus conceitos, retornar ao vivido, ao concreto das lutas. Cada vez mais a universidade é cobrada por seu papel social, e com razão. Precisamos pensar com e para além das práticas concretas, propondo juntos outras formas de sociedade ou, mais amplamente, "outrso mundos possíveis".

Igor – Eu tenho uma pergunta que não está no roteiro. Você estava falando muito da prática, e tem um autor que falava muito disso, da prática, da práxis, no campo educacional, que é o Paulo Freire. Eu nunca vi você trabalhar com ele.

É verdade, eu trabalhei muito pouco com Paulo Freire, quase sem referência a ele, mas porque eu não tive leitura dele na minha formação. Nunca me levaram a ler Paulo Freire. A maioria de minhas disciplinas na área de educação na graduação foram terríveis, basicamente decorando leis e normas. Mas eu considero que tive muita influência indireta do Paulo Freire, através da valorização da prática social, das experiências pessoais na construção de um conhecimento comprometido e definido sempre por uma práxis. E depois das últimas duas décadas, também tive influência direta, principalmente através do convívio com duas educadoras que passaram a fazer parte de nosso grupo de pesquisa, Maria Lúcia de Oliveira, da Educação-UFF, e Ana Angelita, da Educação-UFRJ. Elas são profundamente freireanas em suas posições político-pedagógicas.

Agora, falando em termos mais gerais, acredito que a dimensão pedagógica, didática, do meu trabalho, é muito forte. Sempre tive muita preocupação com a comunicação com os alunos. E sempre gostei muito de preparar e dar aulas. Isso é algo que vou sentir falta agora, com minha aposentadoria da graduação.

Lucas – Tanto na graduação quanto na pós-graduação?

Apenas na graduação, pois continuarei como professor efetivo da pós-graduação, "voluntário", como dizem, e com meu grupo de pesquisa.

No fundo eu acho que eu gostava ainda mais da graduação, por isso quero manter o contato com os alunos de diversos níveis através do grupo de pesquisa. Lembro que criei o PET [Programa Especial de Treinamento, à época, hoje Programa de Educação Tutorial] de Geografia na UFF, em 1996, e fiquei quatro anos na tutoria, com até 12 bolsistas. Foi um trabalho que me empolgou muito, integrando ensino, pesquisa e extensão.

Aqui na UFF, eu tive, desde que entrei – voltando à questão do intercâmbio com outras disciplinas – um contato muito forte com a História. Sempre dei aula para a História – Geo-história, disciplina obrigatória para os alunos do curso de História. Dei aula de Geo-história praticamente em todos os anos em que eu trabalhei na UFF. E com turmas muito boas. O curso de História da UFF é um dos melhores do Brasil. Inclusive, agora, estamos com um projeto de internacionalização (PRINT) sobre desigualdades globais junto com a História. Então essa é outra área com a qual o diálogo é muito forte. Embora os alunos fossem do segundo semestre do curso, boa parte já tinha um grande acúmulo de leitura. Houve até quem participasse como bolsista de iniciação científica comigo. O vínculo com a História me levou a participar de eventos a convite do historiador Durval Albuquerque Júnior, autor de *A invenção do Nordeste*[40], que tem uma grande sensibilidade para com a dimensão geográfica da história.

[40] Albuquerque Jr., Durval. 1999. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez.

PARTE 6 : SOBRE A PRODUÇÃO SENSÍVEL E CRIATIVA NO ESPAÇO ACADÊMICO

Lucas – Acho que o Igor vai querer fazer algumas considerações também. Mas eu me lembro de que, quando eu comecei a estudar música na Geografia, eu ainda estava, nessa época, ou no final da graduação ou no início do mestrado. E aí eu entrei em contato com aquele seu livro, *Territórios alternativos*, onde eram tratados vários temas. E um dos textos se chamava *Poesia e identidade*, se não me engano.

Território, poesia e identidade[41]. Tem várias músicas gaúchas.

Lucas – Exato. É, eu entrei muito em contato, refleti muito sobre uma Geografia da Música que escapasse um pouco desse viés fenomenológico, humanista, um pouco a partir da leitura que eu tinha feito da Lily Kong, que era uma geógrafa crítica. E resolvemos explorar também um pouco essa dimensão da produção sensível e criativa. Como é que é essa relação com a poesia, com a literatura ou com as artes em geral? O pessoal lá no NUREG até brinca que você gosta de dançar na Feira de São Cristóvão. Ou seja, uma relação que você tem, de alguma maneira, com as artes, com a poesia, com a literatura, que ressalta mais em alguns momentos da sua produção. Como é a relação que você tem com tudo isso?

O que eu diria é que essa relação, subjetivamente, é extremamente forte. E ela – agora eu estou refletindo um pouco sobre isso – deveria estar mais presente no meu trabalho. É um pouco frustrante para mim, agora, olhar para essa trajetória toda e perceber que eu não investi tanto nisso. No fundo, eu acho que eu sou um poeta meio frustrado. [risos]

Igor – Talvez não seja...

Talvez não seja. Virei até cronista [risos]. Eu fiz algumas poesias bastante ingênuas na adolescência. Publiquei até no *Correio do Povo*[42], como já falei, uma se chamava *Isso é mundo?*, em que eu estava me inserindo nas questões ecológicas já no final dos anos 1970. Mandei a poesia pelo correio, eles publicaram. Aquele artigo do livro de 2002 na verdade foi escrito para um Boletim de Geografia Fluminense, em 1993. Mas não avancei.

[41] In: Haesbaert, Rogério. 2003. *Territórios Alternativos*. Campinas: Contexto e Niterói: EdUFF.
[42] "Correio do Povo" era o principal jornal diário de Porto Alegre nos anos 1970.

Apesar da vontade de superar a dicotomia entre sensível e racional, acabei dando muito mais ênfase ao pensamento racional dentro da academia. Não faltaram, é claro, epígrafes poéticas, desde o livro do meu mestrado, com a "Geografía Infructuosa" de Pablo Neruda, até *Viver no limite*, por exemplo, que eu fecho com uma expressão poética do Manoel de Barros, um de meus poetas preferidos, que prestigiamos muito no nosso grupo de pesquisa.

Senti muito prazer escrevendo esse livro de crônicas, já citado, *Por amor aos lugares*. Foi muito prazeroso organizar aquelas crônicas; algumas mais antigas, outras mais recentes. E acho que esse é um caminho em que ainda vou investir mais. Eu tenho praticamente pronto um segundo livro, somente de crônicas geográficas[43]. E fotografia também, que eu gosto muito. Nunca investi em nada mais profissional, nunca fiz um curso de fotografia, por exemplo, é sempre algo muito intuitivo. Mas sempre gostei muito de fotografia. Tem um trabalho muito bonito de geógrafos portugueses, em que participei com textos e fotos. Chama-se *Transversalidades*. Muito bem feito, com concurso de fotografias, inclusive. Um dos organizadores é o geógrafo Rui Jacinto [da Universidade de Coimbra]. Rui Jacinto sempre trabalhou nessa linha entre Literatura e Geografia. Fez trabalhos muitos bonitos sobre escritores portugueses, relatando suas geografias vividas também. Ele é um de meus amigos entre geógrafos portugueses que admiro e estimo, como João Ferrão, Francisco Roque de Oliveira – que tem um acervo fantástico de fotografias antigas de geógrafos – e José Alberto Rio Fernandes.

Lucas - Mas você continua lendo? Você lê poemas? Você consome essas coisas?

Eu leio. Tenho uma seção razoável na minha estante. Estava lendo há pouco o [Thomas] Elliot, em edição bilíngue – aproveitando para aprimororar o inglês – mas não faz muito o meu estilo. Prefiro o Walt Whitman, também pela geografia com a qual se envolve. Volta e meia tenho como livro de cabeceira um livro de poesia ou de crônicas. Agora estou lendo crônicas da Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*. Fernando Pessoa, de quem tenho as obras completas, há muito tempo, vai e volta pra minha cabeceira. Sempre gostei do Fernando Pessoa, um pouco, influenciado pela minha irmã, que é da área de

[43] Publicado no ano seguinte à realização da entrevista: Haesbaert, Rogério. 2020. *Travessias*. Rio de Janeiro: Consequência.

literatura e sempre gostou muito dele. De Jorge Luis Borges também tenho a obra completa, e admiro muito seus contos.

Além da literatura, eu sempre gostei de desenhar. Essa é outra frustração, pois reconheço que deveria ter investido mais. Alguns desenhos aparecem, por exemplo, no livro *Des-territorialização e Identidade,* que resultou da tese de doutorado. A amiga Lia Machado uma vez me cobrou: "Você tem que desenhar mais". E eu nunca investi nisso.

Igor – Mas agora que está aposentado, não é? Não é uma questão de frustração. Fizemos um monte de coisa... Não fez o que não fez porque fez o que fez, não é?

É por aí. Temos que fazer opções e nos contentar com o resultado. Já dizia um psicólogo que maturidade tem a ver com saber perder, pois toda decisão implica perdas e ganhos, e é nesse balanço que avançamos.

Outra coisa que eu gostei muito foi escrever o meu memorial para o concurso de profesor titular; contar um pouco nossa história, encontrar elos que não víamos antes, relembrar parceiros, influências, passar do individual ao coletivo. Tudo bem que isso não tem nada de ficção, mas o simples fato de contar uma história, compor um enredo ... A academia muitas vezes é tão racionalista que somente quando escrevemos um memorial é que ela dá espaço para integrar a vida e o pensamento, emoção vivida e razão. E isso lá no final da carreira, você vai falar um pouco da sua vida pessoal – ou então numa entrevista como esta.

Isso é triste, cá para nós. A universidade, a academia, não costuma dar esse espaço. O mundo está um pouco como está por essa falta de uma pedagogia da sensibilidade – ensinar as pessoas a sentir, a expressar sentimentos, emoções. E pra vocês, então, que estão envolvidos com a Geografia da música, aí não tem como dissociar ... Felizmente a Geografia está criando esses espaços, e os estudantes, os mais jovens, como vocês, acabam também se encarregando de reverter isso. Me deu muita satisfação, um dos cursos que eu mais gostei, e que, infelizmente, pude oferecer poucas vezes, foi uma disciplina optativa que criei, denominada *Abordagens culturais em Geografia*. A turma era muito boa também. Até hoje eles lembram desse curso. Aliamos teoria e prática de modo direto. Eles trouxeram até grupo de jongo. Alguns dos alunos eram músicos e puderam se expressar, fazendo pontes com a discussão conceitual. Ajudou a mudar um pouco a nossa própria concepção de universidade. E trazem para dentro da sala todo o

seu afeto no sentido mais amplo. Criou-se uma relação muito mais íntima e coparticipativa entre todos.

Lucas – Eu lembro que eu tive tanta dificuldade de lidar com essas coisas, que, na época da tese, eu tive que criar a entre-tese, que eram as páginas azuis, porque eu não conseguia botar no meio do texto.

Porque a academia vai te cobrar sua formatação, sua linguagem, aquela estrutura mais ou menos padrão.

Lucas – É. Eu não conseguia lidar. Eu disse: "Como é que eu vou lidar com isso?" Eu fico pensando muito nas coisas que você fala a partir disso.

Igor – É, e, às vezes, essas coisas que estão constituindo a historicidade do pesquisador, aquilo que o está influenciando, mas que não tem como colocar nas referências finais; mas elas acabam aparecendo no único espaço que talvez possa tentar captar isso, que são os agradecimentos do trabalho.

Lucas – E nas epígrafes.

Outro problema também do trabalho intelectual que nós temos é o individualismo. Um dia deveríamos fazer uma revolução, porque não é possível você dizer "este trabalho, de Rogério Haesbaert", escrito ali como de um único autor. E o trabalho está repleto de influências que você teve em toda a sua vida, de múltiplas pessoas, de tantas ideias de outros, de sugestões ... Mas nada disso está expresso ali. É como se o trabalho fosse só seu, individual, um trabalho que apenas você fez, você escreveu e assinou, mas que na verdade é fruto de todo um intercâmbio e de múltiplas influências. Isso gera também todo um dilema sobre a "posse" desse trabalho, zelo ou inveja e a disputa com outros "autores", como se no âmbito intelectual o coletivo praticamente não existisse, e muito menos uma descoberta estar ocorrendo em locais distintos praticamente ao mesmo tempo.

Voltando a uma pergunta anterior, sobre as questões do futuro: eu acho que essa dimensão afetiva da Geografia, a Geografia emocional, afetiva, sensível e do próprio corpo, isso ainda tem muito para ser expandido, explorado, com certeza. Aliás, afeto já há um bom tempo está na ordem do dia. Na própria Geografia anglo-saxônica eles têm explorado muito essa dimensão. Fica claro também no diálogo com filósofos como Gilles

Deleuze. E, através desse autor, a questão do desejo também, que Foucault deixou meio de lado – eu deixei de lado [risos].

Igor – Nesse bloco, tinha uma passagem do Milton que foi resgatada, depois, por algumas abordagens com os autores da Geografia Cultural, mas acho que até num sentido mais amplo, em que o Milton diz que um dos erros, ou frustrações, da Geografia foi deixar de ser arte e querer ser somente ciência. E você já mencionou isso, de alguma maneira. Como se a Geografia pudesse voltar a ser algo como uma ciência-arte. Algumas áreas também se colocam um pouco nesse campo – arquitetura e urbanismo, por exemplo, que têm toda uma preocupação estética também com aquilo que estão produzindo. Quando Milton está falando que um dos problemas da Geografia foi deixar de ser arte quer dizer que um dia ela foi. Pelo menos, é uma interpretação que podemos fazer...

Sim, basta lembrar a forma de escrita, tão rica e literária, de muitos de nossos clássicos, de Humboldt a Vidal, de Ritter a Dardel. Mas, por outro lado, Milton falou que a Geografia era a *filosofia das técnicas*.

Igor – É, aí é o desdobramento da obra dele.

Costumo brincar dizendo que Milton trouxe razão e emoção no subtítulo do livro *A Natureza do Espaço,* mas a emoção ficou pra depois, apareceu mais no final da vida dele, foi muito pouco desdobrada, ficou muito mais a dimensão racional, teórica – apesar das apropriações artísticas feitas no final, como as de Denise Stoklos. Numa entrevista com ela ele afirma que sua educação artística "foi muito pobre"[44].

Igor – Mas como você acha que isso pode se desdobrar?

O grande problema é a dicotomia que nós construímos, especialmente após o Renascimento: arte de um lado e ciência do outro. E essa é uma das dicotomias que temos menos discutido. Temos discutido várias outras – subjetivo e objetivo, individual e coletivo, natureza e sociedade –, mas temos de investir mais nisso. Eu acho que esse campo que está crescendo, de uma Geografia dos afetos, vai ajudar um pouco a fazer

[44] Entrevista disponível em: http://www.geocrocetti.com/msantos/stoklosmilton.htm.

essa superação, com o cuidado para não firmar outra simplificação, caindo no subjetivismo acrítico. Mas eu diria que depende do conceito de arte. Também tem isso. Dizer que Geografia é uma arte, mas tentar ver que conceito é esse que estamos tratando. Ao contrário do que aconteceu com o artesão, cujo trabalho juntava funcionalidade e arte, expressividade, o capitalismo foi cada vez mais fragmentando o processo de trabalho e acabou não só criando a extrema especialização funcional que tudo contabiliza e mercantiliza, como instituiu, numa determinada modernidade, a máxima da forma igual à função – como na arquitetura de Le Corbusier. Como eu lembrava naquele texto *Território, poesia e identidade,* arte vem do latim *ars* que está ligado a talento, saber fazer, e que antes ainda estava associado à técnica, ao que é feito pelo homem, ao *art*ificial. Nesse sentido de técnica não dissociada da arte é que releio a expressão de Milton, da Geografia como filosofia das técnicas. E aí chegamos à ideia de artifício ...

Lucas – O artefacto. Arte e fato, *facto*.

Sim, acabei de lembrar, com hífen. Como eu propus para o entendimento da região no livro *Regional-Global*. Foi uma intuição que eu tive a partir de muitas análises, propor a região como *arte*-fato, artifício e fato ao mesmo tempo, um pouco um misto de realidade e ficção, eu diria hoje. Porque nós somente trabalhamos com os ditos fatos, durante muito tempo tomamos a região e, por extensão, o próprio espaço, apenas como um dado da realidade a ser re-conhecido (com hífen). Mas no âmbito humano, bem sabemos, o ato de fazer, concretamente, e pensar, imaginar, criar, vêm sempre juntos. Às vezes até a imaginação precede a produção efetiva, e não é redutível a ela. Por isso nossa dificuldade de ter um trabalho estritamente objetivo. É como se, desde Descartes, tentássemos reduzir a concepção de humano ao ser pensante, racional. Mas ser "humano" é também usar a imaginação, a criação, totalmente impregnada de sentimento, de emoção e, sem dicotomizar, de arte.

Lucas – Sim, porque também cria uma dicotomia: a ciência apenas racional e, a arte, emoção.

Apenas emocional ou subjetiva.

Igor – É, a arte também tem as suas racionalidades.

E o quanto inspira, impregna a nossa razão. Percebi claramente isso ao participar de eventos ligados às artes, especialmente em Minas, no Museu da Pampulha e no Festival de Ouro Preto. Eles queriam discutir território e multiterritorialidade, e eu aprendi muito com eles também. A abertura do nosso imaginário instigado pelo campo artístico é ilimitada. Daí sua importância para a criação, a invenção de outros mundos, de outros territórios.

Igor – Seguimos para a última parte, com as questões finais. E também, se quiser falar qualquer coisa que nós não tenhamos contemplado, Rogério, fique à vontade.

PARTE 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Igor – A penúltima pergunta é para os geógrafos que estão ingressando na Geografia. Se você pudesse apontar alguns conselhos, algumas sugestões. No que você poderia contribuir?

Dar conselhos sempre é complicado, especialmente com a diferença geracional que temos hoje.

Igor – Porque dá uma responsabilidade...

Acredito que cada um, na riqueza de sua individualidade e de seu compromisso coletivo, se conhecendo e dando de si o melhor, pode "aconselhar" (entre aspas) pelo exemplo. Ter paixão pelo que faz já é um bom começo. Uma marca do que eu faço, apesar de tudo que falamos aqui das racionalidades geográficas, é estar apaixonado por aquilo com que me envolvo. Podem achar isso piegas ou exagerado, mas pra mim não há dúvida. Eu acho que eu nunca deixei de estar apaixonado pela Geografia, pelo espaço, pela diferenciação do espaço, pela abertura pra outros horizontes possíveis – inclusive viajando – mas também, é claro, na leitura crítica e na luta contra a desigualdade desse espaço. Um pouco como na interpretação de Doreen Massey, o espaço como campo ou dimensão da multiplicidade, ao mesmo empo diferente e desigual – as "geometrias do poder" no espaço-tempo. Eu acrescentaria aí o espaço como esfera da mudança de perspectiva, essa busca permanente, que eu alimentei desde pequeno, de, mesmo em meio a tantas adversidades, lutar por abrir horizontes, por conhecer e aprender com o Outro e, assim, transformar seu espaço, contra explorações, dominações e opressões de várias ordens. Nunca perder a fé nessa luta.

É "jogando-se" no espaço, na vivência das diferenças no e do espaço que você percebe e pode compreender o outro. E percebe e constrói a sua própria diferença. Aí inseridas, é claro, também, as diferenças de grau, as desigualdades. Então eu acho que é nesse jogo que temos de estar mergulhados. Sempre desenvolvendo também, como pudermos, a nossa sensibilidade, a nossa percepção e vivência de mundo; nos jogarmos de fato naquilo que fazemos. E entrar nesse jogo acreditando na transformação mútua, sua e do mundo. Acho que isso é fundamental, mais do que nunca, porque muitas vezes parece que as coisas estão indo todas para trás. O que não deixa de ser uma transformação, mas

uma transformação em retrocesso. Claro que precisamos sempre aprender com o passado, e muitas vezes colocar limites e aceitar alguns retrocessos – aparentes, pois sempre vêm com outra roupagem, como na leitura que fazemos hoje da ancestralidade dos povos originários. Há, assim, é claro, o bom e o mau "voltar atrás". O que estamos vendo é um voltar atrás para pior, mas isso não pode desmobilizar os mais jovens, ao contrário, é por outro futuro, um outro espaço-tempo, mais do que nunca, que eles têm que lutar.

Sei que não é fácil falar aos geógrafos que estão iniciando, mas creio firmemente que a Geografia, e uma Geografia "integral-integrada", crítica, mas também prática, desde o nível das relações cotidianas, por mais difícil que pareça, nunca foi tão importante como agora. Nunca um pensamento que integre cultura(s) e natureza(s), reflexão, sentimento e ação – um "sentirpensarfazer", para além de Fals Borda, foi tão necessário.

Lucas – Uma reafirmação da utopia...

Sim, mas tem que ter muito cuidado porque, além de ter ficado meio fora de moda, utopia é uma palavra que, no senso comum, poucos acreditam que seja mobilizadora. "Utopia" parece algo muito distante do cotidiano, das práticas e lutas efetivas. Tem até um sentido negativo amplamente difundido: "essa ideia é utópica", como se fosse completamente idealizada, que nunca irá se concretizar. Precisamos de outra concepção de utopia, e alguns colegas geógrafos têm pensando nisso. Uma utopia que incorpore também o tempo, topos e cronos – lembrei agora do cronotopo de Bakhtin, que justamente propõe reunir espaço e tempo. Precisamos recuperar a ideia de um outro mundo que tenha raízes firmes no aqui e agora – que é também, claro, acúmulo de espaços passados. Transformar, criar um novo espaço-tempo a partir do que aí está – e do que acumulamos. Às vezes, não percebemos ou menosprezamos coisas pequenas do nosso cotidiano que são transformadoras, que podem representar o embrião de um mundo diferente. E tudo começa na nossa relação e no nosso afeto com os que caminham do nosso lado. Eu acho que uma revolução do e pelo afeto também está faltando. Até parece que estamos tendo, mas totalmente enviesada, através de um afeto muito nefasto, o ódio. "Amor" é uma palavra também fora de moda, menosprezada e é uma palavra que eu acho que tem que ser relida, ampliada e revivida. Porque, no momento em que aprendemos a amar, as coisas obrigatoriamente mudam, nossa "utopia" se torna menos utópica [risos]. Não tem

como mudar sem amar minimamente aquilo que se está fazendo, engajar-se em todas as dimensões, descobrir ou criar vínculos; e amar a diferença do outro, inclusive. É muito difícil, eu sei, pode soar idealista, até porque para que isso de fato se efetive é preciso primeiro destruir muita coisa, incluindo a tremenda brutalidade, a opressão, a violência, o ódio. Com eles regendo as nossas relações parece impossível promover vínculos, nos inserir no mundo dos outros, aprender e transformar. E mudança efetiva só se dá quando conjugada, coletivizada, constantemente ampliada, pois lá na ponta está o grande capital, especialmente o financeiro, como regente maior, com seu individualismo e sua mercantilização generalizada. Enfim, um jogo de escalas desafiador, mas que é preciso, de múltiplas formas, encarar.

Igor – E aí a última pergunta. Você falou de várias frustrações. E aí, quais são?

As frustrações? No coletivo, são muitas, sobretudo quando a sociedade, como já foi comentado, parece estar retrocedendo. Em um nível pessoal, já falei de algumas, como as do lado artístico – poeta, desenhista... – mas isso é relativo, também, porque, caramba, eu já fiz tantas coisas, algumas que nem imaginava que um dia iria fazer. E sempre batalhei muito, trabalhei duro, pelo que eu queria – talvez até, às vezes, com excesso de disciplina. Isso também dá um valor redobrado. Mas é claro que há frustrações, sempre vai haver. A vida é assim, um jogo de perdas e ganhos. Como já foi dito, perdemos ou deixamos de ganhar algo em determinado momento para poder ganhar algo mais relevante mais à frente. Precisamos avaliar bem o quanto iremos ou estamos dispostos a perder frente ao que iremos efetivamente ganhar. E em termos de significado, de busca de sentido para nossa vida, como nunca explicamos o que é de fato esta vida, ou para que estamos aqui – e de repente vamos embora, sem volta – pode ficar sempre um vazio. Alguns buscam a fé religiosa como fuga ou fortalecimento, eu respeito muito, mas não é o meu caso. O que importa é não deixar que essa falta de sentido, ou a incerteza em sentido mais amplo, tome conta da nossa vida, e encontrar um propósito firme pelo qual lutar, aqui e agora, sempre que possível unindo os planos individual e coletivo.

Igor – Mudando de assunto, e voltando à aposentadoria...

Lucas – O ritmo de trabalho e as demandas são diferentes de quando você estava dando aula também para a graduação, não é?

Sim, alguns compromissos são distintos, mas você corre o risco de assumir mais compromissos que você não assumiria antes, pensando no compromisso com a graduação. Eu não fiz ainda bem o balanço, mas vou ter que ter muito cuidado, porque a vida também tem a dimensão corpórea, vai diminuindo nossa capacitação física. O intelectual muitas vezes menospreza ou mesmo esquece sua dimensão biológica. Só lembra quando adoece. É quase inevitável. Você também tem que diminuir seu ritmo de trabalho. Por isso que inventaram a aposentadoria. [risos] Só que, no meu caso, eu não queria, falava até que nunca iria me aposentar. Primeiro, não pensava no meu corpo, desde o fato simples das viagens de ônibus mais caminhada ou de dois ônibus e barca até Niterói, durando de uma a duas horas, dependendo do trânsito, o quanto se tornariam tão cansativas. Segundo, as consequências da ascensão deste governo ultradireitista para as universidades e, ao mesmo tempo, a oportunidade de, com a minha saída, a entrada, ainda, de novos colegas muito bons, que já estavam aprovados em concurso. Agora é diminuir o ritmo, mas isso não é nada fácil. Estou agora como professor em três cursos de pós-graduação: UFF, Buenos Aires e Tucumán, além dos frequentes convites para cursos concentrados em outras instituições. Continuam muitos, também, os convites para conferências, bancas, artigos e pareceres. E tem talvez o principal, e que tanto me envolve, intelectual e afetivamente, o meu grupo de pesquisa, o NUREG, com pessoas de vários níveis e origens acadêmicas, com quem sempre aprendo – e vivo – muito.





`



Figura 14: Rogério em seu laboratório (NUREG), com colegas da Educação e da Geografia, pós-graduandos e graduandos, em 2007 (com Carlos Walter), 2014 e 2019, respectivamente

Lucas – E em termos de produção, Rogério, o que você vem preparando?

Bem, agora, com a aposentadoria, eu estou pensando: "Poxa, vou conseguir terminar livros que eu tinha planejado, mas que nunca conseguia escrever". Se você olhar no meu computador, tem várias propostas que eu tentei levar em frente e não avancei. E tem coisas que eu já produzi que eu poderia reunir, aprofundar e dar certa coesão, como eu fiz com *Viver no limite*. Então tenho vários projetos pela frente.

Tem o novo livro das crônicas de viagem. Tem um mais vinculado com a dimensão cultural do espaço – desde aquele texto das identidades territoriais, que eu escrevi em 1999, percebi que poderia reunir esse material, rever numa estrutura ampla, aprofundar alguns pontos e publicar. Outro projeto tem relação com a atual pesquisa do CNPq, sobre o território como categoria da prática numa perspectiva latino-americana. Tenho muito material que poderia trabalhar na forma de livro, discutindo a relação entre o território e a descolonialidade[45].

Igor – Mas, agora, o poder da escolha, do que fazer, é um pouco maior do que quando tinha trabalho na graduação ...

Pra falar a verdade, eu somente percebi que estava aposentado, somente agora, pois a aposentadoria coincidiu com o período do acidente[46]. Eu não estava dando aula porque estava afastado pelo acidente. E agora, no segundo semestre, já vou entrar no curso da pós, então eu não vou sentir tanta diferença. Talvez no primeiro semestre do ano que vem é que eu vá perceber. Mas uma coisa que eu já estou notando – pelo menos em período como junho-julho, que era a época de corrigir trabalhos e provas – é o tempo que tenho para ler sobre o mesmo assunto no qual estou trabalhando. Antes acumulava uma grande quantidade de textos que queria ler, e, por falta de tempo, não conseguia, não dava conta, faltava continuidade. Agora a leitura tem outro ritmo, é mais tranquilo.

Igor – Um trabalho intermitente: começa, para; começa, para...

Isso, exatamente, vocês devem conhecer bem. É complicado.

Agora em agosto, iniciando o curso na pós, essa tranquilidade já acabou.

[45] Este projeto resultou no livro, já citado em outra nota, "Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina", publicado em 2021 pela Clacso e PosGeo UFF e disponível on line: https://www.clacso.org/territorio-e-descolonialidade/

[46] Atingido por um carro em dezembro de 2018, resultando na fratura e cirurgia de uma perna.

Sobre o "poder de escolha", ele é sempre relativo, no jogo entre o que queremos, o que é possível individualmente, os nossos compromissos coletivos e a expectativa dos outros sobre nós. Nesse sentido, temos de cuidar para não nos transformarmos naquilo que é mais a expectativa dos outros do que de nós mesmos, o que os outros esperam de você. Durante um tempo eu fui um pouco assim: vivia mais em função do que os outros estavam esperando que eu fosse do que o que eu efetivamente era, no embate entre o que gostaria e o que podia efetivamente ser. É um jogo difícil. Ainda mais quando também temos consciência de nossa responsabilidade social, até pelo passado que tivemos e pelas interações que construímos, pela posição política que assumimos. Eu, além da posição política crítica, à esquerda, ainda carrego muito da influência do cristianismo franciscano da infância e adolescência, o pensar constantemente na solidariedade com os mais fracos, na justiça social. Assim, não é fácil, em certos momentos, como já falamos, priorizar o individual frente ao coletivo. É um compromisso social que você tem e que te realiza também. No meu caso acho que, minimamente, consegui nesses sessenta anos de vida um equilíbrio na conjunção entre a realização de certa felicidade individual e de um propósito social mais amplo. Apesar de todos os constrangimentos, ainda temos alguma opção para escolher e batalhar por um propósito de autonomia individual conjugado com a luta coletiva por um mundo mais justo, solidário e promotor do comum. E, como já falei, sendo assim coerentes entre o exemplo de nossa vida pessoal e o que almejamos de modo mais amplo em termos de transformação social. Uma geografia crítica e autonomista, mas também solidária, é construída sempre na interseção de múltiplas escalas, e nenhuma delas pode, a priori ou fora de um contexto espaço-temporal, ser considerada como mais relevante.

Igor – Agora são 18h15. Chegamos aqui às 14h. Quatro horas, uma conversa longa...

Realmente foi longa, mas nem vimos o tempo passar. Foi muito bom conversar com vocês. Muito obrigado pela oportunidade.

CRONOLOGIA

FORMAÇÃO

Nascimento: 31 de março de 1958

Ensino fundamental: Grupo Escolar de Mata (1º e 2º anos do "Primário"): 1965-1966; **Escola Estadual Borges de Medeiros, São Vicente do Sul** (3º e 4º anos do "Primário", "Exame de Admissão" e 1a série do "Ginásio"**):** 1967-1969; **Colégio Estadual Coronel Pilar, Santa Maria** (2ª e 3ª séries do "Ginásio"): 1970-1971; **Colégio Estadual Profa. Maria Rocha, Santa Maria** (4ª série "Ginásio" e 3 anos do "Científico", com ensino profissionalizante em "Tradutor e Intérprete"): 1972-1975

Graduação na UFSM (licenciatura): 1/1976 – 1/1980

Graduação na UFSM (bacharelado): 1**/**1977 – 2/1980

Mestrado na UFRJ (orientação: Bertha Becker)**:** 1982 – 1986

Doutorado na USP (orientação: Heinz Dieter Heidemann, orientador no estágio doutoral na França: Jacques Lévy)**:** 1990 – 1995

Pós-Doutorado na Open University, Inglaterra (supervisão: Doreen Massey)**:** 2002 – 2003

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Professor Curso Pré-Vestibular Hugo Taylor, Santa Maria: 1977

Professor FIC (Fac. Filosofia, Cs. e Letras Imac. Conceição), S. Maria: 1980-1982

Professor Colégio Bahiense, Rio de Janeiro (1º. Grau): 1983-1985

Professor Colégio Andrews, Rio de Janeiro (1º Grau): 1984

Professor Concursado da Rede Estadual do Rio de Janeiro: 1985

Professor Concursado do Colégio Newton Braga (Min. Aeronáutica-RJ): 1985-1987

Professor da PUC-Rio de Janeiro: 1985-1987

Professor da Universidade Federal Fluminense, Graduação: 1986-2019

(Coord. do NUREG: 1994-atual, Tutor do PET-Geografia: 1996-2000, Pesquisador CNPq: 1998-atual; Professor Titular: 2016)

Professor da Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduação: 1999-atual

Professor da UBA (Buenos Aires), Pós-Graduação: 2010, 2013, 2017-atual

EVENTOS A PARTIR DA ENTREVISTA

1958: nascido e registrado em São Pedro do Sul, muda meses depois para zona rural de Mata.

Primeira infância (1958-1964): São José do louro, zona rural de Mata (então distrito de São Vicente do Sul) – interesse precoce por mapas e pelo Rio de Janeiro (improvisava discursos).

1964 (aos 6 anos): mudança para a vila de Mata, que então se emancipava. Primeira viagem de trem, com o pai, até São Pedro do Sul (retorno antecipado por temor da mobilização militar [golpe] nos quartéis de Santa Maria).

1964-1966, em Mata: solicitava cadernos de presente para desenhar mapas; trabalho diário: buscar o "terneiro" (bezerro) no campo.

1967-1969, **em São Vicente do Sul:** escrita de um almanaque geográfico para a escola; participação em concurso de geografia na praça; primeiro trabalho remunerado: vendedor de revistas na rua.

1970 (12 anos): muda para Santa Maria; funda o "Clube Amigos da Quadra", com jornalzinho mimeografado.

1971 (13 anos): viagem (sozinho) a Santa Catarina, presente de uma prima; conhece o mar na Praia do Rincão.

1972 (14 anos): primeiro emprego formal, como "aprendiz de empacotador" nas lojas Riachuelo.

1972-1973: participação e vitória em concursos de Geografia no programa "Música e Cultura", da rádio Imembuy, em Santa Maria.

1975 (17 anos): anúncio numa revista do Rio de Janeiro para "troca de selos, postais e mapas", início dos "correspondentes" de todo o Brasil e exterior (Chile, México, Canadá e Alemanha).

1976: aprovado em 1º lugar no vestibular para Geografia na UFSM (pensou também em cursar Comunicação Social, mas no ano seguinte faz novo vestibular para Bacharelado, criado na época como curso distinto). Monitor de Mineralogia, que depois proporcionou trabalho de campo por todo o planalto catarinense, coletando amostras de rocha com o geólogo Pedro Sartori.

1977: faz treinamento em Porto Alegre para trabalhar como atendente do crédito educativo pela Caixa Econômica Federal na UFSM. Após 8 anos morando em casas alugadas em 4 bairros, pai e irmão adquirem casa no Campestre do Menino Deus, periferia de Santa Maria. Primeiro emprego como docente em curso Pré-Vestibular.

1978: participação do III Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) em Fortaleza - CE. Visita pela primeira vez a Bahia, atravessando o oeste, que será sua principal área de estudo no doutorado.

1979: publicação de pequenos artigos ("Pela unidade da Geografia" e "Uma Geografia para o desenvolvimento") no jornal Correio do Povo, Porto Alegre.

1980: em julho, forma-se como professor de Geografia. No Encontro da AGB-Porto Alegre em Caxias do Sul conhece Bertha Becker. Realiza estágio em Fotogrametria na Divisão de Serviço Geográfico, em Porto Alegre. Publica crônicas geográficas no diário A Razão, de Santa Maria. Conhece Alvaro Heidrich e é aluno de Dirce Suertegaray, então professora da UFSM.

1980-1982: primeiro emprego no ensino superior, na FIC (hoje UNF) em Santa Maria, ensinando Mineralogia, Biogeografia, Geografia do Rio Grande do Sul e Geografia do Brasil.

1981: em janeiro, forma-se como geógrafo pela UFSM, com trabalho de conclusão orientado pelo geógrafo Aluizio Duarte, do IBGE-RJ. Convidado para ministrar curso intensivo de Geografia Urbana e Geografia Agrária pela UFSM no "Projeto Santa Rosa", em Santiago-RS.

1982: aprovado em 1º lugar no mestrado em Geografia da UFRJ, sob orientação da Profa. Bertha Becker. Muda para o Rio de Janeiro, residindo nos bairros de Santa Tereza e Lapa. Publica seu primeiro livro, "Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul", em coautoria com Igor Moreira.

1982: apresenta trabalho a partir do TCC no encontro da AGB em Porto Alegre - RS, onde, via Milton Santos, seu professor no mestrado, conhece Jacques Lévy, futuro orientador na França.

1983: início da docência na educação básica no Colégio Bahiense em Jacarepaguá no Rio de Janeiro. A convite do prof. Milton Santos, realiza pesquisa na Vila do João/Maré, Rio de Janeiro.

1983: organiza, com Bertha Becker e Carmen Silveira, o livro "Abordagens Políticas da Espacialidade", a partir do Simpósio sobre Uso Político do Território, da UGI, em Belo Horizonte.

1984: professor no Colégio Andrews, Botafogo, Rio de Janeiro. Apresenta pesquisa sobre a Vila do João no congresso da AGB em São Paulo, com a presença do orientador, Milton Santos. Aprovado em concurso para professor da rede estadual do Rio de Janeiro (atua por pouco tempo em escola do Sambódromo).

1985: aprovado em 1º lugar em concurso para prof. do Ministério da Aeronáutica (Colégio Newton Braga) e da Universidade Federal Fluminense.

1987: publica o artigo "Territórios Alternativos" no Jornal do Brasil.

1988: publica o livro "RS: Latifúndio e identidade regional", pela editora Mercado Aberto, Porto Alegre, fruto da dissertação de mestrado defendida na UFRJ em 1986.

1990: inicia o doutorado na USP sob orientação do Prof. Heinz Dieter Heidemann, com viagens semanais Rio-São Paulo, onde cursa disciplina com Milton Santos.

1992: estágio doutoral no Instituto de Estudos Políticos (Paris, França) sob orientação de Jacques Lévy. Primeira viagem à China, que resulta no livro "China: entre o Oriente e o Ocidente".

1994: funda o "Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização" (NUREG), atualmente, após a entrada de Timo Bartholl, denominado "Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização", com a mesma sigla.

1995: defende tese de doutorado na USP. Participa da Conferência da UGI "Global Changes and Geography" na Universidade de Moscou, com trabalho de campo no lago Baikal, na Sibéria.

1996: funda o PET – Programa de Educação Tutorial de Geografia na UFF (tutor até o ano 2000).

1997: publica o livro "Des-territorialização e identidade: a 'rede gaúcha' no Nordeste", a partir da tese de doutorado, prefaciado por Milton Santos.

1998: bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq, com a pesquisa "A região frente aos processos de globalização/fragmentação e a formação de uma região transfronteiriça entre países do Mercosul". Realiza trabalhos de campo com bolsistas IC no Paraguai, Argentina e Uruguai. Organiza a coletânea "Globalização e fragmentação no

mundo contemporâneo", a partir do trabalho na área de Geografia Regional, com colegas da UFF e João Rua, da PUC-RJ.

1999: criado o curso de mestrado em Geografia da UFF, do qual participa ativamente desde o projeto. Funda, com outras/os colegas, a revista GEOgraphia, onde é responsável pela seção Nossos Clássicos, traduzindo vários artigos e propondo a seção Conceitos Fundamentais da Geografia.

2002: publica o livro "Territórios Alternativos" pelas editoras Contexto e EdUFF.

2002 - 2003: estágio pós-doutoral na Open University, sob orientação de Doreen Massey, residindo um ano em Londres. Participação de Colóquio em Cérisy, França, a convite de Jacques Lévy.

2004: publica o livro "O Mito da Desterritorialização" pela editora Bertrand Brasil, fruto de sua pesquisa de pós-doutorado.

2005: organiza a visita de Doreen Massey ao Brasil (UFF e ANPEGE-Fortaleza).

2006: publica o livro "A nova des-ordem mundial", com Carlos Walter Porto-Gonçalves. Como pesquisador convidado pela profa. Lia Machado participa no Projeto Faixa de Fronteira do Ministério da Integração Nacional, com trabalho de campo ao longo da fronteira Brasil-Paraguai.

2007: publica "Identidades e territórios: questões e desafios contemporâneos", organizado com Frederico de Araújo (IPPUR-UFRJ).

2008: traduz para o português, juntamente com Hilda Pareto Maciel, o livro "Pelo Espaço", de Doreen Massey.

2009: professor visitante na Universidade de Toulouse II - Le Mirail, UTM, França.

2010: publica o livro "Regional-Global", editado também em espanhol em 2019.

2011: professor visitante na UNAM - Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, México. Lança "El mito de la desterritorialización" em espanhol, pela ed. Siglo XXI, México. Publica "Geografías Culturales: aproximaciones, intersecciones y desafíos", organizado com Perla Zusman, ambos representantes da Comissão de Geografia Cultural da UGI na América Latina.

2012: publica o livro "Vidal, Vidais", organizado com Sergio Nunes e Guilherme Ribeiro, coletânea de artigos traduzidos de Paul Vidal de la Blache.

2013: publica o capítulo "A global sense of place and multi-territoriality" no livro "Spatial Politics" em homenagem a Doreen Massey. Organiza,, com Carlos Vainer, Carlos Walter

Porto-Gonçalves e Valter Cruz, do IV Encontro da Cátedra América Latina e Colonialidade do Poder, que trouxe ao Rio de Janeiro intelectuais como Aníbal Quijano, Edgardo Lander e Catherine Walsh.

2014: publica o livro "Viver no Limite", editado também em espanhol em 2019.

2016: realiza concurso para Professor Titular da UFF. Professor visitante no Colegio de Michoacan, México, com trabalho de campo no município autônomo de Cherán.

2017: publica o livro de crônicas de viagens "Por Amor aos Lugares", editora Bertrand Brasil. Recebe o prêmio Manuel Correia de Andrade - Geógrafo Destaque, da ANPEGE. Professor visitante na Universidade Politécnica Salesiana, Equador, com trabalho de campo na comunidade quíchua de Cayambe. Evento e trabalho de campo junto aos mapuche no sul do Chile.

2018: professor visitante na Universidade de Antioquia, Medellín, Colômbia.

2019: aposenta-se na UFF, continuando como professor do Programa de Pós-Graduação e pesquisador CNPq pelo NUREG.

2020: publica o livro de crônicas geográficas "Travessias", editora Consequência. Publica, em coautoria com Ana Angelita Rocha, biografia de Doreen Massey em "Geographers: bibliographical studies".

2021: publica o livro "Território e Descolonialidade", pela CLACSO e PosGeo UFF.

2023: recebe o prêmio Milton Santos do Mérito Científico durante o "XIX Encuentro de Geografías de América Latina y el Caribe (EGALC)". Publica o livro "I-mobilidades globais e dispositivos de contenção territorial na metrópole".

Nota: Enquanto concluímos a edição deste livro, no início de 2024, o Prof. Rogério mantém seu envolvimento em diversas frentes de atuação, incluindo pesquisas, participação no NUREG, orientações a estudantes, participação em bancas, eventos, consultorias, autoria de livros e artigos, cursos em outras universidades, entre outras atividades acadêmicas.